

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO  
ANO IV - Nº 10 JANEIRO MARÇO 1984

# RESENHA

As DIRETAS no Império

Mimbo — A resistência da  
comunidade negra

Renato Castelo Branco  
Vida e formação

Fontes Ibiapina  
por Alcenor Candeira  
Entrevista

O Cangaceiro na  
Literatura Popular



# BARRAGEM DA LAGOA DO CAMPO LARGO



**Ação concreta do  
Projeto Maidense.**

As ações de valorização hidroagrícola da Lagoa do Campo Largo, no município de Pernambuco, representaram, a exemplo das ações na Caixa do Buriti, a constituição da interação do Estado na base de soluções que garantem a formação definitiva e duradoura, de que o Poder público pode ter resultados diretos e tangíveis. O Projeto Maidense, comunitário em suas bases, o Governo Hugo Napoleão é baseado exclusivamente no princípio de respeito e valorização das comunidades do Povo. Nós queremos configurando como elemento de vital importância a permanecendo o MAIOR DO MAIOR, na Lagoa do Campo Largo, não só para a realização de um projeto que atraia a agricultura da colheita da serra da triagem de 2.500 hectares e sua produção a ser destinada ao abastecimento da serra do campo Largo, média de 4 toneladas por hectare, por serra. Com este projeto, aumentaria a arrecadação de tributos, e o Povo Hugo Napoleão, além de promover a segurança alimentar e social, em seu Plano de Ação. É a ação do Governo para o desenvolvimento sustentável, fundamentalmente se no campo, com concentração de populações rurais, permitiu maior nível de produtividade, maior geração de empregos e maior nível de renda, através da geração de oportunidades de trabalho. E a transição da economia rural para a industrializada, com destaque para a indústria têxtil, que é o principal setor econômico do Piauí no novo mês.

## CARACTERÍSTICAS DO PROJETO

Largura da barragem:  
Até a ser executada:  
700 metros  
Profundidade media:  
100 metros

Largura da embocadura:  
2.500 hectares  
Altura:  
100 metros

### Situação da superfície:

Possível uso: 4 etapas:  
Uma: Barragem de Assunção e Cachoeira SIBAC  
Uma: Cachoeira T-3  
Uma: Barragem de Pernambuco  
Uma: Barragem de Pernambuco - SIBAC - SIBOPPI  
Barragem Térmica Central de Aguiar  
Centro de Acabamento Têxtil e Industrial, Bata  
M&T

Organizações envolvidas: Prefeitura de Barras, Poder Executivo, Poder Legislativo, Município Federal, Município Banco do Brasil.



# EDITORIAL

A comemoração da Batalha do Jenipapo, a 13 de março último, em Campo Maior, marca, com profunda nitidez, o sentido da vigente política cultural do Piauí.

De fato, ao reformar o Monumento do Jenipapo, nele registrando, em painéis de aço inoxidável, os atos de bravura dos que lá tombaram pela independência do Brasil no distante 13 de março de 1823, tenta-se fazer lembrar que uma Nação se constrói com sacrifícios e destes, a partir dos primórdios, o Piauí tem participado de forma efetiva, inclusive com a perda de muitas vidas. É uma maneira de avivar a memória, por vezes perdida, de reatar o compromisso histórico com os ideais de independência; de despertar o espírito de brasiliade e piauiensidade; de educar cívicamente para a vida. Outro não será o sentido da instalação do Museu do Couro, inaugurado no mesmo dia, compondo o complexo cívico-cultural de Campo Maior. Foi na trilha do boi que se conquistaram os "sertões de dentro", as lendárias terras do Piagohy de que nos fala Renato Castelo Branco. Tão embevecidos pela mística do boi, em torno das fazendas e dos currais, invertemos o itinerário tradicional da colonização brasileira - do litoral para o sertão - e, chegando tarde, só conseguimos "ganhar uma nesga do mar, que abre os horizontes e estimula os sonhos", no dizer feliz de Martins Napoleão.

Fazer cultura no Piauí implica, antes de tudo, em **piauiensizar**, em identificar traços caracterizadores de nossa formação cultural, aquilo que nos distingue e individualiza.

Em ambas as ações - Jenipapo e Museu -, como se vê, emerge a preocupação com as nossas raízes, com o essencial, com o permanente. Se na primeira busca-se afirmar nossa fidelidade às lições do cívismo do 13 de março, na segunda procura-se divisar nossa identidade cultural e esta tem bases fincadas, e bem fincadas, naquilo que Capistrano de Abreu nominou de "civilização do couro".

Em tudo, viva é a presença altaneira do vaqueiro, vaqueiro que, também no Jenipapo, derramou seu sangue na campina ressequida, no capim seco dos **campos maiores** do Piauí.

Jesualdo Cavalcanti

## PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

Governador do Estado do Piauí  
**HUGO NAPOLEÃO**

Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

**JESUALDO CAVALCANTI BARROS**

Presidente do Conselho Estadual de Cultura  
**BENJAMIN DO RÉGO MONTEIRO NETO**

Editor:  
**LENA MONTEIRO DE CARVALHO**

Conselho Editorial  
Carlos Evanirto Entali-  
Francisco Miguel de Moura  
Amauty Teixeira Nunes

Director Comercial  
José Elias Martins Arêa Leão

Secretaria  
Sônia Maria Setubal Cunha e Silva

### COLABORADORES:

Eduardo Maffei, Sônia Leal Freitas,  
Wilton Santos, Nelson Nunes, José  
Pereira Bezerra, Osvaldo Lemos,  
Renato Castelo Branco, Ari Campeão,  
Sônia Cunha e Silva, Aristides  
Bulhões.

Eduardo Maffei, Sônia Leal Freitas,  
Wilton Santos, Nelson Nunes, José  
Pereira Bezerra, Osvaldo Lemos,  
Renato Castelo Branco, Ari Campeão,  
Sônia Cunha e Silva, Aristides  
Bulhões.

Endereço da redação  
Av. Miguel Rosa, 3.300 - sul  
Fone: 223-4656 - 223-4657

Os conceitos e opiniões aqui  
expressos são de responsabilidade  
exclusiva dos autores dos textos.

Planejamento gráfico, composição,  
fotógrafo e impressão  
Companhia Editora do Piauí  
— COMEPI

# SUMÁRIO



ENTREVISTA  
Fontes Ibiapina, por Alcenor Candeira

10



ENSAIO  
A Fantasia na Literatura Infantil

16



PESQUISA  
MIMBÓ: A resistência da comunidade negra

21

FOTOGRAFIA  
A linguagem Fotográfica e Poética

24



CULTURA POPULAR  
O cangaceiro na Literatura Popular

27

CINEMA  
Redescobrindo o cinema

32

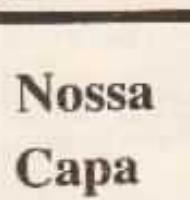


MÚSICA  
Triângulo e Sintetizador: por que não?

38

TEATRO  
O novo perfil do Teatro Piauiense

43



HISTÓRIA  
A luta pelas diretas no Império

46

DEPOIMENTO  
Renato Castello Branco fala de sua vida e  
de sua formação

49

## Nossa Capa



Museu Oficina do Couro, localizado em Campo Maior - PI, à rua José Paulino, Centro. Compreende-se de salas de exposição (cujo acervo reconstitui a memória das casas de fazenda), auditório para cursos e palestras, oficinas que fornecerão o trabalho artesanal em couro a ser vendido na lojinha, cantina e local para apresentações folclóricas. Administração e supervisão à cargo da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

# CARTAS

"PRESENÇA", órgão oficial dessa Secretaria de Estado, nos chegou às mãos nesta data, e com satisfação registramos que esse importante veículo de difusão cultural merece nosso aplauso pelo muito que poderá realizar em favor das Letras e das Artes, em suas diferentes modalidades, nesse Estado progressista.

JOAQUIM LORO DE MACEDO  
Secretário de Cultura e  
Desporto do Ceará

○ ○ ○

Foi com satisfação que recebi o exemplar de nº 9, ano IV, da revista "PRESENÇA", gentilmente enviado por V. Lx\*, pelo que apresento meus agradecimentos, não sem antes ressaltar a excelente qualidade de suas matérias e sua importância no estímulo e divulgação da cultura desse Estado.

ACFU CAVALCANTE  
Vereador -  
Câmara Municipal de Goiânia

PRFSENÇA, esta revista — testemunho do Piauí de hoje, é um bom exemplo dessa transformação do ambiente espiritual piauiense. Li dois números de PRESENÇA, nºs 8 e 9. Verifico com alegria que cada número se apresenta mais aperfeiçoado.

Falemos do seu conteúdo. O que pude observar foi que a mencionada publicação consegue reunir contribuições de gerações mais velhas com nomes novos. Os assuntos cobertos pela revista atestam um elevado nível de tratamento por parte de seus autores. As seções entrevista, gerais, patrimônio (com trabalhos de pesquisa histórica de alta valia), depoimento (esta seção marcará época), histórica (outra seção de grande mérito), cultura popular (com excelentes artigos), seções de contos, poesia, música, informações sociais e culturais sobre o Piauí, a seção ensaio crítico (esta seção também marcará época).

O que de recomendável se verifica nesta revista (oxalá outros governos futuros, independentemente

de coloração política, continuem mantendo PRESENÇA) é a alta qualidade literária de suas contribuições, todas convergindo para dar um quadro real do que se faz e se produz culturalmente no Piauí atualmente, todas representativas da terra de Da Costa e Silva, todas com sabor do Piauí, reunindo o passado e o presente da representatividade intelectual piauiense, no convívio harmonioso entre as gerações.

Cunha e Silva Filho  
Rio de Janeiro

ASSINE  
PRESENÇA



H  
U  
M  
O  
R



## FATOS & NOTÍCIAS

### 1º Concurso de Poesia Livre

A comissão julgadora do 1º Concurso de Poesia Livre "Da Costa e Silva", composta por A. Tito Filho, Socorro Magalhães e Carvalho Neto, premiou os poetas Nelson Nunes, Wilton Santos e José Pereira Bezerra. Classificaram, ainda, Edilberto Cipriano de Britto, Kenard Kruel, Rubervam do Nascimento, Emerson Araújo, Luiz Francisco da Rocha, Ozildo Batista de Barros, Francisco Harry Filho, V. de Araújo, José Luiz Gonçalves Vilhena e William Mello Soares.

No dia 14.03.84, Dia Nacional da Poesia, foi realizada uma feira popular de arte, especial, para entrega dos prêmios de Cr\$ 100.000,00 (Cem mil cruzeiros) cada um, aos três primeiros colocados e de livros para os dez outros classificados. Compareceram a solenidade de entrega dos prêmios o Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, o embaixador Alberaldo da Costa e Silva e o crítico Manoel Paulo Nunes, entre outros.

Várias atividades foram desenvolvidas, destacando-se recital de poema, A Queimada, de Da Costa e Silva, pelo Crutepe; Show musical a cargo de Laurence França e Francy Monte; recital de vários poemas de poetas contemporâneos, a cargo de autores da Federação de Teatro do Piauí.

### Biblioteca recebe livros

A Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell Carvalho recebeu cerca de 1.200 livros adquiridos pela Fundação Cultural do Piauí e de doação pelo Instituto Nacional do Livro. As obras, segundo o Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, representam muito para a comunidade piauiense, principalmente para os estudantes carentes, pois em sua grande maioria são livros didáticos.

### III Salão de Humor

O Secretário de Cultura, JESUALDO CAVALCANTI BARROS, baixou as normas regulamentares para o III Salão de Humor do Piauí, para o qual as inscrições estarão abertas até o dia 30.04.84. Poderão participar brasileiros ou radicados no Brasil há pelo menos 03 anos, nas modalidades: caricatura pessoal, charge, e cartum. Cada concorrente poderá apresentar até três trabalhos em cada modalidade e para cada uma haverá um prêmio de Cr\$ 200.000,00 (Duzentos mil cruzeiros) a ser conferido pelo júri e outro de 100.000,00 (Cem mil cruzeiros) através do voto popular.

### Cultura abre inscrição para Concurso de Teatro

Visando homenagear a figura de Jônatas Batista, nome mais expressivo de sua época entre que se destacaram na criação de peças para encenação pública ao mesmo tempo estimular a a teatral piauiense, foi instituído o Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros o 1º Concurso de Teatro Jônatas Batista, com inscrições abertas até o dia 31 de abril do corrente. Serão classificados os textos, para cuja montagem e encenação, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo concederão subsídios no valor de Cr\$ 500.000,00 (Quinhentos mil cruzeiros), por trabalho classificado.

### Esportes para todos

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através da Coordenação de Esporte Para Todos, fez realizar 50 colônias de férias nos Municípios e 5 na Capital, atendendo um total de 97.000 colônias, com assistência alimentar e atividades de lazer. As atividades se desenvolveram no per-

íodo da manhã entre 7 as 11 horas, com brincadeiras, jogos, ginâncias, competições, danças, ginásticas, iniciação desportiva, visando complementar o trabalho da Escola e da Família, dando ênfase à Educação e à vida da comunidade.



Colônia de Férias

## FATOS & NOTÍCIAS

### Itararé: A República dos Desvalidos

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Fundação Cultural do Piauí promoveram em Parnaíba a segunda apresentação da comédia musical de Afonso Lima "Itararé - A República dos Desvalidos".

A peça foi vista nas seguintes cidades: Pedra II, Piriá, Monsenhor Gil e na Capital Teresina (Projeto Teatro Aberto). A comédia é uma sátira às casas construídas pela COHAB, é patrocinadas pelo BNH e fala com muito humor sobre os problemas das casas populares.

A destacar, entre outros, os trabalhos dos atores Eliomar Filho, Lari Sales, Roberto Sabóia e Cândida Angélica, Eleonora Paiva. Muito boa a presença de público nas apresentações da peça.



Cena de "Itararé - A República dos Desvalidos"

### UBE dá títulos a dois intelectuais

Os escritores DAGOBERTO DE CARVALHO JÚNIOR e JOSE AFONSO DE ARAUJO LIMA receberam na noite de 01.02.84, respectivamente os títulos de intelectuais dos anos 82 e 83, das mãos do Presidente da União Brasileira de Escritores (Seção do Piauí), Pompilio Santos, em solenidade presidida pelo Secretário de Cul-

tura, Desportos e Turismo, na Galeria de Artes do Theatro Ópera de Setembro.

Após a solenidade de entrega dos títulos, foi representada no palco do Theatro a peça "Itararé - A República dos Desvalidos", de autoria do intelectual do ano de 1983, Afonso Lima.

### PROJETO PETRÔNIO PORTELLA

Em solenidade realizada no Palácio de Karnak, em 6.1.84, foi lançado oficialmente o Projeto Petrólio Portella.

Presente o mundo político e intelectual do Piauí, discursaram o Dep. Jesualdo Cavalcanti - Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, o Professor A. Tito Filho - Presidente da Academia Piauiense de Letras, o ex-Governador Lucídio Portella e o Governador Hugo Napoléão.

O Projeto Petrólio Portella, que será mantido por contribuições financeiras de 26 órgãos da Administração Estadual, é administrado pela SCDT e visa editar obras que reflitam o Piauí.



Ato de lançamento do Projeto Petrólio Portella

# I Reunião da comissão do centenário Da Costa e Silva



Retrato: Jairo Emílio Estrela - Instituto Da Costa e Silva

No dia 15 de março de 1984 aconteceu a I REUNIÃO DA COMISSÃO PARA O CENTENÁRIO DO POETA DA COSTA E SILVA. A Comissão assim constituída: Secretário de Cultura, Desportos e Turismo: Jesualdo Cavalcanti; Sub-Secretária: Leda Monteiro, embaixador e poeta Alberto Da Costa e Silva, Ricárdio José da Costa Pinto Neto (representante do MFC); Secretário de Educação: Atila Freitas Lira; Arimateia Tito Filho (presidente da Academia Piauiense de Letras), Benjamim do Rego Monteiro Neto (presidente do Conselho Estadual de Cultura), Ex-Secretário de Cultura: Manoel Paulo Nunes; jornalistas: João Emílio Falcão, Pompeu Santos, Wilson Fernando, e o Prefeito de Amarante Francisco Câmara.

No seu pronunciamento inicial, o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Deputado Jesualdo Cavalcanti, pediu a maior participação de todos em termos de elaboração do programa, com objetivo de um maior realce a nível nacional das comemorações. F

salientou que, é do interesse do Governador do Estado, inclusive nesse aspecto ele faz recomendações à própria Secretaria, que a comemoração no centenário não se restrinja a promoções isoladas, a eventos isolados, mas que envolva uma promoção ampla, a nível nacional, capaz de projetar a literatura do Estado do Piauí.

Da I Reunião foram tiradas as seguintes propostas:

- a - Lançamento da 3ª edição do livro "Poesias Completas";
- b - Lançamento da 1ª edição dos trabalhos críticos de Da Costa e Silva;
- c - Uma foto oficial do poeta para o Centenário;
- d - Uma Semana Da Costa e Silva em todas Escritórios piauienses;
- e - Utilização do Instituto Nacional do Livro para a publicação de obras do (não sobre o poeta);
- f - Um grande Seminário sobre Da Costa e Silva sua obra e seu tempo. Com a participação de

grandes nomes da literatura brasileira;

g - Instituir a Medalha do Mérito Cultural "Da Costa e Silva", que será outorgada aqueles que contribuirem de forma mais expressiva para a Cultura piauiense;

h - Sugerir à Caixa Econômica que se faça um bilhete da Loteria Federal em homenagem ao poeta Da Costa e Silva, cujo sorteio se faria em uma data a ser escolhida na própria cidade onde nasceu o poeta;

i - Criação de um selo comemorativo;

j - Edição bibliográfica e crítica sobre o poeta;

l - Um livro didático com os principais poemas de Da Costa e Silva.

Dante de tantas propostas sente-se que o mais importante da Reunião foi sem dúvida nenhuma a vontade, o propósito, de se fazer da festa que se aproxima, uma comemoração ampla, que tenha uma repercussão nacional, a que eleve o nome do Piauí no cenário cultural brasileiro.

## FATOS & NOTÍCIAS

### Monumento do Jenipapo entregue aos piauienses

No dia 13 de março comemorou-se o 161º aniversário da Batalha do Jenipapo. Batalha esta, de Integração Nacional, que jamais poderia ser esquecida pelos piauienses e que foi agraciada pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo com a sua reconstituição histórica através de textos de A Tito Filho gravados em aço inox e expostos no Monumento que leva o seu nome, no sentido de avivar e perpetuar sua memória.

O Monumento do Jenipapo totalmente reformado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, com apoio da Prefeitura de Campo Maior e subsidiado pela Secretaria de Cultura do MEC despertou enorme curiosidade, trazendo para a missa concelebrada ao ar livre, acompanhada pelo Coral de Campo Maior, milhares de pessoas.



Aspecto da missa celebrada por ocasião da entrega das novas estalagiças do Jenipapo

As comemorações contaram com as presenças do GOVERNADOR Hugo Napoleão, do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, General José de Sá Freire repre-

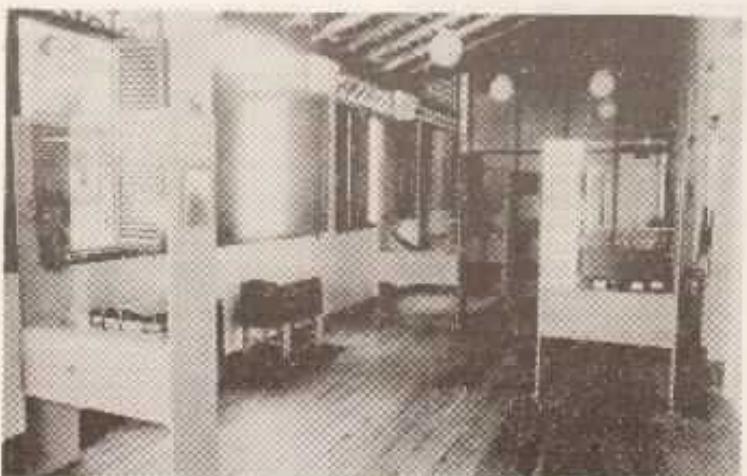
sentante do Presidente JOÃO FIDELIS, VALFRIDO SALMÍTO, Superintendente da SUDENE, CAMILO CALAZANS, Presidente do Banco do Nordeste, CESAR MELO, Prefeito local.

### Memória do Ciclo do Gado preservada no Museu do Couro

Campo Maior conta agora com seu Museu Oficina do Couro, situado à rua José Paulino - Centro. O ciclo do gado, tão importante para a cultura piauiense, é preservado através das doações e aquisições que formarão o acervo do Museu do Couro, reconstituindo para o povo a vida das fazendas através de seus utensílios domésticos e seus instrumentos de trabalho.

Como não poderia deixar de ser, as Oficinas que lá foram instaladas objetivam que a arte do trabalho em couro seja transmitida às novas gerações, em suas várias formas e utilidades e que o visitante possa adquirir peças em couro, genuinamente piauiense.

Inaugurado pelo Governador Hugo Napoleão, assessorado pelo Secretário de Cultura, Desportos e Turismo Jesualdo Cavalcanti, contou ainda com as presenças do Gal. José de Sá Freire, representante do Presidente da República, Leonides Alves Filho, Superintendente da Sudene, Camilo Calazans, Presidente do Banco do Nordeste, Prefeito César Melo, de Campo Maior, Embaixador Da



Museu do Couro — instalações internas

Costa e Silva e diversas autoridades estaduais, federais e municipais. Ao ato de inauguração a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo sob a coordenação da Prof. Lena Monteiro de Carvalho apresentou o Coral N. Sra. do Amparo, o Conjunto Musical "Candeia" e

o Grutepe, com a dramatização de "A Queimada" de Da Costa e Silva, numa noite de muita alegria para os campomaiorense e visitantes que também apreciaram sobremaneira a "Marujada", do grupo folclórico local, que dançou com muita beleza e força;

# ENTREVISTA

Com mais de trinta livros escritos, dos quais quatorze editados, a obra de ficção de Fontes Ibiapina (João Nonon de Moura Fontes Ibiapina) abrange quase todo o processo de formação da realidade sócio-política do povo piauiense, em seus íntimos e substanciais elementos determinativos. A sorte de seus personagens, sua maneira de comportamento diante das situações em que se acham fixados, espelham traços peculiares de toda a realidade piauiense, que não deixa de ser a própria realidade nordestina.

Considerando-se um "escritor evocativo e intimista", Fontes Ibiapina é um dos nomes mais expressivos da Literatura Piauiense e, com certeza, seria amplamente conhecido em todo o País, se tivesse ido morar num grande centro urbano.

Casado, pai de quatro filhos, natural do município de Picos, Fontes Ibiapina é Juiz de Direito, honrando a magistratura piauiense como titular da 2ª Vara da Comarca de Parnaíba. Morou num sobrado da rua Pedro II, onde possui uma das maiores bibliotecas particulares da cidade. Em sua casa, cercada de livros, Fontes Ibiapina falou, especialmente para a revista PRESENÇA, sobre literatura.

ALCENOR — O senhor, que é um dos grandes nomes da literatura feita no Piauí, acredita na existência de uma Literatura Piauiense?



IBIAPINA — Pra começar de conversa. Alcenor, uma pergunta que já se tornou lugar comum. Amassada que nem banana em boca do velho. Ultimamente, em toda entrevista com nossos sultos de letras, sempre é a primeira. Ademais, que se sofistica. Ora, só em você estar entrevistando um escritor piauiense, é claro que a Literatura Piauiense existe.

ALCENOR — O senhor declara, nas páginas que antecedem o romance SAMBAÍBA: "Vivo aqui, nestes cafunés, renitente que nem pintão em pé de cerca, tentando fazer literatura sem quase ambiente." E de se lamentar essa situação?

IBIAPINA — Apesar de há 21 anos, faço como diz aquele para choque de caminhão: continuo na mesma opinião. Isto, no termo de abertura do romance SAMBAÍBA,

eu me refiro ao apoio por parte dos poderes constituidos, que, em se tratando de cultura, continuam na mesma estaca zero, sem dar um prego numa barra da saiba em referência a edições de livros de autores da terra. Ultimamente, nossa Secretaria de Cultura tem feito alguns movimentos prestigiando nossa cultura, porém, em outros setores. O livro continua marginalizado. Aliás, não sei, não entendo por que nossa Secretaria de Cultura não se propõe a editar pelo menos um livro de escritor piauiense. Lamentavelmente, que esta minha afirmação é uma realidade. Isto é. Só não sabemos a origem de tal propósito.

ALCENOR — Na sua opinião (excluindo, por razões óbvias, o seu próprio nome), qual o maior ficcionalista piauiense e qual o nosso maior poeta?

**IBIAPINA** — O maior ficcionista plauense chama-se (Assis Brasil). Quanto ao maior poeta plauense, na minha modesta opinião, só se fizéssemos uma rifa com três bilhetes, com os nomes de Celso Pinheiro, Dá Costa e Silva e Hindemburgo Dobal.

**ALCENOR** — É de muito tempo sua admiração pelos intelectuais acima apontados?

**IBIAPINA** — L.

**ALCENOR** — Consta que a literatura está no senhor desde os verdes anos. Fale-nos de suas primeiras experiências.

**IBIAPINA** — Minhas primeiras experiências literárias foram participações em concursos de contos nas revistas A CIGARRA (RJ) e ALTEROSA (MG).

**ALCENOR** — Em sua longa atividade de escritor, quais foram as experiências de maior vulto ou aquelas que mais marcaram sua vida?

**IBIAPINA** — Idem, ibidem. Havia visto que, não obstante atualmente já com muitas obras editadas, há quem diga que meus melhores livros são CHÃO DE MEU DEUS e BROCOtÓS. E estes compõem-se de contos premiados nas mencionadas revistas.

**ALCENOR** — São raros, no Brasil, os exemplos de escritores que viveram ou vivem de literatura, em termos profissionais. Sendo o senhor um escritor copioso, com mais de trinta livros escritos, alguns dos quais ainda inéditos, não sente uma certa frustração por não poder dedicar-se inteiramente às letras?

**IBIAPINA** — Não vivo de literatura, e sim para a Literatura, e como escritor ficcionista e tolcoísta, a palavra frustração inexiste em minha agenda literária.

**ALCENOR** — Jorge Amado, um dos poucos escritores verdadeiramente profissionais do Brasil, costuma referir-se ao apoio que recebe da esposa, D. Zélia. Quanto ao senhor, D. Clarice o incentiva muito na atividade artística?

**IBIAPINA** — Incentiva, sim. É meu Anjo-da-Guarda. Além das oportunidades que me proporciona com a Paz Tranquila e Serene da nossa Lar, é uma fá incondicional de minhas produções literárias.

**ALCENOR** — Como vê o momento literário brasileiro?

**IBIAPINA** — Estamos vivendo um momento de grande fertilidade literária. Todavia, mais em quantidade que em qualidade. Além do mais, uma invasão de autores estrangeiros invadindo nossas edi-

tórias e botando de escanteio o pessoal da casa.

**ALCENOR** — No exame de aspectos da sua obra de ficção, já se falou (embora sem qualquer profundidade crítica) da orientação regionalista que a Informa, traduzida principalmente pela abordagem dos costumes e dramas do homem do sertão plauense. Num estudo crítico que fizemos sobre o romance SAMBAÍBA, consideramos esse aspecto regionalista de sua obra, afirmando, porém, que a nota mais importante desse regionalismo estava no pitoresco da linguagem, onde é nítida a intenção de promover a estilização da saborosa linguagem oral plauense. O senhor concorda com esse raciocínio crítico?

**IBIAPINA** — Concordo. Concordo, mesmo porque meu propósito é fazer Ecologia em ficção. Literatura autenticamente folclórica. Turismo com todos os ff e rr, pingos nos ii, tt cortados e cedilhas nos çç. Não sou escritor de um livro. Fiz mira num mundo condicionado por mim e pretendendo exprimir a sua dignidade de artista das letras.

**ALCENOR** — Parece-nos que escritores como Mário de Andrade, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Guimarães Rosa o influenciaram nesse propósito de abrasileirar a nossa literatura, através do aproveitamento da oralidade, colhida na própria fonte e isenta de influências eruditas. Se for correto esse julgo, até em que ponto esses escritores o influenciaram?

**IBIAPINA** — De maneira alguma. Ficcionista nato de índole. Alentejar tem talento de criatividade própria e espontânea. Jamais se inspira em quem quer que seja. Do contrário, não teria criatividade independente e, quando muito, seria apenas um pastichista, um carbono de A mi B, quando não uma colcha de retalhos estilísticos. Além do mais, pra seu governo, quando li tales escritores, já lá fuiando chão na estrela editorial com 3 ou 4 livros editados. O que há de interessante em minha literatura é a vivência, bem como, mediastá as favas, a memória privilegiada que o destino me pôs no que é que quando tivei o meu maior fôlego. Praticamente em sentido lato o conjunto de minha obra é de conteúdo memorizado. Daí, me considero escritor evocativo e intimista, mesmo fazendo ficção.

**ALCENOR** — E a respeito do livro PAREMIOLOGIA NORDESTINA? Há quem entenda, e pessoalmente nos colocamos na estrela desse pensamento, que citar proverbiós, locuções populares e ditos comparados com formas idênticas ou aproximadas, significa proclamar vivência, exigindo do emissor ponderação e experiência. Considere-

Estamos vivendo um momento de grande fertilidade literária. Todavia, mais em quantidade que em qualidade.

rando-se a existência, na bibliografia nacional, de poucos livros sobre o assunto (os mais lembrados são OHIGEM DE ANEXINS, PROLOQUIOS, LOCUÇÕES POPULARES, SIGLAS, etc., de Antônio de Castro Neto, FRASES FEITAS, de João Ribeiro, e DICONÁRIO BRASILEIRO DE PROVERBIOS, LOCUÇÕES E DITOS CURIOSOS, de R. Magalhães Júnior), parece que o seu trabalho resultou substancialmente de exaustivas pesquisas e anotações colhidas na própria fonte originária ou primitiva. Procedeu esse entendimento?

**IBIAPINA** — Por incrível que pareça, não conheço um sequer de tais livros. PAREMIOLOGIA NORDESTINA é o produto de 23 anos, de fio a pavio, de pesquisa ao vivo, ouvindo e catalogando, numa paciência franciscana. Paciência de cui par um parafuso até ele virar prego isto afora o grande nervo que guardei no pé do caco do queengo desde a infância, que sempre gostei de dardos, proloquios etc. e tal. Atualmente, 25 anos com o material já em mãos e organizado, prontinho para outra edição. E daqui pra lá, virá mais.

**ALCENOR** — Sabemos que no Piauí há quem o chame de poeta, certamente por ignorar completamente a sua produção literária. De qualquer sorte vai aqui a seguinte pergunta: o senhor já escreveu poesia?

**IBIAPINA** — A quem me xinga de poeta, tenho até vontade de dizer um nome feio, ou melhor: uma expressão licenciosa daquelas bem pesadas. Quem me apelida de poeta, de ilusão, irma ou é analfabeto de jui, mãe, parteira e vizinhança, ou nunca leu sequer uma página de menos 14 livros editados (três dos quais já em 2ª edição).

**ALCENOR** — Que acha dos chamados poetas marginais, aqueles que se utilizam de meios os mais artesanais para divulgação de seus trabalhos?

**IBIAPINA** — Autênticos abnegados. Por falta de recursos materiais, recorrem a meios mais primitivos e acessíveis às suas edições. E assim estão fazendo Literatura, muitas vezes de bom gosto.

**ALCENOR** — O senhor, que é um intelectual de mentalidade avançada, desvinculado, desde os primeiros livros, das concepções estéticas acadêmicas e passadistas, acha que já se esgotaram movimentos de vanguarda poética recentes, como o Concretismo, Praxis, Processo?

**IBIAPINA** — Não. Movimento literário, em sentido estrito, é Escola, subretudo gênero. E gênero literário não morre. Estacaria, sobre modificações, transformam-se dando origem a outros gêneros, mas nunca desaparece por completo. E mais: mesmo no sua origem, marcando época, fica para a posteridade. Para apenas alguns exemplos: Clasicismo, Romantismo, Lirismo, Simbolismo, Parnasianismo, Condoreirismo, Positivismo, Naturalismo, Realismo, Modernismo, Dadaísmo (...) continuam firmes na Literatura Universal. E assim, Concretismo, Praxis e Processo estão ai botando pestanas e corcunda, vivinhos da silva.

**ALCENOR** — Falemos agora um pouco de Academias de Letras. Muitos acham que as Academias não passam de um templo necrológico, ou ainda de uma casa de bacias, poucos fazendo pelas letras e muito menos ainda pelos escritores, especialmente pelos novos. O senhor, que pertence à Academia Piauiense de Letras e à Academia Parnaibana de Letras (sendo Presidente desta), pensa de outra forma?

**IBIAPINA** — As vezes, pelo menos em determinados períodos levadas por certos fatos e circunstâncias, afetas à vontade de seus membros, as Academias de Letras estacionam, imobilizam-se, anquilizam-se. Entretanto, nem desistem de existir. Como exemplo concreto, temos a nossa ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS, atualmente com uma extraordinária movimentação editorial, graças ao dinamismo de seu Presidente A. Tito Filho.

**ALCENOR** — Para encerrar, o senhor se sente realizado com sua obra literária?

**IBIAPINA** — Quase. Embora

com planos e objetivos de produzir muito mais, já me considero um escritor com satisfatória bagagem literária (41 obras editadas e 21 inéditas [em ficção e folclore]). Aproveitando a chance que aqui criei a sopa no meu escrivão, esclareço algo a respeito de certas restrições que alguns intelectuais (ou pretensos intelectuais) possuem fixas a meu respeito. Aliás, devia continuar calado, como até hoje o fiz, não apenas porque resguardo de boca é economia de vida, como falar é fôlego e quem tem buca diz o que quer, bem como cartilha de galinha é só pra chocar. Todavia, sinto-me quase que no dever, nesta entrevista, de prestar alguma esclarecimento. Acham que eu devo mudar. Mudar como? Mudar o quê? Mudar para que? Acho que interessante ilustrar intelectuais que se deixam de experiências de nossa cultura querendo condicionar à sua vontade, ao seu modo de entender, a maneira de pensar, criar e dizer de um escritor. Sou um escritor simples, humilde e modesto, mas não vou me transformar em teleguiado de A ou B simplesmente porque se dizem autoridades no mister. Naturalmente, em resumo, não entendem o objetivo geral de minha mensagem inspirada em ecologia piauiense de antanho, hodierna e provavelmente para a posteridade. E como se eu impusesse a uma pessoa a tarefa de fazer uma coisa que eu gostaria de fazer, mas não tenho capacidade. Em meus contos, romances e folclore não resiste de maneira alguma, sumo de idealismo valioso ou egoísmo. Estou (ou pelo menos suponho) fazendo um trabalho ecológico e ergológico de minha terra e meu povo. Sociologia em licença. De um modo mais preciso. Ethnologia. Desvilar esta rota seria desvirtuar ou mesmo anular a objetividade do compromisso intelectual que assumi comigo mesmo. A gafe de quem diz que é necessário eu mudar é quase semelhante à gafe de quem me apelida de poeta. Por acaso, seria sensato dizer que Jorge Amado, com uma imensidão de obras no Ciclo do Cacau e na Cultura Afro-Brasileira em Salvador, precisa mudar? Erico Veríssimo, que escreveu uma verdadeira Saga Gauchesca, por acaso precisaria mudar? E um exemplo mais concreto. José Lins do Rego, com MENINO DO ENGENHO, DOIDINHO, BANGUE, MOLEQUE RICARDO, FOGO MORTO, USINA (Ciclo da Cana-de-Açúcar), PEDRA BONITA e CANGACEIRO (Ciclo da Justiça Social), foi grande e de notável evidência que o immortalizou. Entretanto, tentou mudar e fracassou com os romances ÁGUA MAE E RIACHO DOCE. Quase que ninguém os conhece. Ninguém fala neles quando se fala nas obras de José Lins do Rego. E no meu caso,

além de folclorista propriamente dito, estou fazendo uma Literatura do Ciclo do Couto no Piauí. E não apenas isto, que a minha obra completa se com contos e romances urbanos, como vê, nos editadas. PAIHA DE ARROZ. Das inéditas, muitas são urbanas. É uma temeridade gritante dizer que devo mudar, sem conhecer minha bagagem literária inédita, que é quase o dobro da editada. Daí posso dizer e afirmar, para quem interessar possa, ou mesmo sem interesse algum, que gosto não se discute, não estou me repetindo. Eu mesmo não violo! Quem assim pensa, pegou o bonde errado, errou o pulo e errou também o endereço. Em cada obra editada e inédita, trago novos temas, novos fatos e novas personagens. Tudo puramente pousagem lírica humana de nosso meio-ambiente (Hartmann). Mostra um panorama de autenticidade sócio-econômica do piauiense com todos seus caracteres, atividades e meios-de-vida. Uniu aquela precariedade econômico-financeira, analfabetismo, desassistência social, credícios, superstições, misticismo religioso, costumes, políticas e tudo o mais, inclusive cronologia das Grandes Secas. Na terceira culpa da incapacidade de quem não tem capacidade de entender o conteúdo geral da mensagem de minha obra. Estamos conversados.



Estou fazendo  
um trabalho ecológico e  
ergológico de minha  
terra e meu povo.  
Sociologia em  
ficção.

---

**EDUCAÇÃO BÁSICA nas quatro primeiras séries do 1º Grau, voltada para populações carentes da zona rural e das periferias urbanas.**



Na atual administração da Secretaria de Educação foram construídas 58 novas unidades escolares, oferecendo 156 salas, ampliando 71 unidades, perfazendo um total de 96 salas e recuperadas 432 unidades escolares.

Valorização dos profissionais da Educação.

— Melhoria da qualidade do ensino

**SECRETARIA  
DE  
EDUCAÇÃO**



**GOVERNO  
HUGO NAPOLEÃO**

# Impressões e Idéias

Ganymedes José

Em minhas andanças por escolas, muito tenho aprendido com meu público infantil juvenil. No intercâmbio de perguntas e respostas, vou checando o que eles realmente gostam de ler e com isso aprendo a dirigir a minha literatura.

Foi uma experiência inédita quando me convidaram para bate-papo com os alunos de Letras, da Faculdade São Marcos, em São Paulo. A crise aconteceu durante uma Semana de Literatura.

O auditório estava superlotado. Encontravam-se ali todas as classes para ouvir o que eu teria a dizer. Para ser honesto, senti uma desagradável sensação de pânico quando me deixaram só no palco. Como começar a falar? De repente, eu me vi na pele de um animador que precisava apresentar um bom programa para que seu patrocinador a literatura infantil e juvenil não sufresse baixa no IBOPE!

Falar o quê? Afinal, escrever é um ato de intuição e amor. Como transmitir essa verdade? Além do mais, o que aquelas jovens futuras professoras esperavam de mim como contribuição para suas experiências?

A palestra começou e, pouco a pouco, a participação tornou-se geral e dinâmica. Trocamos idéias durante mais de duas horas e, posso confessar com alegria, fui aplaudido de pé. Esses aplausos, porém, longe de curar a minha vaidade, valeram como um prêmio estimulo para os meus onze anos de atividades literárias inteiramente dedicadas à busca de respostas humanísticas para alimentar os sonhos da adolescência. Por isso, os aplausos convenceram-me de que estou na trilha certa.

E o que é a coisa certa?

Foi exatamente um dos temas sobre o qual conversamos durante o encontro. Num mundo de incertezas em que vivemos dominados por políticos incompetentes, sufocados pela crise econômica que nos submete e ameaçados por "super-potências" infernais que se arrogam ao título de senhoras do universo, o que podemos levar de bom para um ser em formação? Convém que nos lembremos que esse ser, amanhã, terá de desempenhar os emaranhados históricos político-administrativos que estamos provocando...

Embora o mundo esteja invadido de jovens violentos, por sorte isso não quer dizer a totalidade. Tanto em escolas de periferia como em núcleos de nível econômico mais ele-

vado, sempre encontramos o jovem com garra para melhorar o mundo. O importante é que nossa descrença não atinja a esses que alí vêm desportando com força total. Quando estou para concluir um livro, procuro não me esquecer de que a palavra esperança é uma tônica que devo manter — mesmo apesar de ver tanta burrice e desmesuredade entre os adultos da hoje. Afinal, é para as nossas crianças que estamos legando rios poluídos, mentes robotizadas, um arsenal de foguetes nucleares...

E isso é justo? Olho a todo a volta e observo, cada vez mais admirada, que, apesar de nós, o mundo ainda continua bonito e azul. A cada amanhecer repetiu-se o milagre do despertar do sol e à noite ele se pôe. Faltas, eu penso: "Nós recebermos tudo isso de nossos antepassados. Então, por que entregá-lo pior aos que estão vindos por aí?"

Entretanto, graças à avareza, à ambição, à maldade, à corrupção, à violência, o que temos visto acontecer? Não precisa ir longe; é só abrir o jornal ou vermos um noticiário pela televisão: vis a realidade de nossos dias.

Agora, a pergunta: quem dará condições e elementos para as crianças desenvolverem a sua sensibilidade? Os pais vivem ocupados, não têm tempo para brincar com os filhos. Os professores estão sobre-carregados. F. então, restam os brinquedos eletrônicos, a sofisticação de computadorização, os exemplos televisivos manipulados... e tudo vai lentamente reduzindo nossa capacidade de raciocínio a um estudo do passado.

As artes são válulas de escape para momentos de tédio, angústia, desespero, descrença. Melhores companheiros do que os tóxicos, as drogas, não?

Mas quem se lembra disso? Quem, hoje em dia, para para reconhecer o valor desse jogo de sons, de palavras ou de cores? Quem, afinal, se preocupa em desenvolver no jovem os sentidos estéticos e humanísticos da paz?

Foi então que, na palestra, cheguei ao ponto que desejava atingir: por incrível que pareça, as Faculdades de Letras deste país não têm uma cadeira especial para a literatura infantil juvenil! Um estudante de Letras estuda técnicas, arte de redação, gramática, literatura de diversos países (adulto, claro)... Porém, durante os anos de seu currículo ele sequer fala à respeito do livro destinado à juventude!



E esses novos professores vão lecionar para quem?

Essa descoberta sempre me deixa pensativo. O professor de Letras lidará com jovens, mas durante quatro anos leva geral de cursos às apapadelas. I. ele deu o nome Machado de Assis, Lôc de Queiroz, Shakespeare, Balzac... Em outras palavras: quando ele tiver de escolher um livro para levar espécies em formação, qual leitura ele adotará? Machado de Assis nas quinhas séries? Afina!, se ele nem saí a quantas andas a literatura infantil juvenil, nunca sobra tempo para pensar ne-la.

Sinto-me constrangido por pensar que o Ensino oficial deste país, com tantos ilustres e renomados senhores doutores, técnicos, ministros, empolodíssimas personalidades comandando, ainda não tiveram a elementar ideia de pensar neste assunto! A colheita de amanhã não depende do plantio de hoje? Não é tempo para comermos bombardando os jovens com nossas neuroses, descrenças e desesperanças sacramentadas com a palavra guerra, estarmos sendo hipocritamente mentirosos? Quando tomaremos consciência para darmos um basta a essa esfida politiquice, que é o nosso cotidiano?

Embora eu continue acreditando nessa afirmativa, talvez poucos deem ouvidos a minhas palavras. Afina!, não sou premiado autor adulto e nem metido a intelectual que escreve empolgado. Sou apenas um brasileiro preocupado com o futuro dos filhos que nem são meus e jamais ganhei Nobel algum. Entretanto, dentro de minha linear linha de raciocínio, continuo acreditando que, se quisermos merecer o respeito da geração de amanhã, precisamos jogar nossas maquinávicas urdiduras porque ainda existem jovens que plenamente acreditam em nossa boa-intencionalidade.

# *Uma cadeia para a sua liberdade*



O Piauí, confiante no desenvolvimento do turismo interno, está implantando uma cadeia de hotéis para você desfrutar em liberdade, roteiros que você mesmo descobrirá.

A construção do Hotel RIMO, na cidade de CORRENTE, no sul do Estado, já foi iniciada e estão aprovados os projetos para Luiz Correia, Pedro II, Esperantina, Canto do Buriti, S. Raimundo Nonato e Oeiras.

A cadeia RIMO espera recebê-lo em futuro próximo em uma de suas unidades turísticas.

Até breve.



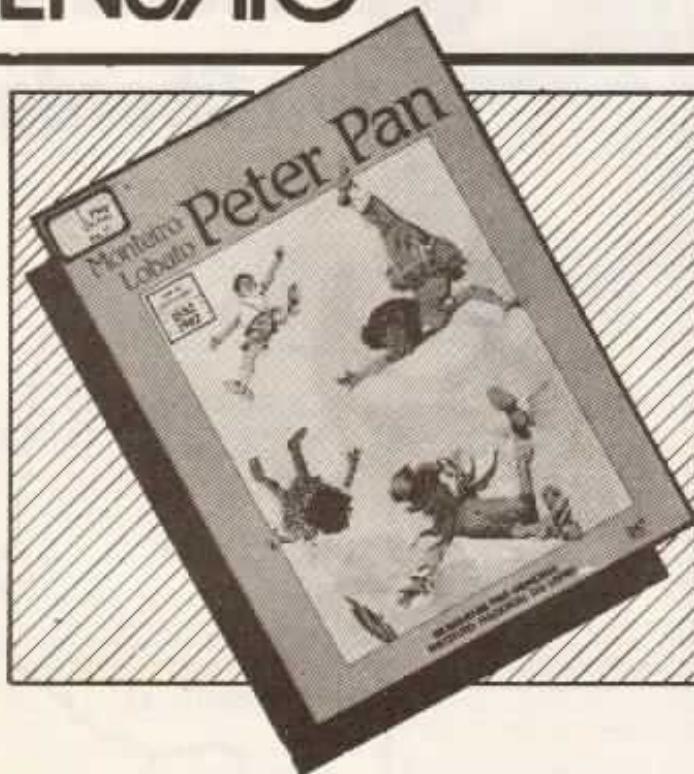
Rede Integrada  
de Hotéis e Motéis  
do Piauí S.A. — RIMO  
Fone: 223-3100  
Teresina - Piauí

Vinculada à Secretaria de Cultura,  
Desportos e Turismo.

# ENSAIO

## A Fantasia na Literatura Infantil

Maria do Socorro  
Rios Magalhães



A origem da literatura infantil relaciona-se com a publicação de Contos para crianças e famílias, coletânea de narrativas populares compiladas pelos Irmãos Grimm, em 1812, na Alemanha. Anteriormente a essa data, não se verifica a existência de uma literatura especificamente destinada à criança, pois, como esclarece Philippe Ariès em História social da criança e da família, nas sociedades antigas não havia repartição entre as idades adulta e infantil, surgindo a noção de infância somente a partir da ascensão da burguesia, quando se passou a dar uma atenção especial à educação dos indivíduos que deveriam assegurar a manutenção do regime capitalista.

Philippe Ariès diz que toda a complexidade da vida foi modificada pelas diferenças do tratamento da criança burguesa e da criança do povo. Existe portanto um notável sincronismo entre a classe de idade moderna e a classe social: ambas nasceram ao mesmo tempo, no fim do século XVIII, e no mesmo meio: a burguesia. (I)

A coletânea dos Irmãos Grimm, constituída de contos folclóricos, mais conhecidos como contos de fadas, tornou-se a primeira literatura das crianças burguesas. A publicação desses contos marca o início da adaptação na literatura infantil, pois

a passagem da oralidade à escrita implicou não apenas a mudança de destinatário, mas também as alterações quanto à função exercida pelos contos em relação ao público.

Segundo os sociólogos alemães Richeter e Merkel, (2) os contos de fadas pertenciam, inicialmente, às classes mais baixas da sociedade feudal e expressavam a sua impotência frente à situação injusta de que eram vítimas. O elemento fantástico tinha para o ouvinte um valor compensatório, pois somente através da fantasia, ou seja, pela intervenção de entes sobrenaturais, como fadas e mágicos, ele podia utopi-

camente imaginar uma melhoria e sua sorte. Porém, ao serem transportados para fora do ambiente rural, expressadas pelas narrativas assumem para os jovens leitores burgueses um significado simbólico, permanecendo, contudo, o valor compensatório da fantasia, uma vez que a intenção da pedagogia burguesa é a de ensinar a criança a seguir na forma conformada dos adultos, quando seus desejos não estão de acordo com as normas sociais.

Após a adoção dos contos de fadas pela educação burguesa, deu-se inicio à produção de livros para crianças, porém o desenvolvimento do gênero infantil não extrapolou o modelo original fornecido pelas narrativas folclóricas. A literatura infantil moderna constitui-se, portanto, numa adaptação dos contos de fadas, aliada ao espírito criativo do escritor, o que garante a possibilidade de criações novas dentro de um padrão pré-existente.

É, portanto, em virtude de sua origem histórica que a literatura infantil se caracteriza pelo presença do elemento fantástico. A influência do conto de fadas se faz sentir não só pela ruptura dos limites de tempo e espaço, mas também pela caracterização das personagens, as quais assumem a forma de seres sobrenaturais, animais falantes, objetos anropomorfizados etc.

Atualmente, a questão da fantasia na literatura infantil tem provocado muitas discussões entre os especialistas, havendo uma corrente a favor e outra contrária às narrativas fantásticas. A principal acusação feita é quanto ao valor compensatório da fantasia, que aliena a criança dos problemas concretos e reais, impedindo que ela raciocine criticamente a respeito do mundo em que vive.

Por outro lado, os estudos de psicologia, como é o caso dos trabalhos sobre desenvolvimento cognitivo infantil, de Piaget, ou ainda os estudos psicanalíticos de Freud justificam a fantasia como uma forma de satisfação às necessidades mentais da criança. O psicólogo infantil alemão, Bruno Bettelheim, autor do livro *A psicanálise dos contos de fadas*, (3) afirma que a criança necessita, ao mesmo tempo de uma linguagem simbólica que apresente seus impulsos inconscientes personificados através de bruxas, fadas e animais, e, de um final feliz que lhe sugira que ela também pode vencer suas dificuldades. Deste modo, uma história, completamente "real" priva a criança de lidar com a sua própria realidade no único plano em que isso é possível, ou seja, no plano da fantasia.

Monteiro Lobato, o iniciador da literatura para crianças no Brasil, usou todo o seu potencial imaginativo na criação de seres e situações fantásticas. O conteúdo fantástico, porém, não torna a obra lobatiana uma literatura alienada; ao contrário, Lobato se mostra preocupado em dar ao jovem leitor uma visão crítica da realidade brasileira, como ocorre, por exemplo, em *O poço do Visconde*, onde ele expõe para o público infantil a questão do petróleo no Brasil.



## Dia Nacional do Livro Infantil

Programação:

Dia 18.04.84  
Local: Biblioteca Des. Cromwell de Carvalho.

Atividades: exposição de livros infantis; apresentação de teatro de bonecos; manhã de arte livre; exposição de trabalhos infantis.

Horário: 9 às 18 hs  
Coordenação: Departamento de Assuntos Culturais da Fundação Cultural do Piauí, com o apoio da Coordenação do Sistema de Bibliotecas do mesmo órgão.

## Monteiro Lobato

Monteiro Lobato - o iniciador da literatura para crianças no Brasil, autor genial, criativo, usou e abusou de sua prestigiosa inteligência na criação de tipos e situações fantásticas, fantasiosas para o mundo da criança. Foi um autor autêntico, bem brasileiro, crítico audaz, tempestuoso da sociedade brasileira que não se deixou dobrar por fórmulas mágicas e importadas para alienar a cultura brasileira. O fantástico, a fantasia, o sonho, era o gênero dominante na literatura infantil da época. Hoje, a literatura infantil e, até mesmo, o teatro infantil fantasioso, está decadente (maior expressão desse teatro-Maria Clara Machado), cedeu lugar ao realismo, levando a criança ao real, o cotidiano dos problemas que atinge a sociedade contemporânea. Não se quer dizer então, que Monteiro Lobato seja um autor ultrapassado, antigo, não? Se questiona o problema da época, das transformações tecnológicas, do desenvolvimento da psicologia, da psicanálise e dos estudos antropológicos e sociológicos que ocorrem com a sociedade moderna, transformando assim, tudo, da noite para o dia. Não resta dúvida que Monteiro Lobato continua ser a figura mais expressiva da literatura infantil do Brasil. Sua obra é reconhecida e prestigiada em todo o mundo. Muito justo, então, as homenagens que o secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros prestou ao homem de idéias, o genial autor da obra "O Sítio do Pica-Pau Amarelo".

Sônia Cunha e Silva

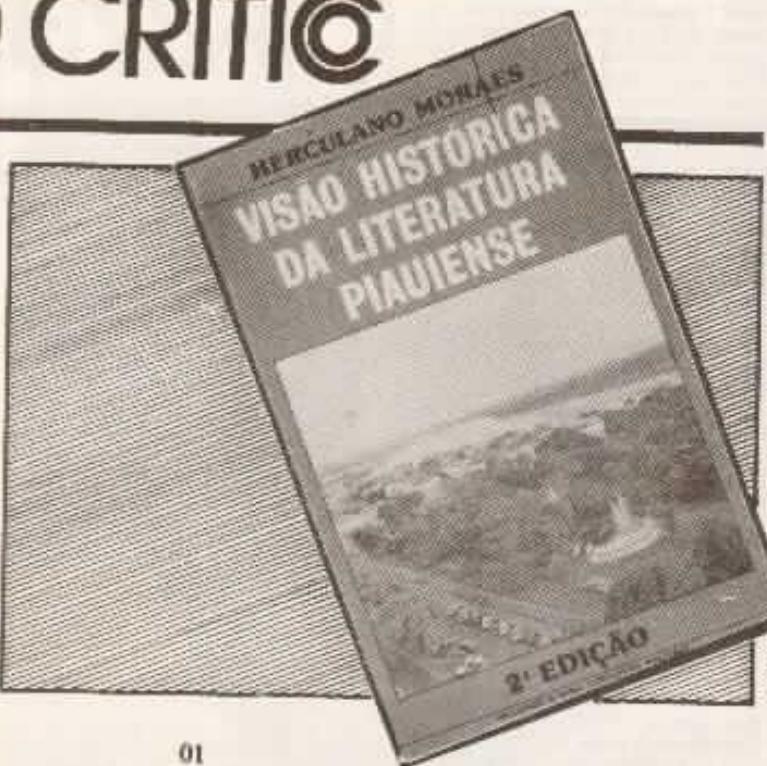
### NOTAS

- 1) ARLES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- 2) RICHTER, Dieter & MIRKEL, Jürgen. A função da fantasia nos contos de fadas na educação burguesa. *Bulletin Informativo da Fundação Nacional do Livro-Infantil e Juvenil*, Rio de Janeiro, 10 (41), p. 5-20, jan./mar. 1978.
- 3) BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

# ENSAIO CRÍTIC

## No horizonte da Crítica

Francisco Miguel de Moura



01

Quando publico uma antologia de contos ou uma coletânea de poetas novos, exerço uma espécie de crítica: a crítica selecionadora do editor na sua mais pura felicidade, porque o faço sem pensar em lucro. Sou um homem de cultura e me volto para ela, em minha atividade prática. Cinéas Santos também, quando escolhe autores que devem ser estudados no curso médio ou para questões de vestibular e sobre eles escreve artigos interpretativos e didáticos, reunidos ou não em livro, exerce o papel de crítico da arte literária no sentido mais geral.

Isto efetivamente nós fizemos nos anos 70. Quem compulsar os jornais da década, comprovará Eu lá tentaria alguma coisa antes. Mas foi nos anos entre 1970/1980 que os jornais de Teresina começaram a trazer suplementos literários dominicais. Magalhães da Costa iniciou um suplemento (o primeiro?) em 'O DIA'. Outros suplementos viriam depois. Seguindo o exemplo, assim fariam 'O ESTADO' e o 'Jornal do Piauí'. Os jornais menores tiveram suas colunas literárias também.

Nós fizemos tudo de graça; e ainda agora se cultiva esta maneira provinciana de trabalhar sem receber. Promovemos os escritores daqui e outros de fora, com palestras e entrevistas, lançamentos de livros e exposições em feiras, com ou sem apoio do Governo. Saímos pelo interior do Estado, levando alguma mensagem do gênero, em grupo ou individualmente.

Ontem, eu, Cinéas, Magalhães, Herculano, Menezes de Moraes entre outros tantos. Hoje, Kenard Kruel, Ral, Domingos Bezerra, Paulo Machado. E a nova geração cuidando de lançar-se, segundo ora o nosso rastro, ora abrindo novos caminhos e procurando transpor outros obstáculos, no exercício da crítica aos costumes e ao fazer artístico. É árduo, sim, o exercício da crítica, quase sem recompensa, salvo aquela de saber-se que alguém tem que fazê-la, o sacrifício como dever social. Dizem, é verdade, que os poetas conseguem ser amados os críticos não. No máximo podem ser odiados ou temidos. Isto não anima.

02

Falamos em crítica, sim. E n que é a crítica? E mais fácil saber se o que ela não é. Não é pelo terreno das definições que come-

caremos, se queremos ser mais bem entendidos. Primeiro, porque a definição é uma limitação grosseira; segundo, porque, pretendendo uma explanação geral sobre a crítica no Brasil para chegar ao fenômeno de sua quase inexistência no Piauí, a não ser naqueles aspectos citados acima (crítica de editor, crítica jornalística e crítica didática), a delimitação frearia o levantamento panorâmico pretendido.

Trataremos especificamente da crítica literária, gênero (?), que, segundo os maiores entendidos, vem a começar mesmo com os modernistas, à frente Mário e Oswald de Andrade. Gênero, falamos acima. Mas Afrânio Coutinho (1) acha que ela não chega a ser um gênero, é uma atividade intelectual reflexiva, usando o raciocínio lógico-formal, procurando adotar um método rigoroso, tanto quanto o das ciências, podem de acordo com a natureza do

fenômeno que estuda a obra de arte...". Ia Massaud Moisés (2) acha que a crítica literária é um gênero, embora misto, é um gênero, e neste ponto fica de acordo com Benedito Croce. Em dois críticos de renome, da atualidade, não encontramos um meio termo do que venha a ser crítica. Nós também não chegamos a uma conclusão, senão que não pode existir critico sem sensibilidade. Logo, o critico é um artista que não encontrou a linguagem dos símbolos e metáforas para expressar-se. Propomos que a crítica seja um meio-gênero, ou um gênero-sui-generis que participa da emoção (intuição) e da intelecto, mas se expressa por conceitos e elabora métodos e técnicas de abordagem da obra. Quando se diz que o critico é um escritor fracassado, como uma forma de rebaixar a crítica, não se quer dizer que ele seja um escritor; querem dizer que ele não tem sensibilidade.

Ele não é um fisionomista ou um poeta. Mas é um escritor, elabora conceitos e muitas vezes cria teorias válidas para a História, a Sociologia, a Filosofia e outras. Ele tem uma sensibilidade toda voltada para a compreensão e o Juiz. Lembrando Eric Rayner (3) diríamos que "em lugar de 'pensamentos sentidos' ele tem 'sentimentos pensados'. Ou seja é o reverso da medaia do fisionomista, trabalha com o mesmo material e procura o mesmo fim. Caetano Veloso é um poeta, um artista. Mas quando ele diz "a crítica que não toque na poesia" torna-se um critico. E quando faz crítica impressionista torna-se também, de certa forma, poeta.

De tudo, o que devemos ter em mente é que não existe arte pura nem crítica pura. Tudo é e deixa de ser. O movimento dialético do

pensar e sentir provém da matéria, não do vazio ou de um ser absoluto sem ligação, como querem intelectualmente os idealistas.

### 03

Dando uma olhada em nossa história literária, antes do modernismo, a crítica surgiu já com uma força sensível no horizonte intelectual, com o advento do Realismo/Naturalismo, sendo Silvio Romero o grande critico desse tempo, com sua monumental obra "História da Literatura" em 5 volumes, abrangendo toda a cultura brasileira e elaborada pelos padrões culturais germânicos, sem distinguir bem a arte literária dos outros ramos do conhecimento e do saber.

E produto da Escola de Recife, como quase todos os bons críticos daquela época, os críticos e os demais literatos. Entre os críticos, cite-se também Araripe Jr., Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Clevis Beviláqua, João Ribeiro e José Veríssimo. Sobre o ultimo, diz Letícia Malard, Profº da Universidade Federal de Minas Gerais, ser um dos autores do passado que merece reedição (4).

Mas porque tão tarde aparece a crítica, se tínhamos já o Romantismo e escritores do porte de José de Alencar e Machado de Assis? É sabido que na época romântica não tivemos a crítica como teríamos depois: os escritores eram também os críticos. Além dos dois grandes já citados, convém não esquecer Gonçalves de Magalhães, Joaquim Norberto, Macedo Soares, Alvaro de Acevedo.

A resposta é uma pergunta. Se nem éramos uma Nação, um país independente até 1822, como poderíamos ter um pensamento formado sobre nós e sobre a nossa arte?

O pensamento novo, não propriamente do que éramos, viria com Tobias Barreto que, entre outras atividades, exercia também a crítica literária. Mestre dos lumiñares da Escola de Recife, trouxe Tobias para o Brasil colonizado de todas as formas o que havia então de revolucionário na Europa: o pensamento racionalista alemão, tentando adaptá-lo à nossa frágil e então nascente "intelligentsia", aglomerada principalmente nas Escolas de Direito (Recife — São Paulo).

O valor de Tobias Barreto para a história de nossa cultura ainda está por ser definitivamente colocado e estimado. Mas o testemunho de Alfredo Bosi (5) é im-

portantíssimo por ser ele um dos mais arejados historiadores da nossa literatura. Falando do ideário da época Realista, afirma: "A norma foi a expansão de uma ideologia que tomava aos evolucionistas (Darwin, Haeckel, Spencer) as idéias gerais para demolir a tradição escolástica e o ecletismo de fundo romântico ainda vigente, e pedia à França ou aos Estados Unidos modelos de um regime democrático".

Ele cita Silvio Romero, o principal discípulo do mestre Tobias Barreto, na mesma obra: "Um bando de idéias novas esvoaçam sobre nós, de todos os pontos do horizonte (...) Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, moralismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do Direito e da política, tudo entao se agitou e o brado de alarma partiu da Escola de Recife" (6).

Entre os Realistas/Naturalistas e o Modernismo permearam o Impressionismo e o Simbolismo, correntes com forte conteúdo inovador, que não conseguiram deslocar de todo o Parnasianismo e as demais nuances subjacentes do Realismo. Os críticos desse período foram poucos. Citam-se Araripe Jr., Nestor Vitor, Ronald de Carvalho. Os críticos do Modernismo exceto Mário de Andrade/ Oswald de Andrade, levavam consigo os vícios do Impressionismo, quando se havia fiscado a crítica subjetivista. Exemplo disto foi Tristão de Athayde, não obstante a sua grande cultura e capacidade judicativa. Ele depois deixaria a militância crítica pelo debate de idéias. Na pista de Alceu de Amoroso Lima seguiriam Alvaro Lins e outros, inclusive porque defensores do pensamento católico e do chamado Humanismo liberal. Agripino Grieco também impressionista, exerceu por muito tempo, com raça e amor à crítica, notabilizando-se por seu espírito polemico. Fez a crítica do pré-modernismo e continuou depois da Semana Afrâncio Coutinho seria, juntamente com Antônio Cândido e Assis Brasil, as expressões mais fortes e saudáveis de uma crítica renovadora que tem a obra de arte como principal objeto, não obstante os fortes traços de sociologismo identificáveis em Antônio Cândido e uma obsessão pelas obras experimentais em Assis Brasil, levando-o muitas vezes a julgamentos arriscados.

### 04

Há uma variedade enorme de tipos de crítica. Os tratadistas tem



apresentado vários nomes: crítica gramatical, ideológica, psicológica, biográfica, impressionista, moralista e informativa (*book-review*), conforme os pressupostos teóricos do crítico. Contra esse tipo de classificação atendente aos fatores externos surgiu nos EUU o chamado *new criticism*. Para ca ele foi traduzido por uma corrente de críticos atuais liderada por Afrâncio Coutinho. Aqui teve o batismo de *nova crítica* e tem por critério de julgamento o bom gosto e a obra literária em si como ponto central de referência. Nos últimos anos (60-70 brasileiros), aíastrou-se outro tipo de crítico que se chamou *de universitária* ou estruturalista que não obstante o caráter de modernidade que tem, muitas vezes exagera, torna-se ilegível e ideológica demais, a ponto de conformar qualquer época de qualquer época com aquela teoria. Entre os seus cultores estariam L. Costa Lima e Eduardo Portela, por exemplo. Sua origem está nos franceses, principalmente na *Antropologia* de Levi-Strauss.

superestrutura e de atingir também em determinadas condições a infra-estrutura, embora em menor proporção.

A dicotomia seria esta da posição interna ou externa da arte com relação a História.

## 05

Em suma: o ato crítico (análise, compreensão, avaliação ou julgamento) exige um referencial. No caso da chamada crítica ideológica e afins (8) o referencial é a teoria, ciência ou ideologia em que se baseia o crítico para o enquadramento e definitivo julgamento; no caso da crítica autônoma (9), em que nos chamariam de crítica formalista, ou nova crítica, a obra de arte é hipoteticamente o critério maior, pois sabemos que af o gosto pessoal do crítico também pesa, muito embora forrado nas leituras dos seus escritores eleitos. Então, alguns confundem esta última com a crítica impressionista, vazada simplesmente no gosto pessoal e na impressão de leitura sem confronto com os clássicos.

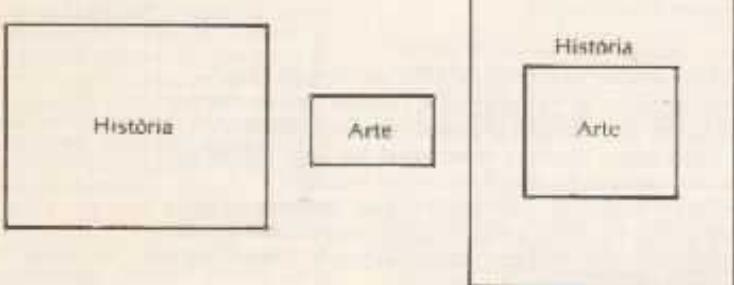
O Piauí, conforme constatamos, existe também literariamente. Muito mais por sua poesia que pelos seus prosadores: três ou quatro romancistas, outros tantos ou poucos mais contistas. E é só. Literatura pobre em quantidade e em qualidade, com raríssimas exceções. Como haveria possibilidade de frutificar a crítica aqui? Sem periódicos firmes, o crítico não tem lugar. A atmosfera de província leva-las ao elogio gratuito ou à restrição por despeito. Existem alguns autores que escreveram trabalhos de crítica. Sem dúvida, eles servirão ao futuro historiador. Herculano Moraes, J. Miguel de Matos e Francisco Miguel de Moura, no presente. No passado, João Pinheiro, Cristino Castelo Branco, João C. da Rocha Cabral.

Os nomes que devem ser citados por sua repercussão nacional são: Mário Faustino e Assis Brasil. O primeiro viveu pouco e alheado do Piauí, dos seus problemas, dos seus intelectuais. O segundo, não. Além de escrever uma *Tetralogia Piauiense* (ficção), em seus últimos trabalhos críticos vem preocupando-se com a literatura no Piauí: "A Técnica da Ficção Moderna", "O Livro de Ouro da Literatura Brasileira" e "Dicionário de Literatura". Não se trata de nenhuma forma de apelação, pois já conseguiu renome nacional como crítico e romancista. Seria, então, ele o nosso crítico literário.

Quanto à crítica Universitária, ainda não existe no Piauí, não obstante a existência da Universidade há tanto tempo e ser a Faculdade Católica de Filosofia e Letras anterior de cerca de dez anos, se bem me recordo. A Revista da Universidade não dá lugar aos seus professores de Literatura.

### Referências bibliográficas do Texto

- 01 — Afrâncio Coutinho — *Notas de Teoria da Literatura, Civilização*, Rio, 1976.
- 02 — Massaúl Moses — *A Crítica Literária*, 1957.
- 03 — Eric Rayner — *O Desenvolvimento do Ser Humano*, Edições 70, Lisboa, 1976.
- 04 — Lúcia Malafai — *Estudos de Literatura Brasileira*, Ed. Comunicação, B. Horizonte, 1981.
- 05 — Alfredo Busi — *História Concisa da Literatura Brasileira*, Cultrix, São Paulo, 1977.
- 06 — Silvio Romero — *História Concisa da Literatura Brasileira*, Cultrix, São Paulo, 1977.
- 07 — Assis Brasil — *A Nova Literatura*, Cia Editora Americana, Rio, 1975.
- 08 — Idem.
- 09 — Idem.



De qualquer forma, segundo Assis Brasil (7), um dos cultores da *nova crítica*, arremetendo contra o gramciano-marxista Carlos Nelson Coutinho, afirma: "Ora como se sabe, hoje a categoria do realismo como critério para julgar uma obra já está ultrapassada, pois a obra não reflete a realidade, mas cria a sua própria, nem tem participação ativa no processo social, mas engloba e refrata em sua dimensão de nova realidade".

Acontece que ao mesmo tempo que a arte é uma nova realidade, esta realidade é englobada, totalizada na História. Então a obra seria um misto real-irreal, ou para-realidade criada exatamente pelo processo dialético da realidade e que, na sua complexidade, ainda está precisando de certas definições. Por exemplo: é uma meta-realidade, trabalha sobre a linguagem etc. Mas é sentimento e paixão capazes de influir na

No primeiro grupo estão muitos críticos brasileiros modernos. Além de Carlos Nelson Coutinho e L. Costa Lima, Assis Brasil cita: Dirce Cortes Riedel, Antônio Honairess, Nelly Novais Coelho, M. Cavalcante Proenca, Othon M. Garcia, Roberto Schwars, Benedito Nunes, Mário Faustino, Mário Chamie, Sebastião Uchoa Leite, Antônio Sérgio Mendonça e José Hildebrando Dacanal. No grupo dos que se batem por uma crítica autônoma, Assis Brasil fala em Antônio Cândido, Afrâncio Coutinho, Euryaldo Cannabryava e Fausto Cunha. O próprio Assis Brasil se enquadraria neste grupo. Ao primeiro grupo referido, eu acrescentaria, pela sua atuação, Astrogildo Pereira, Fábio Lucas e Nelson Werneck Sodré. Este último é autor da mais importante história literária brasileira sob seus aspectos econômicos.

# PESQUISA

## Mimbó A resistência da comunidade negra

Virgílio de Queiroz



Riacho Mimbó

No município de Amarante existe um povoado que nos últimos anos se tornou bastante conhecido em todo território nacional. Não se trata de uma "comunidade primitiva" como erroneamente é divulgada, mas de uma comunidade negra que se expandiu mais acentuadamente com os casamentos de três irmãos, e que, durante décadas, conservou-se de certa forma fechada através de matrimônios entre membros da mesma família. Os mais novos que desejam apoio e consideração dos mais velhos, seguem a tradição casando-se com membros da comunidade e perpetuando assim a única família:  
**RABELO DA PAIXÃO.**

Conforme vários "mimboanos", ouvidos que foram em inúmeras gravações, aquele ou aquela que casa com alguém de fora, não demora muito se separa. Gente do Mimbó só dar certo com gente do Mimbó. Mesmo assim, no Mimbó, são poucos os casos de defractações físicas causadas por consanguinidade. Conforme Dona Rita Rabelo da Paixão, somente dois casos foram constatados, a senhorita Maria Rabelo da Paixão que não possui os membros inferiores, e um garoto que faleceu logo após o nascimento. Dona Rita Rabelo da Paixão também conta algo interessante, o grande número de partos duplos verificados no povoado. "Isso já vem desde os tempos antigos: papai é gêmeo de tio Venâncio, Anísio com o Dé, e

eu para completar pari dois agora". Dona Antônia Félix, artesã e espécie de madrinha para o povo do Mimbó, também nos conta algo impressionante, a coincidência de mulheres gestantes. "Parece que há uma combinação. Quando uma pega barriga, três, quatro, também aparecem buchudas". Nos tivemos a oportunidade de presenciar no último dia da novena de Nossa Senhora da Saúde (15-08-83), Padroeira do Mimbó, dezenove batizados. O aspecto religioso é algo que merece ser mencionado pois trata-se de um sincretismo onde a presença da umbanda se faz sentir até mesmo na procissão católica, com o andor ornamentado com várias fitas de diferentes cores, muito comum em Tendas Espíritas ou casas de Pai-de-San-

tu. Talvez, por isso, vários padres de Amarante negaram-se a celebrar a Santa Missa nos Festejos de Nossa Senhora da Saúde. O Sr. Laurentino é quem atualmente se responsabiliza pelas festividades religiosas, que segundo ele, tem mais de cem anos. "O Festejo era da minha sogra. Quando meu sogro morreu, eu cuidei dela. Bem perto de minha sogra falecer ela me chamou e disse: Laurentino você é quem vai prosseguir a missão. Eu aceitei com gosto, e isso já faz 45 anos!" Em 1981 existiam duas Tendas Espíritas para uma população de 300 pessoas aproximadamente. Atualmente só existe uma, pois o pessoal que morava embaixo (nas margens do Rio Canindé), subiu para a chapada - onde a sobrevivência é me-

Ibir. Quase todos mimboanos dançam (ou sabem dançar) macumba, e para esse fato o Sr. Laurentino tem uma explicação: "Todos os caminhos no rumo de Deus são iguais. Eu não posso modificar os meus irmãos; então me uno a eles".

Antigamente os mimboanos viviam na margem direita do Caninde e nas proximidades do riacho Mimbo (que deu origem ao nome do povoado) em um lugar fértil onde, em todas as épocas do ano, o verde se faz presente. Muito embora, exista a conservação do verde, o local se apresenta muito acidentado sendo, por isso, de difícil aproveitamento agropecuário. Aos poucos os moradores do povoado foram subindo para a chapada. O Sr. Pedro Rabelo da Paixão um dos responsáveis pela manutenção das tradições mimboanas, explica o ocorrido: "Lembra que era bom, tinha água. Mas, quando ocorria alguma doença, era um Deus-nos-acuda! A gente tinha que subir com o dinente em uma rede todo aquele pedaço de chão. Certo dia João Santos chegou pra mim e disse: 'Seu Pedro eu vou subir pra chapada. Então eu falei, eu também vou e subi. O meu povo me acompanhou. Hoje em dia todo mundo mora em cima da chapada". De acordo com o relato de Pedro Rabelo da Paixão, podemos compro-

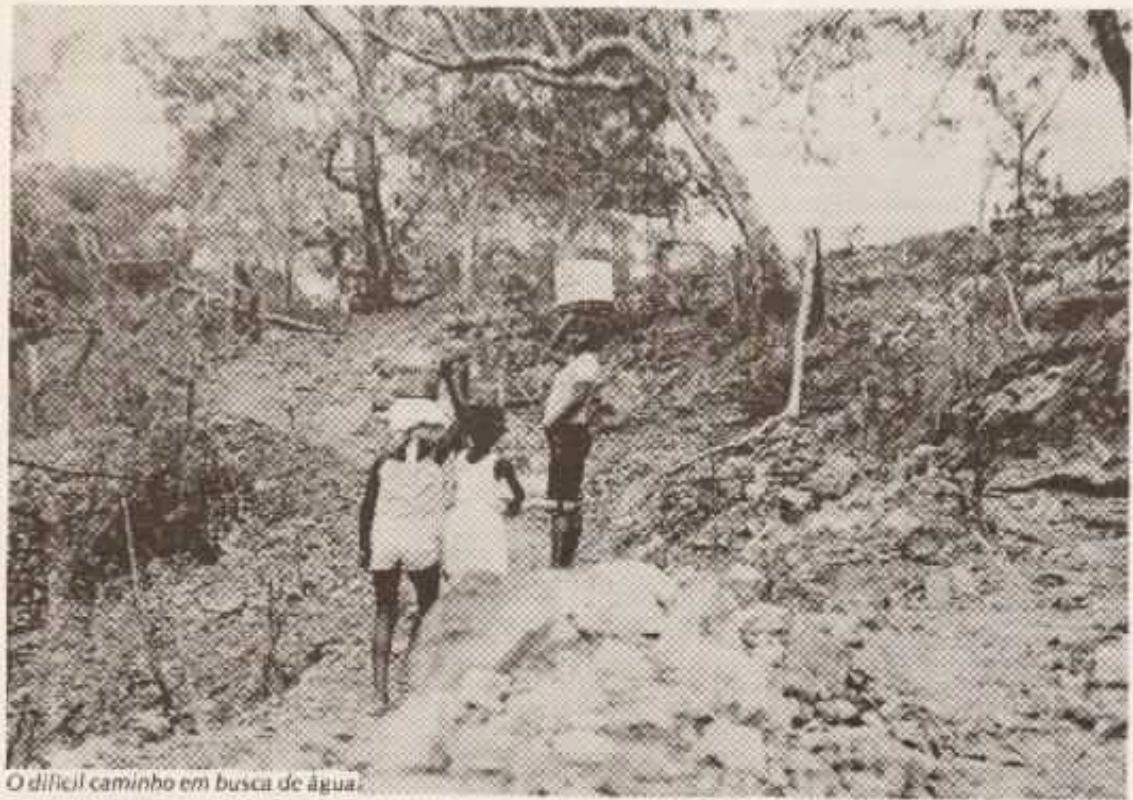
var o quanto era difícil a locomoção de um doente. São quase 1.500 metros de subida entre pequenas e grandes pedras, em um caminho que não podem passar dois homens ao mesmo tempo. Atualmente todos estão na chapada. Mas ainda enfrentam o problema da água. Dona Pastora nos conta que as mulheres do Mimbo "quebram o resguardo" com quinze dias. Ou elas vão buscar a água, ou não faz a comida, e nem banha os meninos. Os homens estão todos fora trabalhando no Fundo Perdido, ou então em Amarante procurando algum tipo de serviço que dê para trazer alguma crise pra casa". A verdade é que o povo do Mimbo vive quase que exclusivamente da lavoura da mandioca. E a monocultura deve-se ao fato do terreno ser mais propício à cultura mencionada. E o problema da água se agrava ainda mais quando chega a época da "desmancha" (quando se faz a farinha e a tapioca). No ano passado os mimboanos tiveram que pagar para conseguirem a água necessária para o trabalho. E muitos foram os que não obtiveram lucro de espécie alguma. Para a resolução desse problema, já existe uma bomba d'água que brevemente estará funcionando. O índice de analfabetos há dois anos atrás, era muito grande, uns 98% aproximadamente. Essa porcentagem diminuiu sensivelmente com a criação de uma Escola no povoado. E, a esse fato, a prof. Idelzita Rabelo da Paixão comenta: "Devemos tudo isso ao professor Cinéus que lutou e conseguiu trazer para meus irmãos o estudo. E, quanto ao problema da água, ficará mais fácil com a utilização da bomba".

Como foi dito anteriormente, e o leitor mais atento pode observar, o Mimbo não se trata de uma "comunidade primitiva". Os mimboanos sempre mantiveram contato com Amarante que fica distante apenas 20 Km do povoado. E, atualmente, esse contato tem-se tornado mais intenso devido à facilidade de acesso, com o asfalto da rodovia Teresina-Floiano.

Mas o que existe realmente de extraordinário nesse povo que até bem pouco tempo não era conhecido por professores, antropólogos, sociólogos, folcloristas, turistas? Acreditamos que a resposta está na ingenuidade, no jeito cantado de falar, no carinho na hospitalidade, e na luta desesperada de conservar suas tradições, seus valores culturais.

Virgílio de Queiroz

Jose Virgilio Madeira Martins Queiroz (Virgílio de Queiroz) é filho de Amarante e funcionário da Fundação Cultural do Piauí.



O difícil caminho em busca de água

# CRÔNICA

## Fortaleza e sua descrição através de uma crônica.

O último livro de Raimundo Girão, lançado à publicidade nos dias derradeiros de 1983 e que chegou às mãos por nônia gentileza do autor, é uma preciosidade literária que a gente tem de realçar. Assim sendo, o *Fortaleza e a Crônica Histórica*, que é o título do mesmo livro não podendo ficar impune ao registro de aparecimento, tem a acompanhá-lo, nesse registro, os seguintes itens: o valor intelectual do trabalho em si mesmo e os aplausos de quem elaborou este com apurado espírito crítico.

Raimundo Girão vem num crescendo labor mental que se torna digno de ser apontado. Deejam-nos nos referir à quantidade de seus trabalhos somente de 1982 para cá. Nada menos do que 5 trabalhos elaborados e publicados, e que são: *A Cidade do Pajeú*, *Eduardo Henrique Girão, Uma Dignidade Militar*, *Páginas Exumadas e os Municípios Cearenses e seus distritos*.

No *Fortaleza e a Crônica Histórica*, ele mostrou com o brilho de escritor primoroso, a descrição de vários literatos cearenses a começar do poeta Paula Ney, sobre a cidade Amada. Na descrição estão a história e a crônica, ajustadas num diafano que impressiona. O Substituto de crônica bem mereceu figurar no livro, não só para se admirar o retrato literário da comunidade pajeuense como para apontar, desta, os elogios e os aplausos daqueles literatas que se manifestaram, dando o selo ou fiança nas afirmações.

Mas vamos à palavra Crônica que serve para descrever a história do seu belo livro, de que estamos tratando. Certa vez, falando sobre esta palavra ou o que ela vale, o seu uso e emprego, nós tivemos ocasião de escrever em nosso livro *Itains* (Rio, 1967) mais ou menos o que se segue e que agora desejamos aflorar, modestamente:

O que vem a ser uma Crônica? A princípio era a narração de fatos que ocorriam de conformidade com a ordem dos tempos. Por esse motivo até a Idade Média os que fizeram história não tinham o ape-

lido de historiador ou de (historiografo - que é termo agora muito usado), mas o de Cronista. Para a palavra Crônica os mestres chegaram a fazer a separação dos eventos em décadas ou fases determinadas para descrição da vida humana ou de causa da natureza, e, tal aparecer o Cronógrafo, lado do Cronista. O Cronógrafo, pois, ou o autor da cronologia, como se concebe, tratava especificamente das diversas divisões que se faziam da História, as quais determinavam a ordem e a sucessão de fatos de uma época. Vemos ainda no século XVI, no lexicón português, a palavra empregada no sentido que os povos não latinos usavam, cuja fonte foi o Grego (Chronika), embora em cuja época da Era Cristã houvesse uma preocupação dela ser expressada, exclusivamente em língua latina. Os cronistas ou os que relatavam então os fatos e acontecimentos seguiam a ordem dos tempos; a missão era um munus que não se confundia, na qualidade, com a profissão de copista. Uma repartição do reino ou um empreendimento sob os auspícios do Governo, ou tutelado por este, tinha o seu funcionário investido para a função de narrar. A Crônica, porém, no sentido de notícias sobre fatos da atualidade e narrações dos acontecimentos diuturnos, feita sem a batuta do Estado e por quem a deseja escrever, é de emprego mais moderno, e como tal, o seu fazedor não pode confundir-se com o escritor antigo.

Dizem os encyclopedistas que andaram pesquisando as Crônicas de Cornelius Nepos, as de Lusibio, continuadas por Joao Jerônimo, as de Iodoardo, as de Turpin e quejando, só para falar em tempos recuados, que todos os acontecimentos da História Universal estão nelas existindo, desde as Olimpiadas até as narrações lendárias, desde a vida dos santos e dos reis até aos fatos prosaicos, envolvendo estes, muitas vezes, simples mortais. Efetivamente temos os exemplos em casa, e vamos citar dois por significarem acontecimentos. São assuntos que nos falam mais de perto por es-

rem ligado ao nosso país, não foi uma crônica, também chamada Carta, que nos revelou a existência perante as Cortes Europeias, no ano de 1.500 - a de Pedro Vaz de Caminha-Escrita ao El-Rey D. Manoel? e não foi uma crônica - a de Gonzalo Fernandez de Oviedo, Dirigida ao Cardenal Pedro Bernardo, da Espanha, em 1.541, sobre a viagem de descoberta do grande mundo - que é o vale Amazônico - por Francisco d'Ornellana? É que Carta, Escritura e Crônica confundiram-se na significação de documentos oficiais ou instrumentos que tinham fe pública; daí o termo cronista em escritivo tanto um como o outro, empregar-se indistintamente na mesma acepção. Um dos mais testejados cronistas de Portugal pelo vigor da prosa - FERNÃO LOPES - exerceu o cargo de Cronista-mor, nomeado que fura por D. Duarte - O Soberano mais ilustre das cortes Europeias, na sua época (Século XV).

Uma simples relação de nomes de autores e de obras de Portugal, o que não deixariam agora de o leitor se a fôssemos indicar, bem demonstraria a nossa assertão. E até no Brasil e em favor do Brasil chegou-se a usar a crônica na descrição de riquezas do País, como é o caso de Jaboatão (Irei Antonio I, Maria de Jaboatão) que no século XVIII (1.761) publicou a sua crônica dos Frades Menores da Província do Brasil, - substancial e útil repertório da história e geografia nacionais.

O termo Crônica, que RAIMUNDO GIRÃO tez aparecer como pertence do livro é, portanto, natural e adequado. Girão foi feliz na escolha desse termo.

No seu livro que a gente lê com ardor cívico, orgulho brasileiro e prazer intelectual, ele soube revigorir, pois o sentido do vocabulário Crônica, que a literatura atual não vinha usando.

Nossas felicitações ao autor do *FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA*, não só pelo revigoramento do vocabulário Crônica, como pelo meio que usou, elaborando uma crônica para o seu magnífico trabalho literário.

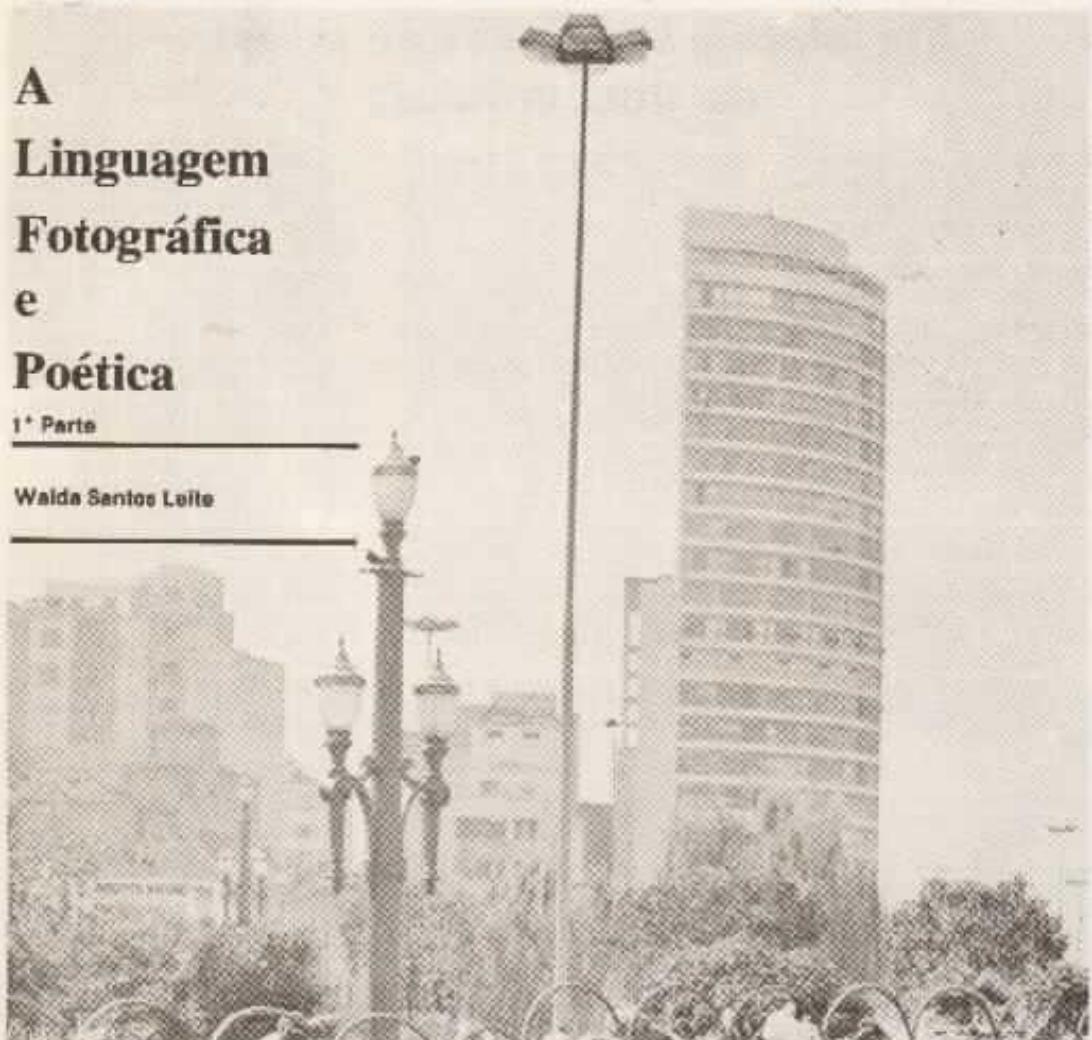
Bugaju Brito

# FOTOGRAFIA

## A Linguagem Fotográfica e Poética

1<sup>a</sup> Parte

Wanda Santos Leite

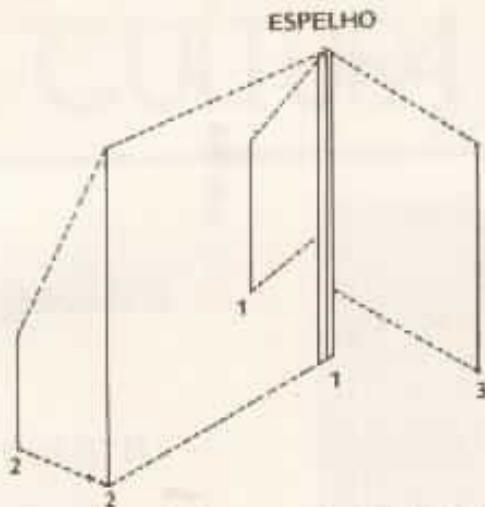


Analisando a foto acima, numa tentativa de captar a técnica de composição barroca, nos deparamos com um ludismo imagístico, sobressaindo o jogo de três imagens numa quebra absoluta da linearidade. A foto aqui se movimenta em suas massas, aprofunda suas dimensões e não revela um elemento primeiro em relação a um segundo ou terceiro; um é um, um é dois, dois é três. Os elementos se completam, se integram para formar um todo único.

Em outras palavras, diríamos que o todo (o espaço fotográfico) é composto de partes (elementos do espaço) que isoladamente possuem vida própria e reunidas constituem uma só forma, uma só ideia. Assim sendo a metonímia

figura aqui como elemento primeiro e, tal como a televisão, apresenta uma composição em cortes. Presentifica de maneira plástica o todo na parte e a parte no todo. Desse modo possuem relações basicamente paradigmáticas que se apoiam num sintagma

formando, segundo Jakobson, a sua função poética. Assim, a relação a três (as formas dominantes) se dá a nível de reflexão: como um espelho que não só reflete a sua imagem [1], mas reflete a anterior [2] e lança a imagem à posterior [3].



Esse deslizamento de formas entre os traços visíveis da linha possibilita a não existência de um ponto fixo da imagem, comparada assim à noção de descentramento em Derrida:

"A partir de uma leitura desconstrutiva do texto artístico, observamos que o significado não possui mais um lugar fixo (centro), mas sim, passa a existir enquanto construção substitutiva que, na ausência de centro ou de origem, faz com que tudo se torne discurso e a produção de significação se estabeleça mediante uma operação de diferenças".<sup>9</sup>

Análoga a esse processo, a poética barroca, segundo Sarduy, traz em si a lei da condensação, onde dois termos de uma cadeia de significante se fundem gerando um terceiro termo que resume semanticamente os dois primeiros.

Notamos ainda aqui que a própria distribuição dos elementos no espaço realiza a recuperação de uma forma em outra. É a própria composição fotográfica que se volta sobre si mesma neste processo de montar e desmontar imagens para extrair delas os objetos que quer conceituar. Continuando o pensamento anterior diríamos que a foto em análise se apresenta como uma rede de conexões, de sucessivas imagens, cuja composição fotográfica não é bidimensional, plana, mas em volume, espacial e dinâmica. Há um predomínio de uma única forma - a linha reta - entre outras formas de igual valor significativo aparecendo como complemento do espaço fotográfico, numa tentativa de pacificar e desvendar as antinomias tão comuns na arte barroca. A foto

apóia no jogo dialético entre Natureza x Urbanismo organizado em face do eixo básico: Passado/Presente.

A natureza é aqui representada pelas árvores e pombos que, por sua vez, formam as partes do espaço global. Os prédios e as iluminárias se unem para constituir a ideia de urbanismo que interiormente já nos remete a um tempo passado-presente. O passado retratado pela forma barroca de um dos elementos de cena (lampião); o presente pela forma arquitetônica em moldes modernos de alguns elementos de composição e pela estrutura atual dada às iluminárias dos grandes centros urbanos. Dentro dessa interpretação ressaltamos a presença de um paramutismo formal onde faz com que os elementos sejam constantemente recuperados, numa busca ritmada da unidade sob a diversidade, onde um contém o outro. Equacionando, temos

Passado > Presente  
Presente > Passado

O jogo das imagens é feito não só numa dimensão de sutileza como de profundidade. Há um jogo consciente da forma, da ideia, do claro-escuro, do ritmo. Brincando criativamente com as formas, submetendo-as a novos prospectos de representação ou transfiguração do real, o fotógrafo, neste caso, flagra os objetos em sua essência e o que nos apresenta são ícones. Conforme Peirce, o ícone é um signo que representa seu objeto por traços de semelhança ou analogias. Portanto a foto nos apresenta objetos similares à realidade traduzida e traz uma ideia acerca desses objetos. Dessa ma-

neira, o valor das formas reside no sentido que ocultam. Isto é, não na posição que ocupam, porém, pouco a pouco abandonam sua iconicidade em prol de sua significação, tornando assim um valor operatório. Vista desse modo, a foto, em seu limite, não é mais imagem de nada, mas sim uma codificação direta de alguma coisa: sua significação. Assim sendo, ela deixa de ser apenas iconica (apesar do caráter iconico predominar), na medida em que indica uma série de possibilidades de interpretação, como também serve de delimitador de espaço-tempo e do próprio contexto socioeconômico. Em consequência desse caráter indicador a foto deixa de ser um qual-signo e passa a ser um sin-signo iconico, que Peirce denomina de

"todo objeto de experiência, na medida em que alguma de suas qualidades leva-a a determinar a ideia de um objeto".<sup>11</sup>

Por outro lado, a sensação da mensagem percebida se compõe de signos normalizados, enunciáveis e universais, a tal ponto que nos foi possível visualizar as antinomias existentes na foto. Podemos assim, falar também da existência de um sin-signo indicativo remático, que, de acordo com Peirce

"é qualquer objeto de experiência direta, na medida em que atrai atenção para um objeto do qual decorre sua presença".<sup>12</sup>

Fim outras palavras diríamos que a nível de terceiro, o ícone, em nosso objeto de estudo, é um rema, ou seja, um "discurso" não verbal, um anti-discurso.

Concluindo nosso pensamento podemos argüir que há ainda certos traços analógicos entre as formas retratadas e os objetos reais relacionados em metáfora. A semelhança não está nos próprios signos mas no que é designado por eles:

Pombos/Lampião: Paz/Passado  
Prédios/Hiluminárias: Tecnologia/Presente.

Logo, o uso da metáfora prevalece mais de forma conciliativa do que denotativa.

Kim



Kim é pseudônimo de Batista, programador visual

# CULTURA POPULAR

## O Cangaceiro na Literatura Popular

Pe. Matusalém Souza



Diariamente, quando abrimos o jornal, o televisor, ficamos escandalizados com o surto de criminalidade que toma conta da sociedade, em especial, os grandes centros urbanos. As interrogações, as pesquisas e as reflexões tomam corpo na busca de compreensão da origem social desta criminalidade anônima. Dos gritos ouvem-se clamores reivindicando o policiamento mais ostensivo e, dos mais radicais "a pena de morte". Tudo isto sob o afã da vã esperança de maior tranquilidade.

No entanto, nem sempre foi assim. Houve um tempo em que a maioria das pessoas torcia pelos bandidos em luta constante com a polícia. Este foi o tempo em que parcela significativa da sociedade não contrapunha ao crime a necessidade de mais repressão, embora este pudesse ser o ponto de vista dos governantes deste imenso país. Este tempo é bem retratado na "literatura de Cordel", que tem conceitos peculiares para expressões, até o momento, caracterizantes da situação de violência.

Dentre as pronunciadas expressões destaca-se "fara-da-lei" e "bandido social".

Num estudo cuidadoso da consciência popular, percebe-se que a própria noção de "fara-da-lei" a que estamos habituados, e na qual classifica-se os criminosos, é uma noção relativa. Para a lei, isto é, aos olhos do Estado,

qualquer um que roube ou mate, que use de qualquer forma de violência, individualmente ou em grupo, para se apropriar de bens alheios para qualquer fim - para uso próprio, para distribuir entre os seus ou para sustentar uma atividade guerrilheira - é considerado um bandido. O Estado manipula, portanto, esta noção vaga e ampla de bandido para estigmatizar um grupo de pessoas como inimigos da sociedade e persegui-las implacavelmente (DORIA, Carlos Alberto, "O Cangaço" Brasiliense 2<sup>a</sup> ed. São Paulo 1981, 11). O "fara da lei" de que ocupar-se aqui, "O bandido social", mesmo caindo nesta categoria de inimigo do Estado, distingue-se do "criminoso comum" justamente pela maneira como é visto pela sociedade a que pertence. Esta visão é fornecida pela literatura de Cordel. (Ver Vida e Morte de Lampião-Delarme Monteiro Casa

das Crianças de Olinda. Recife 1979).

Dentro do bojo da literatura de Cordel, o "bandido social" é, em geral, um membro de uma sociedade rural e, por razões várias, encarado como proscrito ou criminoso pelo Estado e pelos grandes proprietários. Confuso, continua a fazer parte da sociedade campesina de que é originário e é considerado como herói por sua gente, seja ele um justiciero, um vingador ou alguém que rouba aos ricos (BARBOSA, Severino, "Antônio Silvino O Rifle de Ouro" Editora de Pernambuco, 1979 pp. 91-98). Como bem expressa Leandro Coimbra de Barras ao caracterizar o cangaceiro Antônio Silvino nas seguintes estrofes:

Antônio Silvino e  
Cangaceiro do Sertão.  
Mas não ataca a pobreza,  
Até que chega o príncipe;  
Mas tem orgulho criminal  
O dia de galão.

Côco e encrencado se mataba  
Mentia a tala em vez a almeja.  
Porque na minha rocha  
São viciados com a cadeia  
Paga logo o que se tem feito  
Com a sangue da prisão verá.

Tudo isto faz entender que, na prática os membros da sociedade não reconhecem no Estado e na classe dominante a legitimidade para dizer quem está ou não agindo segundo a "lei" e os costumes reconhecidos pelo povo simples.

Este tipo de bandido nada tem a ver com o "bandido oficial" ou "comum": isto é com aquele tipo de criminoso que a própria comunidade se esforça por entregar à polícia. Pelo contrário, é um capo-nês comum que por algum motivo "caiu na desgraça", perante aos poderosos locais ou um rebelde, e que por isso mesmo merece ser admirado, ajudado e protegido na luta contra os inimigos. Sobre isto testemunha Delarme Monteiro nas estrofes (Delarme Monteiro, op. cit.):

Deus deixou para todos  
Grande campo de cada  
Para assim terem tanto  
Inteligência e sacar  
Mas a maioria vira tal  
Mudanças de ilações

Aí cresce o homem e cari  
Mais tem a coragem tanto  
Canta ao vulcão a casa  
Sempre grande descontento  
Posteriorize as palavras de malho  
Ele avinha seu jardim

Só que fura a vulcão  
Do chegado do Fornir  
Tentou devorar os seus amigos  
Já por te verdes  
Ora me vangarei e salvarei  
Ora me peço São Bernardo

Lembra afora o grupo  
Da sangrenta Mancha  
Centro, Ibo, Tocantins e Ceará  
Faltando com desempenho  
Dives no campo da tua  
Era tuu qualquier herreiro

Este tipo de bandidismo é o mais tradicional e um dos fenômenos mais universais da história. São testemunhas desta modalidade de vida não só o nordeste brasileiro mas a China, o Peru, a Sicília, a Ucrânia, a Indonésia, etc. Cabe portanto ter em mente que do ponto de vista organizacional, as sociedades onde surge o cangaço possuem alguns traços comuns: são as sociedades rurais que vivem em transição entre a organização tribal ou de clã e a moderna sociedade capitalista em fase de industrialização. Aliás é que o avanço do capitalismo no campo destrói a predominância dos laços da família. A consequência é o cangaço como comportamento livre e messianico político ao lado do messianismo religioso (QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, "O Messianismo no Brasil e no Mundo", Alfa-Omega, São Paulo

1976, pp. 164, 352-354). Neste tipo de sociedade, é perfeitamente compreensível um "camponês" resolver pegar em armas para "vigar a hora" de sua irmã violentada pelo filho de um proprietário, ou se rebelar e defender os seus parentes que se recusam a pagar os impostos e tributos devidos às autoridades.

Neste contexto é que se situa a narrativa cordelina sobre o fenômeno do cangaço no sertão nordestino e brasileiro. Cabe, neste espaço, examinar os seguintes aspectos: da literatura popular; posição social dos poetas populares; ciclo dos cangaceiros na poesia popular e evolução histórica do cangaço. O material referencial será sempre textos das matizes de cordel, por esta razão citaremos em parênteses folheto e autor.

#### POSIÇÃO SOCIAL DOS POETAS POPULARES

Após o fim do primeiro ciclo econômico significativo - o pau-brasil, também após a época em que o conquistador português não se preocupava com muito mais do que encontrar um lugar para embarcar o pesado "pau-brasil" (José Ferreira Lima, "Novo Encontro de Lampião com a Polícia - Tiro teio e Morte"), formou-se, no fim do século XVI, através da importância da economia da cana-de-açúcar e do início de uma colonização planejada, na sociedade açucareira, a primeira sociedade independente da América portuguesa. Sua estrutura pode ser esboçada da seguinte maneira: a) ampla base formada por escravos (índios e depois os negros); b) Acima estão os portugueses que não possuem terras e que têm de prover a própria subsistência, através do trabalho autônomo ou na condição de assalariados; c) A classe dominante é a aristocracia dos senhores de engenho, apoiados pelos capitalistas da metrópole (João Martins de Athayde). "O que me disse um Soldado que Milagrosamente escapou da Unha de Lampião". Dentro deste contexto, documenta a literatura de cordel, a matança dos índios continuou até início do século XVIII. Assim, a guerra foi, por mais de 200 anos, a situação normal do sertão, no interior do Nordeste Brasileiro. Não foi sem mais que o Ceará fora conquistado da maneira mais brutal possível (José Cordero, Perseguições de Lampião pelas Forças Leais).

No século XVII, a resistência dos índios vai enfraquecendo e o sertão torna-se uma região econômica, sem a qual a estreita faixa de litoral, onde se empregou cada trecho de terra na cana-de-açúcar, não teria podido sobreviver. A es-

trutura básica é bem rigida: o sertão se torna a região frigorífica da carne humana. A sociedade sertaneja é dominada por aristocratas (Pedro Henrique Batista, "A Prisão de Volta Seca - bandido de 16 anos no grupo de Lampião") com traços autoritários fortemente marcados, que fazem as correntes democráticas existentes transformar-se em artifícios retóricos sem sentido, mantidos apenas por causa da tradição. Aqui distingue-se três classes:

1 - A grande maioria da população (80%); a proletária e precisa por isso colocar-se a serviço dos dois outros grupos. Este grupo é formado por índios sobreviventes e grande número de mercados tendentes ao nomadismo (João Martins de Athayde). As Novas Proezas de Lampião;

2 - Há uma pequena camada intermediária que se compõe de arrendatários, pequenos proprietários e comerciantes;

3 - A maior parte da terra pertence aos aristocratas sacerdotais (pessoas que recebem direito de posse do rei). Estes são os senhores e políticos do sertão.

Sabendo-se que esta sociedade constituiu-se definitivamente após a vitória sobre os índios, a caixa de ressonância da poesia popular épica é constituída pelas duas camadas baixas da população do sertão e pelos filhos dos fazendeiros. A estas se acrescenta grande número de pessoas que vivem fora do sertão, do núcleo central da cantoria. São especialmente os emigrantes que moram agora no sul do país e aqueles que exercem trabalho escravo na antiga sociedade açucareira, até o fim do século passado, e hoje são camponeses.



O poeta popular se origina, sem exceção, da mesma camada social que seu público. Ele é realmente o porta voz de sua classe e suas interpretações esclarecem a consciência dos sertanejos. Articula uma ideologia coletiva. A congruência entre público e autor não foi ainda quebrada. O proletariado e sem outra ocupação se sustenta de suas poesias. Por este motivo, tem o poeta de se adaptar ao mercado, não pode partir livremente, em seus textos, de ideias próprias, talvez originais, pois é obrigado sob quaisquer circunstâncias, a agradar ao povo (cf. DAUS, Ronald. "Círculo Epico dos Cangaceiros na Poesia Popular". Casa de Rui Barbosa. Rio. 1982. 19).

Esta fidelidade ao público, por parte do poeta popular, é, ainda hoje comprovada no depoimento do poeta Joaquim de Sena, que diz: "não interessa escrever o que a gente quer, o que agrada mesmo é escrever o que o povo gostaria de dizer se tivesse a veia poética". O que equivale dizer: se tivesse oportunidade. Assim, a totalidade dos folhetos de um ciclo tem a apariência de ter sido produzido de uma só fornada (João Martins de Athayde. "Próximas de Lampião na Cidade de Calazans").

O poeta popular nordestino sente-se tão solidário com a classe da qual provém, com a sua ideologia, que acredita que tem de se desculpar por ser diferente. Tenta justificar-se, dizendo que não exerce sua arte por dinheiro, nem só para entreter os outros, nem tampouco para divertir-se, mas por sentimento de dever. Este dever é especificamente o de educar. O exemplo mais tocante é do poeta e editor Manuel Camilo dos Santos, de Campina Grande, que escreve na contra capa dos folhetos: "As poesias desta casa instrui, alegra e suavisa". Esta clara que primeiro vem a instrução, depois o divertimento. Este é o alibi do poeta para seu desvio da norma.

O saber do poeta popular, que este o quer transmitir, é o alinhamento de dados, isolados de diferentes regiões. Por isto mesmo, é compreensível que os poetas populares se sintam como a élite de sua classe e sejam reconhecidos como tal pelos sertanejos. Até os ricos fazendeiros os consideram. Numa sociedade em que a alfabetização da população já progrediu muito, o poeta popular goza de maior prestígio do que o cantador de desafios, geralmente analfabeto. Os poetas dão aos seus leitores a sensação de corrigir sua formação. Poder ler folhetos é um símbolo de status (João Martins de

Athayde. "Os Projetos de Lampião").

#### CÍRCULO DOS CANGACEIROS NA LITERATURA

Tanto Daus como Sebastião Nunes Batista como Manuel Diogo Júnior são unânimes em afirmar que "o círculo dos cangaceiros serve como ponto de partida para uma análise da poesia popular nordestina e autotone tem grande êxito junto aos sertanejos e um número considerável de folhetos é escrito em forma de autobiografia".

Na poesia popular encontram-se os feitos e a personalidade de Antônio Silvino e Lampião, os dois mais famosos chefe cangaceiros de sertão. Trata-se portanto de um tema especificamente nordestino (João Martins de Athayde. "Os Projetos de Lampião"; João José da Silva. "A Verdadeira História de Lampião e Maria Bonita"; Antônio Alves da Silva. "Antônio Silvino Contra Lampião pela Possa do Inferno").

Os poetas populares puderam assim, adaptar livremente, em trabalho independente, um tema para eles atual - o cangaço - e esquemas que funcionavam como base na redação de novas variantes de temas tradicionais. Os dados históricos para tal, foram acondicionados na forma fixa da narrativa heróica. Constatou-se portanto que foram as numerosas e inúmeras histórias de cavalaria que forneceram bastante material de consulta. Como quer que tenham sido as fontes, a realidade sociológica talvez mais forte. Por esta razão, é que constitui objetivo deste estudo a análise e interpretação do núcleo simbólico da figura do cangaceiro.

A perspectiva se justifica pela constatação de que o êxito dos folhetos de cangaceiros no sertão foi e ainda é enorme. Documenta Câmara Cascudo a existência de mais de cento e cinquenta folhetos só sobre Lampião (CASCUUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Melhoramentos. S. Paulo. 1980), as tiragens mais conhecidas no Nordeste. Jú Gustavo Barro completa a informação de que o círculo dos cangaceiros é o único típico do Nordeste (BARROSO, Gustavo. "Ao Som da Vida". Rio. 1949. PP. 283ss).

Tomando como base a classificação de Ariano Suassuna, da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, sabe-se que o "círculo dos cangaceiros" diferencia-se de todos os outros textos da poesia épica nordestina por uma particularidade formal: os escritores empregam muito frequentemente a primeira pessoa do singular na nar-

rativa dos acontecimentos. Isto para demonstrar o modo de repressões. Não podem louvar de maneira pública os feitos dos cangaceiros por temor de vingança da polícia.

Compreende-se portanto a frequência dos textos serem reduzidos de forma que não possa comprometer seus autores. O próprio protagonista conta a sua história. Contudo há uma consequência de cunho psicológico: lenão ouvindo o folheto, a pessoa se identifica com o herói, de modo que passa do autor uma influência, recebida dos cangaceiros, ao leitor. Nenhum outro ciclo da poesia popular nordestina exerce tanta influência sobre os leitores do sertão - influência profunda - como o círculo dos cangaceiros. Ele nos informa sobre a estrutura psicológica do comportamento dos sertanejos e permite tirar conclusões sobre desejos e frustrações da esmagada maioria da população do Nordeste brasileiro (Francisco das Chagas Batista. "A Política de Antônio Silvino"; João Martins de Athayde. "Os Projetos de Lampião").



## EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CANGAÇO

Uma das modalidades de compreensão da evolução do cangaço no Nordeste brasileiro torna-se mais fácil quando à luz de Djacir de Meneses afirma-se que "na sociedade sertaneja não pode haver valores objetivos; tal concepção é destinada de sentido para alguém que tem de viver nessa estrutura social. Conceitos morais tornam-se relativos, tornam-se instrumentos de exploração oportunista de situações práticas. A justiça no sertão tem de ser forçosamente uma justiça parcial" (MENESES, Djacir "O Outro Nordeste", Rio: José Olympio, 1937, p56ss).

As tropas que lutavam em conflitos entre famílias compunham sempre de três diferentes blocos: a) alto comando e sub-comando nas mãos de membros da família ou amigos próximos do clã, b) a maior parte dos combatentes eram recrutados entre empregados dos fazendeiros e os postos secundários de mando eram concedidos aos arrendatários, a saber, em casos de urgência; c) os capangas assumiam o comando das subdivisões de tropas.

O que constitui fato interessante, é que para obter capangas, protegiam-se criminosos do rigor da justiça e, prometia-se um salário muito bom. Desta forma, uma vez formado o contingente de capangas, este permanecia até mesmo em tempo de paz (CARVALHO, Rodrigues de, "Serrote Preto, Lampião e seus Sequazes", Rio: S.E.G., 1961, pp.57-86).



A eficácia dos capangas era manter o poder do fazendeiro. Assim, a influência dos capangas aumentou tanto que eles conseguiram libertar-se de seus senhores. Ai acontece a virada. Já não consideravam tarefa nobre e principal derrotar inimigo a serviço determinado deste ou daquele fazendeiro, mas faziam guerra por conta própria. A conclusão é de que os capangas até então haviam sido instruídos e mantidos, como instrumentos dos fazendeiros para a manutenção do poder, tornaram-se independentes. De capangas tornam-se cangaceiros (CASCUUDO, Câmara, op. cit 175).

A mudança se justifica porque o cangaço ofereceu aos sertanejos de outras camadas a possibilidade de alcançar posições de poder, que do outro modo lhes teriam permanecido vedadas. Fizeram-se brechas para o acesso às classes: um chefe cangaceiro se iguala em sua abundância de poder, a um ricô fazendeiro.

A polícia que se mantivera sempre fora da sociedade sertaneja, foi chamada. Seus oficiais conseguiram, de sua parte, sob o pretexto de proteger a população, apoderar-se de uma parte do poder do sertão. Os fazendeiros comandam a política mesmo contando com forças antagonistas: polícia x cangaço. A polícia trouxe sertão elementos de outras formas de sociedade, e possibilidade, além disto, como o cangaço, a ascensão social de homens das camadas mais baixas da população.

Com esta mudança, acontece o apogeu dos cangaceiros e o início da desintegração da sociedade sertaneja. Os cangaceiros acreditavam que eram integráveis na sociedade sertaneja e que a estrutura básica desta sociedade devia conservar-se (Augusto de Sousa Lima, "Conselhos e Opiniões"; João José da Silva, "O Cangaceiro baseado na Vida de Lampião").

Na literatura popular percebe-se claramente que o fato do cangaço ter se tornado excessivamente forte, provocara uma reação nas regiões de fora do sertão, reação que pareceu favorecer aos antigos senhores e fazendeiros, mas que enfraqueceu seu poder, quanto o dos cangaceiros. Mas não foi o fim. Por volta do ano 1900 criou-se uma nova geração de líderes, cujos principais representantes foram Jesuíno Brilhante (deste é o mais antigo folheto popular sobre o cangaço), Antônio Silvino e Lampião.

Estes homens levaram o cangaço a seu clímax até 1925. Sobretudo Silvino e Lampião, graças a personalidade deste último o sobreviveu até então mesmo com os tempos em mutação. Lampião,

responsável pelo ponto alto cangaço, fraqueja laticamente os meados de 1930 quando não valeu da ferrovia e estradas, se armou de metralhadoras, estabeleceu relações públicas e líderes de partidos nas capitais. Sem dúvida pode-se afirmar "Dentro de uma sociedade em mutação, o cangaceiro representa um anacronismo", fato que denuncia muito, segundo a literatura popular, o papel de Lampião e Antônio Silvino. A conclusão é que com a morte de Silvino e Lampião encerra-se o capítulo final história do cangaço no Nordeste brasileiro, para continuar na popular.

## O TEMA DO CANGAÇO NO FOLHETO POPULAR

Gustavo Barroso dá conta de que depois da década de 30 já se encontrava grandes arquivos da literatura popular com a memória cangaço. A maneira de guardar memória coletiva, é a mesma literatura popular. Os nomes que se declinam são: Jesuíno Brilhante, José do Vale de Rio Preto, Líbito, Cabeleira, os Guabirabas, os mais recentes de modo a persistir até hoje os nomes de Antônio Silvino e Lampião.

Talvez seja a respeito de Jesus Brilhante o mais antigo texto de poesia popular sobre cangaceiros. Contudo, na obra de Pereira da Costa (Folk-lore de Pernambuco) encontra-se os textos solos Cabeleira e Zé do Vale. Por outro lado, Gustavo Barroso registra poesia popular a respeito de Vilas e dos Guabirabas como anterior a Antônio Silvino, também registrada como inspiração da obra popular.

Silvio Romero registra fragmentos de poesia popular acerca de Cabeleira, Lucas da Feira e Jesus do Vale. Este último texto chamado de Reinado (ROMERO Silvio, "Contos Populares do Brasil", Alves & Cia, 1897, pp. 6120, 177). Mas a maior persistência de folhetos é sobre Antônio Silvino e Lampião. Estas figuras mereceram maior atenção por parte dos poetas populares.

Vale salientar que Antônio Silvino viveu numa época de grandes poetas populares como é o caso Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde e Francis das Chagas Batista. O falecido Sebastião Nunes Batista, de saudosa memória pelos feitos cordelinos informa da sua cordeloteca os seguintes melhores folhetos sobre cangaço. De Leandro temos: A morte de Silvino no Juri, Debate seu Advogado, Antônio Silvino



Rei dos Cangaceiros, Antonio Silvino se despedindo do Campo; Luta do Diabo com Antonio Silvino; Todas as Lutas de Antonio Silvino, etc.

João Martins de Athayde tem uma rica cordeloteca sobre Antonio Silvino e alguns títulos fazem lembrar Leandro. O Nascimento de Antonio Silvino, Como Antonio Silvino fez o Diabo Chocar. De Francisco das Chagas Batista pode-se arrolar alguns títulos: A Política de Antonio Silvino, A História de Antonio Silvino (dois volumes, incluindo sobretudo os crimes).

De modo geral os crimes cometidos por Antonio Silvino são vistos na literatura de cordel, com certa simpatia, tudo decorrente, ao que parece de fato ter metido no cangaço como vítima da injustiça. Sua ação visou sobretudo a reparação da injustiça sofrida e, assim vingar os que precisam de justiça. O texto, dentre outros significativos desta maneira ver o cangaceiro, e o folheto "A História de Antonio Silvino" de Francisco das Chagas Batista.

"Fui um homem muito pacato  
E sou uma fera brava!"

Resolve entre o mesmo  
vngar de meu paia morte...

Fora somente para vngar me  
que fiz a praeça morte!

Nunca mais estes governos  
Me deixaram descansar!  
Devido às perseguições  
Não tive mais trabalho...

De Lampião, cujos atos de barbaço sempre foram considerados os piores registrados entre os cangaceiros, a literatura de cordel explorou bastante a sua vida e as aventuras em que se meteu. De modo geral, o cangaceiro não é condenado pelo poeta popular. Muito pelo contrário, como Silvino, sempre ele aparece como resultado de uma injustiça. Os folhetos proclamam a sua generosidade ou a sua inocência. O exemplo bem forte é o folheto de Anto-

nio Francisco Silva proclamando o herói Lampião:

"Lampião foi um bêbado  
Dando no nosso sentido  
Quando a lei impõe a  
De homem mais valentão  
Darentão que surgiu  
Os cabras de Lampião"

Este texto é do folheto "As Bravuras e a Morte de Lampião". Todos os textos, quer tenham sido de Leandro, de Athayde ou outros, a tônica é a mesma. Dar a simpatia com que o poeta, traduzindo o sentimento popular, expressa suas atividades. Lampião a um tempo é impiedoso para com os criminosos comuns, os que abusam das famílias, os que praticam crimes ou violências pelo simples desejo. Também é justiciero e amigo dos pobres. Argumenta Diógenes Junior, que por isto é que Maria Bonita se apaixona por ele. "A jovem viu no cangaceiro muita humanidade", afirma Sebastião Nunes Batista, quando conversávamos sobre Lampião. Assim, somente no acervo da poesia popular, é que se pode anotar os exemplos variados de manifestação deste herói do povo na cultura do mesmo povo.

# CINEMA

## Redescobrindo o cinema

Valderi Duarte



Cena de Terra em Transe, filme de Glauber Rocha

Mesmo tendo sido inventado no final do século XIX, pelos irmãos Lumière, o Cinema é hoje cognominado de "A arte do séc. XX". Arte síntese de todas aquelas que o precedeu, capaz de reunir numa única forma de expressão artística, outras como o Teatro, a Música, a Poesia etc., ele se encontra, no final do séc. que o consagrou, em estado de "agonia" profunda. Tendo que enfrentar inimigos poderosíssimos como a Televisão, a crise econômico-financeira, e o que é pior, a alienação cultural da nossa sociedade o Cinema parece condenado a tornar-se em todo o mundo, daqui para a frente, objeto de deleite cultural de uma minoria de privilegiados.

Por aqui, constatamos que esse processo de deteriorização do cinema se instalou há mais de uma década. No decorrer destes anos, Teresina contou com apenas três precárias salas de exibição, as quais penalizavam seus espectadores com uma programação deficiente — basicamente pornôs e chadas, kung-fus e enlatados americanos —, e um Cine-Clube, que, apesar de ter vinte anos de existência, praticamente inexistiu nestes últimos. Todavia em 1983

começamos a acordar. Teresina redescobriu o cinema.

Praticamente tudo começou no mês de maio, quando o Grupo Mel de Abelha — grupo de cinema amador que há quatro anos trabalha na realização e divulgação do cinema no Piauí — realizou através de iniciativa própria, contando com o apoio do INSTITUTO COFITE de Salvador, a MOSTRA DE CINEMA ALÉMÃO. Na ocasião foram mostrados no auditório Herbert Parente cinco filmes em

16mm: Tiro de Misericórdia, Medo do Goleiro no Penalty, Fad Morgana, e A Cela de Vidro, excelentes filmes, legítimos representantes no NOVO CINEMA ALÉMÃO. Apesar da pouca receptividade este parece ter sido o ponto de partida. No inicio do segundo semestre a Universidade Federal do Piauí reativou o seu Setor de Cinema da Coordenação de Assuntos Culturais, e entregou à Diretoria Ibiapina, integrante do Grupo Mel de Abelha, a sua direção

Desde então, mesmo enfrentando todas as dificuldades imagináveis, aquele órgão passou a atuar de maneira mais significativa. Começou promovendo o seminário CINEMA COMO TÉCNICA DE PESQUISA, ministrado pela cineasta francesa Anne Marie Tessis, integrante da equipe de pesquisadores franceses que desenvolvem pesquisa arqueológica na Serra das Capivaras, no município de São Raimundo Nonato. Em outubro realizou, também no auditório Herbert Parentes, a "MOSTRA DE CINEMA INDEPENDENTE", trazendo até nós filmes que, sendo realizados por cineastas que optaram por um processo de produção independente, dificilmente seriam algum dia exibidos na nossa capital, isto é, se dependessem do esquema de exibição comercial. Sendo assim os teresinenses puderam ver filmes como *Mato Elest*, *Tracema*, *Gitarana*, e *Lages*. A *Força do Povo*; todos ilustres componentes de uma galeria de filmes brasileiros que permanecem na obscuridade, apesar de possuírem reconhecido valor artístico-cultural. Porém, a atração maior no campo da exibição cinematográfica em Teresina ficou reservada para o final do ano. O mesmo Setor de Cinema da FUFPi, em convívio com a EMBRAFIME, realizou no mês de dezembro a mostra RETROSPECTIVA DO CINEMA BRASILEIRO. Composta de 16 filmes nacionais, exibidos por ordem cronológica de realização, a mostra ofereceu aos teresinenses a oportunidade rara de assistirem a verdadeiras preciosidades da nossa filmografia, como, por exemplo, *Brasa Dormida*, do pioneiro Humberto Mauro, e *Limite* o fil-

me-lenda do cinema brasileiro, realizado por Mário Peixoto em 1930, e que permaneceu quase meio século distante das telas. Também participavam da mostra grandes clássicos de todas as fases do nosso cinema, entre os quais podemos citar *O Pagador de Promessas*, *Vidas Secas*, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *O Homem que Virou Soco* e o magistral *Terra em Transe*, obra-prima do nosso cineasta maior — Glauber Rocha — indiscutivelmente o melhor filme da mostra. Outras atividades complementares aconteceram na ocasião: o cineasta Hermano Penna — realizador do filme *Sargento Getúlio* — esteve em Teresina e proferiu palestra sobre o Cinema Brasileiro, no Cine-Club Teresinense; durante a mostra funcionou no Cine Royal (local de exibição dos filmes) um posto de vendas de livros e outras publicações sobre cinema; e um grupo de pessoas interessadas em cinema, com o apoio da FUFPi, editou o N° 0 da REVISTA DE CINEMA — informativo sobre a Retrospectiva, contendo também matérias sobre cinema no Piauí. Vale ressaltar que a mostra conseguiu mobilizar público suficiente para cobrir seus custos, fato bastante positivo, visto que muitos temiam que isto não acontecesse.

No que diz respeito à realização, ainda estamos limitados ao Super-8. Mesmo nessa bitola a nossa produção do ano passado foi insignificante. Destacamos porém a realização no mês de abril do filme *Dia de Passos*, documentário sobre a Procissão de Bom Jesus dos Passos, evento religioso que há mais de um século acontece anualmente na cidade de Oeiras. Realizado pelo Grupo Mel de Abe-

lha, o filme participou da VII JORNADA DE CINEMA SUPER-8, em São Luis Ma, no mês de novembro, tendo o mesmo figurado entre os quatro melhores filmes de jornada, prêmio atribuído pelo júri oficial, ao qual concorreram mais de vinte filmes de todo o Brasil.

Em 1983 não tivemos o FESTIVAL DE SUPER-8 DE TERESINA, que vinha acontecendo anualmente desde 1980. A Secretaria de Cultura — promotora do evento — preferiu optar pela instituição do I CONCURSO DE ROTEIROS PARA SUPER-8, o qual premiará com a produção (Cr\$ 400.000,00) três roteiros — tendo como tema central o Piauí —, procurando com isso incentivar a produção cinematográfica, para só depois fazer um novo festival.

E realmente importante este processo de redescobrimento da Sétima-Arte entre nós. Convém observar que tudo isso está acontecendo de uma forma não sistematizada, tudo foi fruto do trabalho de algumas pessoas abnegadas. Sabemos que se continuarmos assim logo essas pessoas se cansarão, e toda essa efervescência pode acabar. Faz-se necessário a reunião de todos no sentido de formularem propostas definitivas e concretas, procurando assim imprimir maior consistência ao movimento. É importante também o apoio dos órgãos oficiais, da imprensa, e sobretudo do público em geral. Se assim estaremos contribuindo para aliviar a "agonia" pela qual enveredou esta forma de expressão artística, também transformada em veículo de comunicação e indústria, mas, inegavelmente, portadora de um irresistível fascínio.

Agora você pode tirar da gaveta aquele livro que escreveu e não tinha como publicar. O Governo Hugo Napolitano, no sentido de estimular a produção literária, criou o Projeto Petrólio Portella para editar livros que reflitam o Piauí, seu povo, sua cultura.

Art. Mário Eusébio - Secultur/Pi



**PROJETO  
PETRÔNIO  
PORTELLA**

Secretaria de Cultura,  
Desportos e Turismo



GOVERNO  
HUGO  
NAPOLEÃO

# CONTO



## ALMOÇO EM FAMÍLIA

Sônia Leal Freitas

Estava velho e cego. Que podia fazer senão chamar a atenção da família, ainda que fosse com intriga? Os filhos estavam todos casados. Donos de suas famílias. Sem necessidade sequer dos seus conselhos. E no domingo, quando se reuniam para almoçar com ele, vinham mais por respeito à mãe, do que por consideração a sua pessoa. Vinham com raiva, talvez, por estarem afastados dos filhos e das mulheres, que o velho não admitia em casa, por odiar crianças e ter conseguido a antipatia de todas as horas.

"Droga de vida!" Ele estava cego! Tinham mais era que passar o dia inteiro preocupados com ele. Quando ele morresse, ai sim! Eles iam saber a falta que ele podia fazer! (Mas será, que iria fazer falta a alguém?)

— Nanã, traga a faca de ponta fina! Quero anotar uma malcriação que o Nonato me disse ontem, antes que eu esqueça. Quando ele quiser se passar por muito bom, eu refresco a memória dele.

Porque estava cego, tinha adquirido o hábito de escrever nas paredes da casa tudo que julgasse importante lembrar-se. As paredes estavam cheias de coisas terríveis escritas com palavras de baixo calão, que ele não era homem de negociação com as palavras. Escritos ali, os fatos eram mais fáceis de serem lembrados. Com a ponta fina da lâmina da faca, traçava letras que se tornavam possíveis de ler com o tato. E não havia ninguém da família que não tivesse registrado ali um comportamento pouco recomendável. Quando um dos seus chegava querendo ter razão em alguma coisa, ele corria os dedos pelas paredes e lia o mal feito da criatura que ia logo tratando de se retirar, antes de aumentar sua lista de crimes no rebozo.

Tinha o cuidado de manter o seu arquivo sempre atualizado para ferir em cheio o primeiro que se atrevesse a bancar o santo deus perfeito dele. Santo ali, só ele, que nunca fora homem de incomodar ninguém. Nunca fora homem de mentiras, de abusos. Estivera sempre preocupado apenas com sua vida e com sua família.

Momentos difíceis, sabia vivê-los. Dera prova disso. Lá na parede estava registrado o fato que ocorreu há uns sete anos mais ou menos.

Na rua onde morava, num dia de sábado, lá pelas 19 horas, quando as famílias estavam sentadas nas portas de suas casas para receberem a aragem da noite, vieram-lhe dizer que o Manu da Vaca estava bêbado e armado de punhal, descendeu a ladeira da Estrada Velha, a fim de tirar a vida de qualquer um que se atrevesse a cruzar o seu caminho.

— Entre, seu Jacó, entre! O homem vem com o cão nos cõar! Não vem de brincadeira, não! Entre! Imagine o que ele não vai fazer com um pobre cego!

Foi aquela expressão! Ah! Sim, foi aquela expressão — um pobre cego — que o deixou furioso e só tinha um jeito de mostrar que um "pobre cego" também é gente.

— Não! Não entre, não! Ele que venha me desacatar! Quero ver o que ele tem coragem de fazer comigo.

— Mas o homem está bêbado, seu Jacó! Não sabe o que está fazendo. Pode até lhe matar. Deixe de temer, entre, eu lhe ajudo...

— Não! Não vou entrar, não! Nem preciso de ajuda. "O pobre cego", é homem pra enfrentar o Manu da Vaca, bêbado ou em seu juízo perfeito. Não entro, não!

— Mas todo mundo já entrou, seu Jacó...

— Mais com estal! Não sou todo mundo, não! Tenho minha cabeça. Penso por ela. Não entro, não!

Dentro de casa sua mulher dizia: "Valha-me Deus, que o velho ficou lá, entesourado, sem querer entrar".

E ele ficou lá, sob o sereno da noite estival.

Manu da Vaca era um homem perigoso em qualquer circunstância. Bêbado, era um desastre de grandes proporções. E como haviam dito, vinha descendo a ladeira da Estrada Velha, com ansia de briga, com o desacato na ponta da língua e na ponta do punhal.

De longe avistou o velho cego, sentado muito teso numa cadeira de vime, de pes de balanço que ele levava pra frente e pra trás, lentamente, como se nada o preocupasse. Como se a única coisa que restasse a fazer no mundo fosse aproveitar a brisa da boquinha da noite.

Manu da Vaca via a figura do velho sempre mais perto. Acerrou-se dele, olhou bem para aqueles olhos sem vida, levou a ponta do punhal até pertinho da órbita do olho esquerdo e disse entre os dentes: "O diabo é ceguinho, ceguinho da gota serena".

— Quem é? Perguntou Jacó, com muita arrogância na voz.

— É Manu da Vaca, meu velhinho, respondeu o arruaceiro, segurando-lhe a ponta da barba.

— Pegue nessa barba com respeito, ou com desafeto, Manu da Vaca?

O bêbado estranhou aquela pergunta. Pois lá tinha jeito especial de pegar em barba de homem!

— Com respeito, meu velhinho, com muito respeito.

— Então, está bem! Segue agora o teu caminho em paz.

E voltou a calma na ladeira da Estrada Velha.

Sim, este fato estava escrito, ali, na parede, bem no canto. Ele passava os dedos e lia para sua mulher ouvir, quando precisava lembrar à família que o chefe seria sempre ele, enquanto vivesse.

Mas ultimamente parecia que ninguém queria levá-lo a sério. Suas histórias estavam perdendo o impacto. Será que ele ia precisar de um feito heróico, outra vez, para botar teto naquela família. "Droga! O que não precisa fazer um homem para ser respeitado em seu próprio lar?"

Era preciso arrumar um plano. Talvez fosse bom apelar para o supremo sacrifício de deixar sentar à sua mesa as medias de suas horas e os terríveis diabinhos de seus netos. Sim! Se ele conseguisse um modo de se impor diante de todos eles, ia afinal reinar como um chefe temido e respeitado, naquele clã de verdadeiros estroinhas e imorais. Pois onde já se viu tomar a iniciativa de comprar uma casa sem consultar o pai? Ou de mandar um filho estudar na capital do País, sem que o avô tenha sido ouvido? E depois, não gostava nada dos conselhos que já tinham sido dados a sua mulher, para que saísse um pouco de casa, que era muito enfadonho cuidar de um velho cego e rabugento como ele. "Rabugento, uma merda!" Ele sabia até ser bem educado, quando queria. E as netas? Quer dizer delas, que gastavam dinheiro tomado aulas de violão? Quando ele era rapaz, "quem aprendia a tocar violão era mulher da vida, que queria conquistar os homens. Moça de família aprendia piano, quando tinha em casa..."

Sim, tinha que estabelecer um plano. Mas, qual? No domingo os filhos viriam para o almoço. Teria então que encontrar uma desculpa para atrair as horas e os netos. Mas como? Fazer um convite, era muito fingimento, e a situação carecia de muita sutileza. Podia apelar para o fato de estar sentindo-se doente. Sim, podia inventar que temia a morte chegar, sem ter todo tempo de despedir-se de todos eles. Quem sabe, isso daria certo. Se ia depender dele. Se usasse com muita esperteza iria enganar a todos. Começou portanto a gerar:

— Hum, hum, ai, ai, hum...

— Que é que você tem, Jacó?

— Sua mulher perguntou sem nem sequer levantar a vista da costura que fazia.

— Estou sentindo uma agonia. Uma dor horrível na cabeça. Acho que estou muito doente. Chame meus filhos... rápido... e fiz uma careta.

— Não precisa chamar. O Joel está aqui. Vá logo se despedindo dele.

Jacó ficou besta com a resposta da mulher. "Parece que não vou convencer. A situação está pi-

or do que eu esperava. Minha mulher nem ao menos veio perto de mim. Que diabo está acontecendo nesta casa?" — Refletiu Jacó, mas tratando de gemer mais alto, disposto a tentar sua encenação até ver algum resultado.

— Que é, papai? Está doente? Quer alguma coisa?

— Sim, disse Jacó, agarrado à mão do rapaz — quer que se reúnam aqui em casa todos vocês, com as mulheres e filhos. Quero me despedir. Sinto que não vou ter muita vida. Oh! Esta doendo...

— O senhor quer mesmo que venhamos todos? Eu digo, todos! Pense bem, todos!

— Sim, todos... sem faltar um só que seja... — gaguejou Jacó.

— Mamãe, se o papai não está muito doente, vai acontecer algum milagre aqui em casa. A senhora ouviu o pedido dele? Devo chamar todo mundo para domingo? — E voltando-se para o cego: E será, papai, que dá para esperar? O senhor já parece tão doente! — Ironicou.

Jacó estava fervendo por dentro, mas não podia perder a chance que se avizinhava. Tinha de convencer. Pestanejou, pestanejou até conseguir lacrimejar.

— Deus há de me ajudar que de tempo... agora quero me deitar... Sim, tinha que ficar deitado por uns dias. Nada melhor para convencer-se alguém de que se está doente.

Deitado, Jacó esperou que o domingo chegasse. Até deixou de se alimentar com o apetite costumeiro, para ver se perdia um pouco de peso. Sempre lhe pareceu que quem estava à morte, tinha que estar também um pouco magro.

A família reuniu-se toda ao redor da mesa de cedro que se conservava na casa de Jacó. As crianças falavam alto, as mulheres ainda surpresas com o convite tagarelavam com os maridos e com a sogra. Apenas Jacó estava calado. Repassava, um após outro, os detalhes de seu plano. Primeiramente, levantaria a ponta da toalha da mesa e derrubaria de uma só vez toda a louça e toda a comida que estava sobre ela. Lá, plantado na cabeceira, ele antecipava o momento. Ah! se pudesse enxergar para ver o espanto, sobretudo das faladeiras de suas noras! Depois, gritaria grossa contra os abusos que se estavam verificando no seio de sua família. Reclamaria contra a falta de consideração à sua pessoa e à educação que dera a seus filhos. As noras que não usassem calças compridas, nem se atrevessem mais a fumar. As crianças, essas deviam passar a comer na cozinha e vestir apenas



— Drogão! Mil vezes droga! — Que é isso, Jacó, você não disse que estava doente? Não vá se exaltar.

— Me exalto, sim! A exaltação é minha! Ninguém tem nada com isso! Aqui ninguém se importa com o fato de eu estar todo queimado. Cade a terrina de sopa? Quero derramar na cara desse bando de vagabundos! Quero a terrina, quero a terrina... me dê o rumo... me dê o rumo.

E se pôs de pé, tentando alcançar a terrina. Nesse ponto, a algazarra recrudesceu. Os meninos arrancavam pedacinhos de pão e queriam uns com os outros. As noras protegiam os cabelos bem penteados da fúria dos projéteis e seus maridos tentavam pôr ordem, sem contudo parar de rir ante o cômico da cena.

A mulher de seu Jacó tentava cortar o assado de lombo, cheio com ovos duros e batatas cozidas. Era o prato principal do almoço. Num dado momento, pensando ter encontrado a terrina de sopa, Jacó agarrou a travessa onde estava o assado mergulhado num molho escuro bem caprichado no tempero e no óleo.

— Achei! Achei! Aqui está a terrina de sopa! Agora vocês vão ver, bando de filhos de uma igual!

— A essa altura ele tinha perdido completamente a compostura. Se tinha um desejo despejar a terrina de sopa na primeira cabeça que encontrasse. Mas sua mulher cortava o assado e não quis que ele lhe arrebatesse a travessa. Jacó insistiu com toda a força que tinha. Ela resistiu, dizendo que era o assado. Ele teimava, dizendo que era a terrina de sopa. E de teima em teima, eis que o casal, de repente, para estupefação de filhos, noras e netos, começou a trocar uma saraivada de tapas.

Ela respondeu, dizendo que era o assado. Ele teimava, dizendo que era a terrina de sopa. E de teima em teima, eis que o casal, de repente, para estupefação de filhos, noras e netos, começou a trocar uma saraivada de tapas. E a mulher, vendo que perdia a briga, apanhou a faca de cortar carne e zás! Deu uma "cutedada" na mão de seu Jacó que começou a gritar:

— Valha-me, Deus! O que é isso, Jacó? Você derramou a sopa porque quis.

A essas alturas, as crianças já riram a bandeiras despregadas. As noras também e até os filhos. Ninguém conseguia dar atenção ao fato de ele poder ter-se queimado. A cena fora divertida: o velho rangendo os dentes, fazendo o prato de sopa saltar sobre si mesmo. Que coisa!

Enturecido, Jacó gritou:

— Que toalha é essa que parece mais um guardanapo? Onde você arranjou essa droga?

— É um jogo que a sua nora Marluce me deu. Eu usei hoje, pela primeira vez. Nossas toalhas estão velhas e desbotadas.

— Ora essa, por que você não avisou? Isso muda tudo...

— Tudo o que, papai?

Como explicar que aquela falta de respeito pela tradição das toalhas de linho tinha desviado o curso de seus planos?

Seu Jacó teve foi que se conformar. Calou-se. Retirou-se à sala. E à noite, o mais que conseguiu com a execução de seu plano tão bem elaborado, foi uma queimadura na perna esquerda e um talho profundo na mão direita. Decididamente, aquela família estava perdida e ele não podia fazer nada pelos seus, embora fosse o mais sensato de todos.

**INDÚSTRIA DE BEBIDAS  
ANTÁRCTICA DO PIAUÍ S.A.**

Av. Henry Wall de Carvalho, 7220

Fone: 227-2354

**DISTRITO INDUSTRIAL**

**64.000 - TERESINA - PIAUÍ**

**DISTRIBUIDORES PARA O PIAUÍ**

COBEL - TERESINA — FONE: 223-5211/223-5212

CODIBE - CAMPO MAIOR — FONE: 252-1214

RENATO SANTOS - PARNAÍBA — FONE: 322-2320

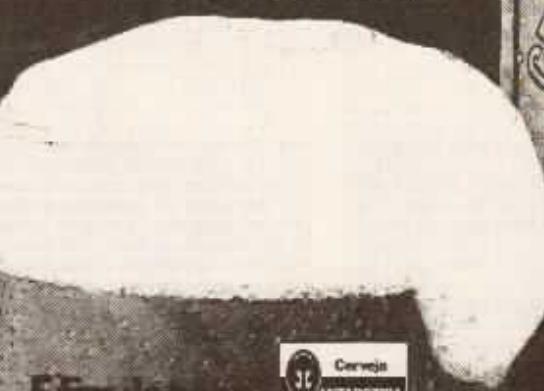
COSMEL - ÁGUA BRANCA — FONE: 282-1387

FORPIBE - FLORIANÓ — FONE: 522-1317

J. NERI DE SOUZA - PICOS — FONE: 422-1334

TIMBEL - TIMON — FONE: 222-2843

**Quem dá valor  
à qualidade  
toma  
Antarctica.**



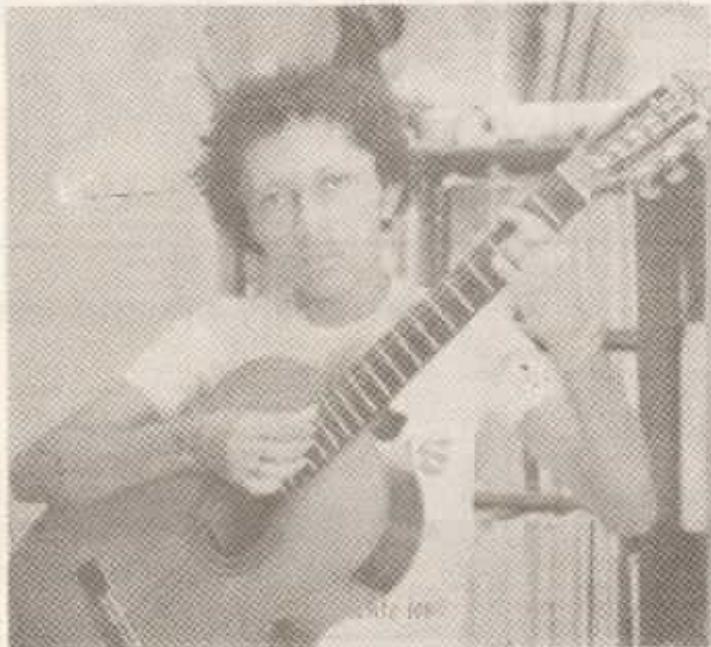
**Efimor**



# MÚSICA

## Triângulo e Sintetizador: Por que não?

André Luiz



Geraldo Brito

**Os nossos timidos e recatados músicos** decerto ainda não pensaram com o entusiasmo necessário sobre essa crucial e importante questão que assola de há muito as infundáveis e monótonas discussões das mesas dos bares (incontáveis) cá da província: música regional, folclórica, acústica e provinciana versus a tão combatida e incompreendida música cosmopolita, urbana, elétrica e de vanguarda. Uns defendem a pureza da música regional, lutam em favor da conservação das nossas raízes (e troncos e galhos e folhas) ante a avassaladora (e real) invasão de ritmos outros que não os do nosso querido e endividado país.

Os do outro lado defendem com igual ardor a rápida e urgente eletrificação-modernização (não que uma coisa tenha necessariamente que ver com a outra) de nossa música com a escancaração (tal como fez D. João VI) de nossos portos às riquezas musicais de outros povos e se riem da ingenuidade dos ditos puristas, que com seus medos e ideias pré-estabelecidas não sacam o intenso e brilhante caleidoscópio sonoro em formação hoje no planeta.

Mas outros (mais ajuizados, creio) propõem uma singular e cristalina alternativa: porque não juntar as duas coisas, o que alias já vem sendo feito por afé e que, portanto, não vem a ser novidade nenhuma? Porque continuar a fazer essa música careta e sem personalidade calcada em ídolos e gurus? A música feita em Teresina é careta sim, falta pique e falta também muita sintonia com o que anda acontecendo com e no resto do planeta. Acho até que os nos-

sos músicos sofrem de distonia musical, que é uma doença interessantíssima mas não crônica: ela tem jeito. A primeira providência é limpar a cabeça de todas as estrelas dessa hoje duvidosa e suspeita constelação musical brasileira, com algumas pouquíssimas exceções, claro. Feito isto, o próximo passo será o de se acercar de toda e qualquer informação sobre o que se anda fazendo musicalmente (o mesmo vale pra Teatro, artes plásticas, video e outros).



Grupo Varanda

lances porque o artista hoje é basicamente multimídia, vide o Asdrubal em São Paulo, Tokio, Rio, Londres, Paris, Belo Horizonte, Osba, Nova York, Salvador e Fortaleza. Eu disse pra se interar do que anda REALMENTE acontecendo e não do que a TV e as rádios andam veiculando.

Porque é que o Grupo Candeia não coloca logo uma guitarra na formação semi-acústica do grupo? Iria dar a maior cor e sei que eles concordam comigo. E porque é que o Grupo Vénus não coloca uma santona solando em 4/4 no meio daqueles rocks ensurdecedores que eles estão comecando a fazer? Um trianguluzinho também daria o maior pé. E os que estão em cima do muro, como o Grupo Varanda, que anda num ata-desata que não tem mais fim? O Varanda parecia um dos mais inclinados a fazer essa mistura de hajão, do lirismo de uma antiga e pura Teresina (via músicas e letras de Naeno) com a formação basicamente elétrica de seus integrantes, mas o grupo anda completamente perdido, sem voz guia. Outros ainda também não se decidiram e continuam fazendo uma música morna e sem nuances sem tesão, como é o caso de Geraldo Mendes, Cruz Neto e Ruben Miranda, fechados em si mesmos e fazendo música por hobby à possível exceção de Ruben Mi-

randa, bem mais dedicado.

A figura que mais se aproxima dessa modernidade e coerência com os Tempos é Geraldo Brito, que procura mesclar a sua linguagem musical novas informações mas que incorre num erro também constante entre os já citados e que é fatal para as suas pretensões: o excessivo apego aos grandes nomes da MPB, o que implica na utilização de formas já gastos e defasadas, em detrimento dos maravilhosos caminhos que Geraldo poderia abrir com todo o seu talento. Geraldo não evoluiu, como era de se esperar, na tentativa de sofisticar e estilizar seu som particularmente envolvente, mas hoje bastante repetitivo com fórmulas que ele já usa há alguns anos. Mas mesmo assim ele é o único músico de Teresina com a cabeça no mundo, embora ainda não tenha se decidido a sair daqui, destino natural de quem tem talento e determinação. O exemplo mais patente dessa proximidade foi a sua versão para o standart de Maria da Inglaterra, o clássico O Peru Rodou, que ele fez no seu último show, Figurante Amor: uma revitalizada e bem humorada leitura do xote da heróica Maria com uma eletrificação total. E aqui fica uma idéia porque o Geraldinho não produz um show com a Maria da Inglaterra misturando triângulo com sintetizador?

A música feita no Piauí carece rapidamente de personalidade, força e voz ativa. Exuberância, competência e talento nós já temos e de sobra. Esta faltando mesmo é mais informação, ligação, contemporaneidade. Não há e nem vão existir nunca fórmulas prontas de como se fazer esse som. Cada grupo e compositor, cada músico trabalha dentro de um universo musical próprio e que deve ser respeitado, mas não autodelimitado. A falla está ai: os músicos estão cada vez mais se fechando em si mesmos, diminuindo cada vez mais este universo sonoro em que trabalham. É hora de abrir as comportas e deixar o som rolar sem medo e pudores injustificados; fugir da mesmice e inventar um som teresinense, piauiense, identificável e reconhecido; misturar o sentimento da terra (como nordestinos que somos) e o pouco que ainda resta de uma Teresina que já se esvai com o relâmpago elétrico dos tempos luminosos, de descobertas e achados que estão ali nas bocas. Misturar triângulo com sintetizador, zabumba com pedal de volume, xote com rock, jazz com hajão, experimentar, errar e acertar, descobrir a cara musical de Teresina (e do Piauí) mas não mais continuar nesse vai não acontece em que estamos metidos a não sei quanto tempo.

# PRESIDENTE DA CEPISA DEMONSTRA PREOCUPAÇÃO COM CORTE DE INVESTIMENTOS NAS ESTATAIS.

Afirmando que desde quando foi presidente da Associação das Empresas Distribuidoras de Eletricidade do Norte e Nordeste - AEDENNE, vem se preocupando com a deterioração dos investimentos do Setor Elétrico, o Engenheiro Carlos Sobreira, Presidente da CEPISA demonstra a necessidade urgente da conclusão das obras da CHESEF em nosso Estado, como forma de evitar grave racionamento de energia elétrica que poderia afetar, dentro em pouco, todo o sistema de geração e distribuição do Piauí.

Carlos Sobreira volta a fazer veemente apelo no sentido de sensibilizar todas as forças políticas e empresariais do Piauí para que unam esforços no sentido de conseguirmos, junto ao Governo Federal, evitarem que as restrições da Resolução N°31 do Banco Central e os cortes de investimentos pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República não levem o setor elétrico de nosso Estado a um colapso.

O Presidente da CEPISA diz que cabe às autoridades federais, principalmente do setor econômico, atentarem para o perigo de se deteriorar todo o sistema de infraestrutura de energia elétrica, não só do nordeste mas de todo o Brasil, da mesma maneira como já se deteriorou o sistema ferroviário federal, o sistema rodoviário por falta de manutenção e, segundo o próprio Ministro das Comunicações, Haroldo Matos, o Sistema de Telecomunicações, ou declarar que dequi a cinco anos, se persistir a política atual, não teremos mais telecomunicações no Brasil.

Considerando esses fatos, Carlos Sobreira, lembra que o Setor Elétrico, que já vem sendo atingi-

do há mais tempo pelos cortes de recursos é mais vital do ponto de vista da estrutura base para o desenvolvimento do que qualquer outro porque só temos funcionamento de indústria, comércio, escolas, hospitais e até residências, se tivermos a energia. A energia elétrica está por trás de tudo. Quando o Sistema Elétrico é atingido todos os outros são atingidos. É preciso primeiramente para que esse sistema funcione e bem porque, caso contrário, todos os outros sistemas vão functionar mal.

Com relação à situação plausível, o Presidente da CEPISA informa que a CHESEF necessita contar urgentemente com recursos para concluir a linha de transmissão em 330 KV entre São João e Picos, segunda etapa da Hidrelétrica de Boa Esperança e a reforma e ampliação da Subestação da Tabuleira, em Teresina, porque a falta dessas obras tem provocado grave deficiência no sistema de geração e de transmissão da CHESF. Exemplificou a necessidade com o grande racionamento de 15 dias, verificado em dezembro do ano passado, atingindo todo o Piauí, Maranhão e parte do Ceará e que, caso a segunda etapa da Hidrelétrica de Boa Esperança já tivesse sido concluída, não teria acontecido.

Recordou ainda Carlos Sobreira que, desde que assumiu a presidência da CEPISA em 1979, juntamente com o Governador da época, Lucídio Portella e agora já com o Governador Hugo Napoleão e com lideranças políticas, têm ido ao Governo Federal para alertar que os cortes de investimentos, principalmente da CHESEF, e em segundo plano da CEPISA, estavam provocando grandes problemas na qualidade de energia do Estado do Piauí.



GOVERNO  
HUGO NAPOLEÃO

# POEMAS

## Poesias premiadas no I Concurso de Poesia Livre DA COSTA E SILVA

### Intermezzo

Separadas as águas,  
desfilam as mulheres,  
as nadadoras em pele,  
no dorso de belas éguas.

Apagadas as luzes do semáforo,  
passam as vacas,  
os óberes esplêndidos,  
deleitando os rebentos do tráfego.

Baixadas as anáguas,  
suspenhas as cópias,  
guardam-se os filhos  
para a próxima safra.

Sustadas as magas,  
entoados os cânticos,  
irmara-se o sangue  
de cordeiros e bárbaros.

Descerradas as pálpebras,  
a luz sem qualquer obstáculo  
cessada a utópica marcha,  
volta-se ao cotidiano espetáculo.

Nelson Nunes

### Tempo Interior

A cidade dentro de mim  
é como um passaro faminto  
de cor e pasto

Dentro de mim a cidade se  
Compõe:  
Entre planos e antiplanos de  
ruas tortas e versos lúdicos

A arquitetura da cidade é um  
presságio dentro da noite, ou  
um rio que passa an longo

A cidade dentro da noite  
é um passaro cinzento, dentro  
de mim/um acidente /GEOgráfico.

Wilton Santos

### O doce terror das águas

Na justa medida de curvas silenciosas  
o perfil do vulto delineia abismos  
e a mestiça campeando sonhos molhados  
entre galinaceos na rucha do tempo.

Cardumes ocultando-se de músculos  
inquiridor de peixes nas águas misteriosas  
as faces fervendo do ofício na invernada  
e o vermelho lavrando a agonia nos olhos indignados  
cravando na sentença a cojuba  
e o impeto viril no seio dos rios  
(a cuia se petrificando nas retinas da cidade)

Nas sombras dos acesos olhos de homem  
água crespa penetram portas secretas  
pousando no vícu a flor da cor do mistério  
medrando no líquido útero de temporais  
a criatura de sete ângulos precisos da sina  
enchendo de seiva donzelas adormecidas  
e de tons obscuros a força imprecisa do mito

José Pereira Bezerra

# Poesia do Piauí

Outro dia, quando Carmen Prudente autografava livro seu em benefício do Hospital do Câncer e em promoção do colunista Emanuel Leon, uma senhora mostrou-se interessada em conhecer os poetas piauienses. Nesta crônica, procurarei atender a esse desejo da referida senhora, aqui comentando dois livros de poemas: um, de autoria do falecido poeta Pedro Britto, cujo centenário de nascimento se comemorou em 10 de outubro de 1982. A obra, com o título "O Admirável Pedro Britto", foi publicada pela Academia Piauiense de Letras e pela família de saudoso vate nortista, cujo filho, João Raymundo, é meu colega da Receita Federal e conceituado advogado em Santos.

Integram esse livro de 125 páginas, além das poesias de Pedro Britto, discursos, comentários e conferências do mesmo. Membro da Academia Piauiense de Letras, o poeta em foco foi, na explicação do meu companheiro de estudos na Faculdade de Direito de Recife e confrade no cenáculo patrocinador do livro, Burgylia Britto, "um responsável homem de Letras e um trabalhador em prol do engrandecimento do Piauí". Dele assim falou o incansável presidente A. Tito Filho. "Pedro combateu o bom combate. Desconheceu o medo. Enfrentou a perversidade dos fracos. Teve vitórias e triunfos que só aos fortes se concedem."

Desse poeta lírico, cujos versos contêm muita ternura e profunda sensibilidade, transcrevo dois inspirados sonetos: "FLOR INCÓGNITA": Malo vem perto. Rosas nos caminhos/ Rosas e flores. Flores nas estradas./ Desabrochando em matas orvalhadas./ Como é dolente a voz dos passarinhos! A natureza acorda. Nas quebradas/ Ouço frenir a música dos ninhos! E tu despertas, flor dos meus carinhos./ Que perfume de rosas machucadas! Para verte o perfil de forma viva/ Perpetuando em bronze de Carrara/ Que a aurora pinta ao despontar do dia./ Fica minh'alma extasiada e louca... Que suave expressão na tua boca/ Quando falas, que voz que melodia!

"SAUDADES" — Aqui, rebentos de árvores sombrias/ E numerosos dissecados ramos/ Vão pelo curso dos passados dias/ Lembrar os mansos dias que passamos./ Aqui, flores suavíssimas, esguias,/ Com que nossas cabeças enfeitamos./ Desfizeram-se em ninfas erradias/ Da nascente em que a sede mitigamos! Aqui, so-

mente um murmúrio brando/ Pelos montes se escuta, e pelos prados./ De alguém que sente lágrimas chorando.../ Saudosamente vão, de braços dados/ Nossos dois corações, tristes, vagando./ Pela extensão dos campos devastados."

O outro livro é de autoria do Pe. Joaquim Chaves, também destacado membro da Academia Piauiense de Letras, tendo por título "Apontamentos Biográficos e Outros". A edição conjunta é da Academia Piauiense de Letras e do Ministério da Educação e Cultura, com atraente capa desenhada por Delci Maria Tito, a colaboradora desse acadêmico-mestre, o acima refe<sup>ALPHA</sup>Aido A. Tito Filho.

Nas 139 páginas do seu livro, o autor, é vigário da Igreja do Amparo — "a primeira de Teresina, a igreja do seu amor", na definição daquele Acadêmico, traça, num estilo claro e comunicativo, o perfil de 25 figuras que, em variadas profissões, deram relevo à terra de Lucílio Freitas, patrono espiritual da Academia Piauiense de Letras. Os biógrafos são: Antônio Coelho Rodrigues, Amélia de Freitas Beviláqua, Augusto Castelo Branco, Firmo Pires Ferreira, Luisa Amélia de Queirós Brandão, Herminio Castelo Branco, Gervásio de Brito Passos, Alvaro de Assis Osório Mendes, Clodoaldo Severo Conrado de Freitas, Anísio Auto de Abreu, Lízandro Francisco Nogueira, Coriolano de Carvalho e Silva, Gregório Tumaturgo de Azevedo, Leônidas Benício Mariz e Sá, Arlindo Francisco Nogueira, Raimundo Arthur de Vasconcelos, Antonino Freire, João Luís Ferreira, Higino Cícero da Cunha, Lucílio Freitas, Abdias da Costa Neves, Miguel de Paiva Rosa, João Pinheiro, João Henrique de Souza Gayoso e Almendra e Joaquim de Oliveira Lopes.

De "Apontamentos Biográficos e Outros", colhi estas belas poesias: De Leônidas Benício de Mariz e Sá: "Cheguei. Vim como os outros, caminhando/ De pouso em pouso em busca de carinhos;/ Quando parti, ouviam-se dos ninhos/ Rufos macios de asas me saudando,/ Fiz a jornada toda, ora cantando,/ Ora em soluço ao longo dos caminhos/ Pedi vigor ao sol e aos passarinhos/ E vim de pouso em pouso me passando.../ Cheguei. Agora, em paga da oussadia/ Dos nudos pés queimar na ardente areia/ Do deserto da vida, dia a dia/ Nada me prende na brutal cadeia.../ Tenho a cabeça de

ilusões vazia/ E a alma apenas de descrença cheia!..."/ De Lucílio Freitas: "O homem não morre... vive outra vida e outro sonho.../ Não morre a flor, não morre a luz, não morre a pedra/ Para servir a meus irmãos, padeço/ E dou-lhes a água e o pão, o teto e o leito/ E o beijo que consola e que bendiz.../ Mas todo bem que faço, logo esqueço/ Para guardar apenas no meu peito/ A saudade do bem que eu nunca fiz..."/ De João Pinheiro: "SOLAR DOS SONHOS: El-lo — vasto solar do Sonho, agorra/ Esborrado, desfeito, entre as ruínas/ De minha mocidade, lá por fora/ Vicejam parasitas vice-rinhas./ E dentro do silêncio que decora/ A negra solidão, rouco, em surdinas/ O vento da desgraça chora. Chora./ Vaga a sombra do Amor pelas colinas/ Sobre o velho solar que jaz em calma./ Triste corvo senil crocita e espalma/ A negra asa feral de músculos lassos./ E dentre as barbaças ressurgem tardos/ Anafis seculares, balsões alados./ De espelhos de adáia nos próprios braços."

De Abdias da Costa Neves: "OLHOS AZUIS: O olhar que os olhos teus agora inspira/ Com os seus clarões de címlitarras é alfanje,/ Esconde sob a trêmula saíra/ Mistérios de um pagode hindu do Ganges./ E a causa supremo por que tangas/ As sete cordas da divina Lira,/ E por ele que, embalde, te constranges/ Numa inocente e timida mentira./ E azul. Tem a cor das águas mansas./ E, como o olhar risonho das crianças,/ Fala, brinca, sorri, nos olhos graves./ Lembra um canto do céu, quando amanhece,/ Pois se o deparo e fito, me parece/ Que acorda o dia e estão cantando as aves."

Sempre digo que a criatividade estética na terra de Antônio da Costa e Silva — nesse Piauí que hoje, mais do que nunca, se afirma como uma das mais cultas unidades federativas brasileiras — é das melhores no atual momento nacional. A leitura de "Apontamentos Biográficos e Outros" veio comprovar minha assertiva. O Pe. Joaquim Chaves, condensando com seus estudos bibliográficos a galeria dos mais destacados vultos piauienses, presta um relevante serviço ao Piauí e à sua gente, enriquece, sem sombra de dúvida, a Literatura Brasileira.

Aristheu Bulhões

# TEATRO

## O Novo Perfil do Teatro Piauiense

Aci Campelo



Teatro 4 de Setembro

A revista "Presença", órgão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí abre espaço, a partir desta edição, para que possamos traçar "O Novo Perfil do Teatro Piauiense", desde a reinauguração do Theatro 4 de Setembro.

Tentaremos, portanto, questionar a origem do novo teatro feito em nosso Estado e, quem sabe, abrir um debate acerca das artes cênicas do Piauí. Ela existe ou não existe? Por que ainda não conseguiu se firmar? É um problema de estrutura? Falta produtor de arte no Piauí? É um problema de formação artística? É uma arte sempre a espera do paternalismo oficial?

### OS ANTECEDENTES

O teatro experimental ou mesmo amador sempre esteve presente na cena teresinense, assim como grandes companhias nacionais e até estrangeiras. Certo que eram apresentações esporádicas, espetáculos de um dia, grupos que logo desapareciam, deixando um espaço muito grande entre um acontecimento e outro, vindo daí uma quebra de sequência e, quem sabe, de uma não formação de plateia de uma tal de habilité e ausência de tradição em assistir teatro. A primeira tentativa em formar um grupo que atuasse constantemente no meio teatral de Teresina data de 1959, quando Santana e Silva criou o Grupo Experimental, reunindo vários artistas amadores. Este grupo montou muitas peças, como a montagem de "Pluto, O Fantasmínha", de

Maria Clara Machado, conquistando prêmios para seu elenco. Em 1961 era criado o Serviço Municipal de Teatro, entregue a Santana e Silva, todavia, apesar do grande esforço dos artistas locais em preencher o espaço com peças teatrais, o velho Theatro 4 de Setembro já funcionava a maior parte do tempo com exibição de filmes. Em 1964 é criado o Serviço de Teatro do Estado do Piauí (STEP). Era mais uma tentativa do governo em ajudar o teatro. A direção foi entregue novamente a Santana e Silva, que já conta com grandes nomes em torno de si, como Tarciso Prado, Gomes Campos, Anamaria Rego, pessoas que, de certa maneira, continuam a fazer a história de nossa arte cônica. Né entanto, não obstante a luta dessas pessoas e a criação desses órgãos públicos de incentivos, há uma enorme decadência

do velho teatro. Os órgãos terminam se acabando e algumas pessoas desistindo de fazer arte. O Theatro 4 de Setembro vira quase que somente cinema, com especialidade em bang-bangue. São raríssimas as apresentações teatrais. Em 67, 68, ainda foram apresentados alguns sucessos do teatro brasileiro, tais como: "Dois Perdidos Numa Noite Suja", de Plínio Marcos; "As Mãos de Furi dice", de Pedro Bloch e "Um Lus que Para o Rei Saul", de César Viana, monólogo representado pela grande atriz Glauce Rocha. Do teatro da terra escaparam apenas os autos de natal, como: "A Carninha do Golgota", de Santana e Silva e Jackson Mota, "O Leão Sagrado", que foi rádin nove la na Pioneiros de Teresina e, depois, "A Tragédia do Golgota", de Ary Sherlock e Santana e Silva. Falam espetáculos de finais de ano

mas que resultaram em enormes festas no Cine-Theatro 4 de Setembro.

Com a chegada do cearense Ary Sherlock, ator e diretor, e com a fundação de Teatro Estudantil Teresinense-TESTE, houve na época uma pequena fase de segunda criação e experimentos. Como o teatro estava em péssimas condições de funcionamento procuravam-se novos espaços. Trabalhava-se em auditórios alternativos, principalmente, em colégios, como o das Irmãs São Francisco, Leão XIII, Zararias de Góes e outros. O Teste apresentou "Transse", de Ronald Radil, dirigida por José da Providência e Tarciso Prado, que também era ator. Ary Sherlock fez "Vinal Crucis" com músicas de Jorge Melo, hoje cantor piauiense de nome nacional. Em torno do Teatro Estudantil Teresinense se aglomeraram quase todos os artistas amadores. Em 1970 o Grupo montou "A Morte e a Morte da Quincas" Berna D'água, de Gomes Campos, com direção de Ary Sherlock. A peça era uma adaptação de "Os Velhos Marinheiros", livro do escritor baiano Jorge Amado e foi representado no dia 21 de agosto, sendo que outras apresentações tiveram problemas sérios com a censura. Participaram do elenco pessoas não ainda continuam a fazer o nosso teatro, tais como: José da Providência, Assai Campelo, Zézinho Lopes. Na realidade este espetáculo foi o último a ser levado no velho Theatro 4 de Setembro.

O movimento artístico mesmo sem um espaço definido, e sem uma maior organização era criativo, eufórico, fértil. A cidade vivia um intenso clima de descoberta. Não existia uma coisa fechada, de terminada. Pessoas como Tarciso Prado, Santana e Silva, Ary Sherlock, Gomes Campos, José da Providência foram agentes incentivadores e criadores de muitos espetáculos. Trabalhavam sempre com pessoas novas, geralmente, estudantes. Ary fazia um trabalho de arte-educação, ensinando história do Brasil através do teatro. Mas este grupo só se dispersou, individualizando-se. Muitas pessoas que faziam arte foram embora do Piauí, nesta época, uns por questões pessoais, outros por perseguições políticas. O casarão da praça Pedro II funcionava exclusivamente com cinema e rádio, inclusive, pondo em risco a vida dos seus frequentadores. Em 1972 chegou a Teresina o homem de teatro Antônio Murilo Eckhart, como integrante da equipe de educadores do Centro de Pesquisa Interdisciplinar-CLPI, entidade do Projeto Piauí, surgindo uma nova etapa no teatro piauiense. O Centro ofe-

receia cursos de cenografia, figurino, direção, história do teatro e exercícios de interpretação dando nova dinâmica ao processo cultural. Foi em torno do Ceipi que surgiu novas artistas com uma maior organização de trabalho. Murilo trabalhava com o processo

do Teatro Criativo, fez o "O Carajá Azul", de Maria Clara Machado e apresentou no Centro Social Leão XIII, Vila

Festival de Música de Londrina, Paraná. Apresentação feita pelo Grupo Miau, formado por estudantes de música, teatro e outros cursos. O espetáculo fora "Nordestina", um show literomusical dirigido por Pierre Balano, com textos de Carlos Drummond, Manoel Bandeira, Turquato Neto, Meneses e Morais e outros. Foi um espetáculo muito elogiado e muito comentado dentro do Festival. Participavam do elen-



Grutepe "A árvore que andava"

Operária inaugurando um novo espaço, já existente mas inexplorado, com uma nova visão de montagem infantil para o Piauí. Este espaço fora por demais importante, pois o Theatro 4 de Setembro fechava suas portas definitivamente para reformas, em novembro de 1973, no governo Alberto Silva.

Quando do fechamento do teatro funcionaram a todo vapor os espaços alternativos. Além do teatro feito aqui, pouco se ouvia falar do teatro feito fora do Estado. Era uma época de isolamento quase total. Contribuiu o trabalho do CLPI e de outras pessoas dentro de escolas, Grupos, como o Teste, passava por reformas e, apesar de ter nascido com Tarciso, Ary, Gomes Campos, não estava conseguindo sobreviver. Mesmo tendo participado de 5º Festival de Teatro Amador, realizado no Rio de Janeiro, com a peça "O Auto do Lampião No Além", de Gomes Campos, e ter ganho troféus. Ainda o prêmio Negro de Lima ganho por Gomes Campos, dando assim um certo status a esse grupo de pessoas que fazia teatro juntos. Mas o teste sofreria problemas internos. Movimentava-se o setor de Artes da Universidade Federal do Piauí, apresentando-se no ano de 74, no III Festi-

co Viriato Campelo, Geraldo Brito, Laurence França, Paulo Batista, Rubens Lima, Pierre Balano, Assis Davis e muitos outros. Nessa época também o Ceipi representou o Estado do Piauí no 1º Festival de Teatro de Campina Grande, Paraíba, com a peça "Círculo Circular", com texto e direção de Murilo Eckhart. Cantava no elenco no mês, nomeado de Betto Cuca, Elizabeth Sá, Sônia Markam, dentre outros.

#### O NOVO TEATRO

O projeto de reestruturação do Theatro 4 de Setembro fora feito por Borsig Arquitetos Associados de Recife, e a construção entregue à Construtora Igaraú, de Teresina. A obra foi entregue dentro do prazo estabelecido e entre as obras que constava do projeto original e não fora feita estava a do proscenium. A reinauguração desse no dia 10 de março de 1974, cum uma sessão de festividade. Na parte de teatro houve a apresentação da peça "O Auto do Lampião no Além", de Gomes Campos, numa montagem definitiva feita por Murilo Eckhart e Grupo do Ceipi. Com o Theatro de Setembro reinaugurado, Piauí contava, então, com suas melhores casas de espetácu-

do país, restando, portanto, aos artistas ocupar o espaço. O primeiro diretor nomeado do novo Teatro foi Tarciso Prado.

O teatro amador brasileiro se agitava em todo o país, porém desordenadamente, sem uma infra-estrutura adequada e sem um direcionamento. Foi por iniciativa do Serviço Nacional de Teatro que sentiu a necessidade de uma organização física e jurídica para os grupos, propôs a

criação de uma entidade que os representasse oficialmente em todo território nacional. Assim, depois de vários contatos, deu-se então uma reunião em Petrópolis, Rio de Janeiro, entre representantes da SNT e vários elementos amadores dos Estados, nascendo a 4 de novembro de 1973 a Federação Nacional de Teatro Amador - FENATA, transformada depois em Confederação Nacional de Teatro Amador - Confenata.



Peça Cavalinho Azul - CEPI

criação de uma entidade que os representasse oficialmente em todo território nacional. Assim, depois de vários contatos, deu-se então uma reunião em Petrópolis, Rio de Janeiro, entre representantes da SNT e vários elementos amadores dos Estados, nascendo a 4 de novembro de 1973 a Federação Nacional de Teatro Amador - FENATA, transformada depois em Confederação Nacional de Teatro Amador - Confenata.

Transformado o nosso teatro, ele precisava funcionar com coisas nossas, artistas da terra fazendo a nossa cultura, e muito se ajudaram os grupos de teatro. Se que as coisas se tornavam nessa época, um tanto difíceis, seja pelo material humano disponível ou pelos altos custos dos trabalhos. Devido a isso surgiu grupos que já estavam atuando há algum tempo continuavam, porém, mesmo assim tendo ajuda de custo de órgãos culturais ou outras entidades. Murió dirigiu "A Viagem do Barquinho", de Silviano Ortoff, com o Grupo do Ceipi e o Grupo Teste apresentou "A Revolta dos Brinquedos", de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com direção de Tarciso Prado, um dos mais belos espetáculos infantis já montado em nosso teatro. Era um tempo, também, de novas experiências.

principalmente, cantores. Por volta de 76 terminaram as atividades do Ceipi em relação à prática teatral.

O movimento artístico, criado pelo Centro de Pesquisas Interdisciplinares, através de Murió Eckhart e do maestro Reginaldo Carvalho talvez tenha sido o movimento mais forte naquela época acontecendo no Piauí. Quando terminou de fazer teatral do Centro, existiam raizes profundas no seio daqueles que dele participaram, pois, foi a partir daí que surgiram os novos diretores, atores e técnicos de teatro já com um aprendizado didático e que iriam contribuir, sobretudo, para as artes cênicas piauiense. Inicialmente nasceram dois Grupos, o Grupo de Teatro Pesquisa - GRUTEPF, com Ribamar Martins, Belo Lima, José Afonso, Carlos Martins e o Grupo de Teatro Raizes, com Elzane Soá, Maria Neide Gomes, Williams Martins, Iracema Campelo, Tânia Martins e tantos outros. Estes grupos movimentaram muito o meio artístico, dando um novo sopro ao movimento teatral. O Grupo Raizes estreou seu primeiro espetáculo em novembro de 76, com o show intero-musical "A Viagem", dirigido por Elzane Soá, enquanto, o Grupo Pesquisa já se apresentou

com "Terra Seca", espetáculo do mesmo gênero, sendo o Grupo que mais se movimentou no período, participando ativamente do projeto "Interiorização da Cultura", levando peças a muitas cidades do interior, como "Piojo a Banda Nua Sô", de Severino Tavares e "A Arvore Que Andava" de Oscar Von P.

Com a formação de outros grupos de teatro amador, deu-se em maio de 76 a 1ª reunião, com a finalidade de criar uma entidade estadual da classe. Contou com a participação dos Grupos Kinger, Grutepe, Raizes, Grutema e Teste, tendo como coordenador José da Providência, que seria o presidente provisório da Federação de Teatro Amador do Piauí. A reunião criou uma comissão para elaboração dos estatutos e logo depois, seriam indicados pela Federação Nacional Tarciso Prado e Murió Eckhart para conselheiros administrativos regionais e sempre tentou um direcionamento de cima para baixo. Tarciso Prado é indicado Coordenador Administrativo da Região 2 da Federação Nacional. Criada a diretoria provisória e registrando-se como órgão nacional, a 8 de janeiro de 1977 os grupos se reuniram para a eleição do Conselho Diretor e da Diretoria Executiva da Federação de Teatro Amador do Piauí (ETAPI) biênio 77-79. Grupos participantes Raizes, Grutepe, Teste, Grutema, Ceipi, Elias Torres, Lapa e Literart, saindo eleito como 1º presidente da entidade José Atônio de Araújo Lima.

Com a Federação estruturada haveria, entre os moldes implantados de cima para baixo, com sede provisória no Teatro 4 de Setembro, pensou-se que o teatro do Piauí teria, finalmente, sua arrancada definitiva. Na realidade era um grande passo que davam os artistas amadores, pois o órgão reunia em torno de si pessoas da vanguarda do nosso teatro. No entanto, passada a fase de utopismo e ainda o grande abalo que, em maio, saiu o meio artístico com a morte de Elzane Soá, diretor do Grupo Raizes e membro da Etapi, começaram os inúmeros problemas. Grupos se dissolvendo, demissão de membros da diretoria, falta de espaço, de verbas, etc., o que nos faz concluir que a entidade não por uma necessidade local, mas por uma imposição do órgão nacional, com certeza, tem gerado todo um caos em torno do teatro amador do Piauí. Lázaro Borralho, o presidente da entidade nacional, visitou Teresina várias vezes tentando injetar ânimo. A Confenata precisa se fortalecer no Brasil e, para isso, deve contar com o apoio de suas filiadas.

# HISTÓRIA

## A luta pelas DIRETAS no Império

Osvaldo Lemos



Em 1880, o tema eleição direta inflamou, como hoje, as idéias políticas do país. Foi uma das questões mais eruptivas no âmbito das reformas institucionais tentadas nas últimas décadas da nossa monarquia. O Deputado pela Província do Piauí, Franklin Dória, Ministro da Guerra do Gabinete Saraiva, na sessão de 24 de janeiro de 1882, ao comunicar à Câmara as razões que determinaram a retirada do 28º Gabinete, afirmou que o seu Ministério tivera, principalmente, por missão, levar a efeito a reforma do sistema eleitoral brasileiro.

Herculano Gomes Mathias, prefaciando o tomo X das Atas do Conselho de Estado Pleno, organizado por José Honório Rodrigues, diz que naquela época "Rui Barbosa elaborara o projeto de reforma, sob as bases que lhe haviam sido encomendadas pelo Conselheiro José Antônio Saraiva, então Presidente do Conselho de Ministros".

Rui defendera, no discurso pronunciado em 21 de junho de 1880, a alta importância do seu trabalho, numa das mais memoráveis demonstrações de saber e competência. Mais tarde escreveria no seu *Queda do Império*: "Com o Ministério Saraiva, em 1880, me coubera a distinção de ser por ele chamado a formular o projeto de eleição direta que o organizador do novo gabinete submeteu ao Imperador como programa de seu governo".

Na noite de 25 de setembro de 1880, Pedro II reuniu, na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão os seus conselheiros de Estado, presentes, ainda, Saraiva e seus ministros. A conferência iniciou com Saraiva lembrando as palavras do Imperador, na abertura da terceira sessão daquela legislatura à Assembleia Geral:

"A substituição do sistema eleitoral vigente pelo de eleição direta, continua a ser uma medida instantemente reclamada. Para esse fim o governo ofereceu a vossa consideração o propósito da reforma eleitoral. Confio que vossas luces e patriotismo que dotareis o país com uma lei que possa contribuir eficazmente para a verdade do nosso sistema parlamentar."

De harmonia com tal pretensão, esclareceu Saraiva, a Câmara dos Deputados discutiu e aceitou, com emendas, a proposta do go-

verno, relativa à reforma eleitoral. O Senado, a cuja deliberação fôr submetido o projeto, sujeitar ao exame de duas comissões e já haviam ultimado o seu estudo.

Adiantado como ia o trabalho legislativo, de sua natureza gente, julgava o governo inensável que ele fosse concluído de modo que a futura Câmara desse ser eleita pelo novo sistema eleitoral, caso merecesse a aprovação do Senado e houvesse tempo suficiente para que se tomsem medidas complementares para a boa execução da lei.

Para o Visconde de Abaú, sistema eleitoral vigente estaria completamente desacreditado, condenado pela inépcia. Sua constituição era reclamada por todos os poderes do Estado, sem exceção, os quais nada mais faziam que o caso do que obedecessem, com razão, podia chama-

a verdadeira opinião do país.

No estado em que se encontrava a questão, justificava o Visconde de Muritiba, e tendo de haver eleição geral no ano seguinte, reconhecia estava a necessidade de estender-se aquela vigente sessão legislativa, a fim de tomar-se a tal



respeito, decisão definitiva a tempo de ser levado a efeito o que se tivesse de fazer, sem transtorno da marcha regular das eleições; isto é, aprovando-se ou rejeitando-se a reforma pendente.

A idéia do Visconde de Jaguari consistia em não se adiar a votação da lei, para que não se repetisse o fato anormal e inconveniente da interrupção das funções legislativas contra o preceito constitucional.

Dias de Carvalho aconselhava sobre a conveniência da convocação da Assembléia extraordinária. Teixeira Júnior dizia ao Imperador que se não se tratasse de uma excepcionalidade do nosso momento político, desaconselharia a convocação extraordinária da Assembléia, porque a decretação das leis ordinárias era tarefa constitucional incumbida ao Poder Legislativo, e devia ser satisfeita dentro do período fixado pela Constituição.

O Visconde do Rio Branco lembrava que o projeto de reforma eleitoral havia sido considerado pelo governo como negócio urgentíssimo e, de fato, tinha interposto aquele projeto a várias outras providências legislativas, que o bem público requeria. Na verdade a matéria, por sua natureza e alcance, era de máxima importância e, pois, convinha não retardar sua decisão.

Se o projeto fosse definitivamente aprovado pelas duas câmaras e pela sanção do Poder Moderador, seria necessário tempo para preparar a nova qualificação que, pelo mesmo projeto, passaria a chamar-se alistamento, a fim de que não se retardasse a reunião da futura câmara.

Rio Branco justificava, ainda, a conveniência de uma convocação extraordinária, não só porque limitaria a tarefa legislativa, como porque uma nova e longa prorrogação, obviamente precisa, seria incompatível com as circunstâncias de muitos membros da representação nacional.

O Visconde do Bom Retiro era a favor de uma convocação extraordinária, mas não acreditava que as mudanças pretendidas trouxessem as vantagens esperadas ou excelessem em perfeição, mesmo que tais melhorias fossem por ele desejadas. Para ele os maus resultados eleitorais atribuídos à eleição direta eram injustos, quando outras eram as causas do mal que se deplorava. Reconhecia, contudo, que era de grande necessidade resolver-se tal questão, pois não convinha de nenhum modo que por mais tempo se conservasse em suspensão e incerteza o espírito público.

Raimundo Lamare manifestava-se a favor da convocação extraordinária da Assembléia Geral, uma vez que não subsistiam, no caso, razões menos procedentes do que as do ano anterior, em circunstâncias iguais.

Tratando-se muito especialmente da discussão do projeto de lei eleitoral, sujeito ao debate da câmara vitalícia, ponderava o Visconde de Prados, a importância do objeto que motivava a convocação extraordinária era de urgência. Não se cogitava de retocar uma lei ordinária e de chamá-la a um tipo mais perfeito, alterando-a, apenas, em pequenos detalhes, mas de um projeto organizado sob iniciativa do Poder Executivo em que se ampliavam e se restringiam direitos, se restabeleciam novas bases para o eleitorado, reduzindo a eleição a um só grau, e alteravam, finalmente, as circunscrições, além de outras modificações, igualmente dignas do mais sério estudo, e, certamente, uma longa discussão. Prados, assim, não admitia descurá ou procrastinação na convocação extraordinária da Assembléia.

Andrade Pinto entendia que, segundo as regras e boas práticas do sistema representativo, uma vez votado, como fora, o projeto de reforma pela Câmara dos Deputados, representante mais imediata da nação, não podia deixar

de ser prontamente resolvido pelo Senado. A demora, em tal caso, seria um grande mal para a causa pública e para as instituições. As duas câmaras, embora já prorrogadas por duas vezes, não deviam ser encerradas sem a definitiva solução do problema.

Atenhamo-nos, agora, ao exemplo das colocações do nosso Senador e Conselheiro Paranaguá, quanto à questão em pauta, para quem a convocação extraordinária da Assembléia Geral seria a melhor saída.

Raramente a urgência de uma necessidade daquela ordem se manifestara tão justificada e terminante. Tratava-se de uma reforma instantaneamente reclamada contra um sistema eleitoral que, segundo Paranaguá, chegara ao último grau de desmoralização.

Estavamos no oitavo ano da legislatura, tendo sido já convocada a nova Assembléia Geral ordinária no dia 3 de junho. E todos compreendiam que as eleições próximas não poderiam ser feitas nas vésperas de tão importante reforma, seguindo um sistema condenado. Era indispensável expedir-se, com antecedência, o regulamento para boa execução da lei, organizar os círculos, proceder ao alistamento do novo eleitorado, que exigiam prazos bem longos, tanto assim que, votada a lei naquele ano, as eleições não poderiam ter lugar antes de dezembro de 1881.

Não havia tempo a perder; a importância do objeto e a sua urgência justificavam bastante a convocação extraordinária da Assembléia Geral, visto como era impossível, depois das prorrogações havidas para a discussão da lei do orçamento, contar com o resultado de novas prorrogações. Nem aquilo depunha contra o patriotismo dos membros das duas câmaras legislativas, que estariam sempre prontas para qualquer sacrifício.

A Constituição não podia ter em vista prorrogações reiteradas e a longo prazo, quando fixara em quatro meses a duração de cada sessão anual. Sabia-se quanto era custosa a vida na corte para os homens das províncias. Muitos deputados, inclusive, já estavam se ausentando e só regressariam aos trabalhos com muito sacrifício.

Paranaguá achava que o motivo da convocação não excluía ou limitava a competência das duas câmaras com relação a outros assuntos de utilidade pública. Se para a votação das leis anuais, em regra, deviam-se insistir na prorrogação, dadas essas razões atins não se deviam excluir de tais critérios os recursos da convocação.

Tinhamos os exemplos de 1830, quando a Assembleia Geral se reuniu, extraordinariamente, a 8 de setembro para decretar, entre outras medidas mais urgentes, as leis de fixação de forças de terra e mar, e a 9 de abril de 1840, para a votação do orçamento que não coubera no período da última sessão legislativa.

No dia 7 de janeiro do ano seguinte a lei foi votada e, dois dias depois, assinado o decreto legislativo introduzindo no país a eleição direta.

Desde 1826 prevalecia o sistema denominado "dois graus", ou eleição indireta. Nas 16<sup>a</sup> e 17<sup>a</sup> legislaturas (1878 a 1881), a lei do terço assegurava a representação das minorias, votada que fora pela Lei n° 2.675, de 20 de outubro de 1875.

Já podemos lembrar aqui que o Visconde do Bom Retiro não estava pintando de negro, sem razão, a esperança de Saravia. A Lei n° 3.029, de 9 de janeiro de 1881, instituindo a eleição direta no país, não trazia, ainda, em seu bojo, a solução das mazelas eleitorais do império.

Por quê? Porque dos 9.941.471 habitantes do Brasil naquela época, apenas 145.296 eleitores foram qualificados no primeiro pleito. Nele, ainda, da mulher, dos analfabetos, dos escravos, dos cidadãos de baixa renda, dos praças de pre, dos serventes das reparti-

ções públicas era vedado o direito de votar.

Na Câmara dos Deputados, com emendas de Joaquim Nabuco, as apoteóticas lições de Rui Barbosa, as críticas de Saldanha Marinho, a pugna pela votação e pela aprovação, no Senado, com as propostas contrárias de Silveira da Mota e Silva Carrão, o projeto de reforma eleitoral do Conselheiro Saravia entra para a nossa história política.

Fizemos questão de mostrar, mesmo enfadonho, quase sempre usando sinopses indiretas dos pareceres levados ao Conselho de Estado, o último reduto onde o autismo da nobreza reinante trespassava o muco áulico da sereníssima Casa de Bragança, para captar como o próprio Imperador e seus conselheiros estavam rejeitando a situação criada por eles mesmos. Vimos como um dos mais coerentes defensores da monarquia constitucional brasileira, o nosso Conselheiro Paranaguá prognosticava a falência do sistema eleitoral da monarquia. Decididamente, o mais sintomático arquejo do otimismo régio, já nas prévias do sínodo.

A reforma eleitoral é um prelúdio patriótico e energético contra o nosso desmoralizado regime eleitoral, instrumento infalível de opressão do voto e de deformidade das instituições jurídicas. Tem-se por muitos anos entretido a Na-

ção com promessas de reforma eleitoral, sempre ilusórias. Não é mais possível adiá-las, salvo se há o perigo de expor as instituições à derradeira prova. Nenhum governo poderá resistir às manifestações públicas de desprezo por esse regime condenado e sem exceção.

Não prolonguem a ansiedade pública que facilmente se converterá em desespero; não empreendam sofismar a reforma, porque a reação do país enganado será mais violenta do que pensam os que por obstinada ambição não querem renunciar um poder, que, por ilegítimo, em vez de fortalecer enfraquece.

As considerações acima grifadas não significam qualquer postura infensa de nossa parte aos embates institucionais dos nossos dias, mas uma chamada escrita há 115 anos no Diário do Rio de Janeiro, quando aquele periódico começava a publicar, em parte, O Sistema Eleitoral do Império, do fluminense Belisário de Sousa, inteligência das mais brilhantes do Império, especialmente como Ministro da Fazenda do Gabinete Cotegipe.

Cícero, o mestre maior da latinitude clássica, estava mesmo certo: *história magistra vitae*. O homem à que insiste em ser um obstinado e culposo aprendiz destá indefectível preceptor!

(Clube do Leque, Instituto Nogueira de Carvalho, Instituto Nogueira de Carvalho, e Casa de Penhores) que a autora adotou para o conto.

"Tresloucado Gesto", visto pela crítica como "um livro surpreendente", consta de três histórias, cada uma delas com sua temática própria, mas que tem dois pontos em comum: a não obediência a uma determinada escola literária (passam do realismo ao fantástico para mostrar o absurdo do nosso real cotidiano); e humor anárquico, às vezes negro, quase sempre demolidor e cruel.

Piauiense de criação, Isis Baião é jornalista por formação, tendo iniciado na imprensa em 1967, quando fazia o primeiro ano de faculdade, na PUC. Trabalha, de quando em vez, como repórter, redatora e fotógrafa, mas dedica-se sobretudo a dramaturgia. Escreve roteiro para televisão, porém o teatro é o seu maior veículo de expressão. Tem, entre outras, as seguintes peças: "Instituto Nogueira de Carvalho, Instituto Nogueira de Carvalho, e Casa de Penhores".

"As Chupetas do Senhor Refém", "Calabar da Crise", "As da Vida também Voltam".

Isis Baião no ato de lançamento de seu livro fez a leitura de trechos de peça sua com alunos d-

o Oficina de Dramaturgia que levou a termo no Museu do Piauí, sob os auspícios da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

CLAUDIO CORRÊA

## A REPÚBLICA DOS MENDICOS

Mais uma obra literária chega às mãos do público piauiense. Trata-se do livro "A REPÚBLICA DOS MENDICOS", do consagrado jornalista, professor e membro da Academia Piauiense de Letras: CUNHA E SILVA.

O livro "A REPÚBLICA DOS MENDICOS", se situa como uma obra literária que apresenta certa mistura dos gêneros, para o autor a obra é uma "novela de fundo social e filosófico".

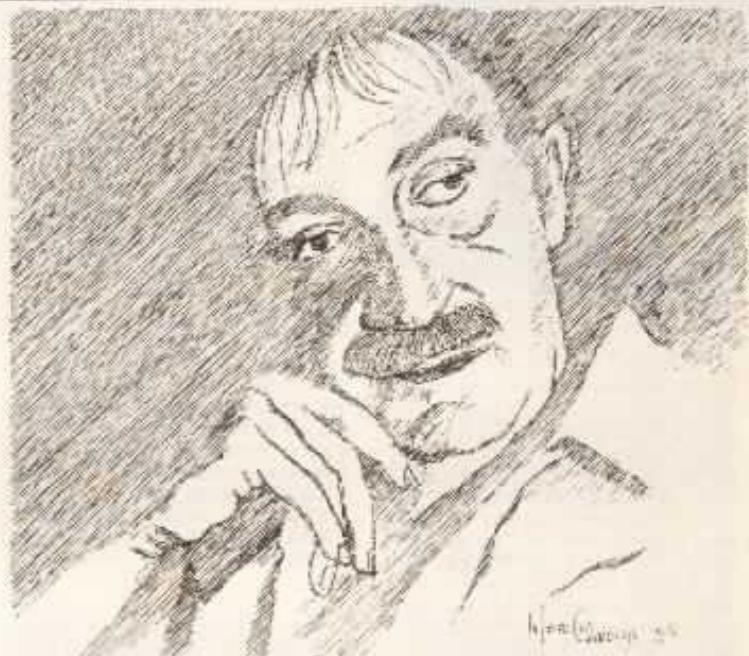


A Subsecretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Iena Monteiro de Carvalho, presidiu às 20 horas do dia 30 de março no Museu do Piauí, o lançamento do Livro "Tresloucado Gesto", da jornalista e dramaturga Isis Baião, originário de três peças de teatro

# DEPOIMENTO

## Renato Castello Branco fala de sua vida e sua formação

Renato Castello Branco



Parodiando nossos irmãos paulistas, posso dizer, com alguma liberdade, que sou piauiense "quatrocentão". Meu primeiro ancestral brasileiro, Dom Francisco da Cunha Castello Branco, chegou ao Piauí nos fins do século dezessete, estabelecendo-se com fazendas de gado na região que veio a ser a freguesia de Santo Antônio do Surubim de Campo Maior, então terra de aventura e de conquista. Devo a isto, certamente, essa força telúrica a que se referiu recentemente Nogueira Moutinho, comentando minha "Trilogia Parnaibana": Piauiense da foz do Parnaíba, diz o referido crítico, o autor traz, na massa do sangue, o poderoso acervo de tradições, reminiscências e mitos que compõem a saga de violências, de crimes e de heroismos que inspirou sua Trilogia.

Creio poder dizer que esta é, realmente, a marca fundamental de minha obra literária. Dos quatorze livros que publiquei até hoje, nove são diretamente relacionados com o Piauí, sua sociedade, sua cultura e sua história.

Como disse o grande poeta Menotti Del Picchia, ao tempo em que o Brasil tinha 21 Estados, "há vinte e uma maneiras de servir ao Brasil". A mirra e o Piauí.

### Mémorias de São Luiz

Meu pai teve diferentes fases em sua vida, em que à prosperida-

de e à pobreza se alternavam. Em 1924 estávamos em um dos momentos prospertos.

Meu irmão Hiran tinha então nove anos e eu nove, e meus pais achavam que em Parnaíba não havia colégios suficientemente bons.

Foi assim que nós e outros meninos e meninas de Parnaíba fomos enviados para estudar em São Luís do Maranhão.

A viagem do poeta de Tumá, no delta do Parnaíba, porta do Piauí sobre o oceano, à cidade de São Luís, no Maranhão, era feita em pequenos navios da Cia. de Nave-

gação Lloyd Brasileiro, o Itapeturu e o Itapeuá, então maravilhosos transatlânticos para nossa inesperada da vida e do mundo.

São Luís foi para mim uma revelação. Paris, Londres, Nova York, Roma. Não sei se fiz paralelos. Talvez nem soubesse os nomes dessas cidades, em meus 9 anos de obscurantismo, de uma infância que ainda não conhecera rádio e a televisão. Mas certamente teria sido este o padrão em que meu deslumbramento colocou São Luís. Teria sido este o nível de revelação de um outro mundo, para quem vinha do pequeno vilarejo que era Parnaíba.



### Meu primeiro contato com a história

Em 1925 meu mundo mitológico repentinamente foi abalado pelo surgimento de uma nova figura - o Cavaleiro da Esperança. Em meus onze anos de idade, eu não tinha condições de absorver o assunto racionalmente. Mas sentia o surgimento do herói, do mito, da promessa.

Fra uma sensação confusa, imprecisa, mas talvez tenha sido o despertar de meu primeiro interesse político. Nas aulas já me haviam falado do patriarcal Pedro II, do polêmico Pedro I, do injustiçado D. João VI, um dos maiores estadistas que fizeram, que passou a história com a imagem de gloriosa e densa mental.

Confecção vagamente. Tiradentes, em seu camisão de condenado, a Princesa Isabel, libertadora dos escravos, o barbudo Marechal Deodoro, proclamador da República. Mas poucos me diziam seus nomes, suas pessoas, suas histórias, submersos num sistema pedagógico sem beleza e sem vibração.

Eu os via como vultos embalsamados, longínquos, textos de livro escolar, sem alma, sem inspiração. Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, foi minha primeira sensação de história, de história acontecendo, viva, palpável, sofrida. Ele surgiu diante de mim como uma revelação, como o herói, que, de um modo impreciso, emocional, me fazia sentir a ideia de pátria, de liberdade, de renovação.

Parnaíba viveu horas tensas e agitadas. Quando se confirmou que a Onluna penetrara no Estado e marchava sobre Teresina, famílias fugiram das cidades ameaçadas para se refugarem em suas fazendas. Faziam chegar os dias do Apocalipse. As irmandades, as confrarias, as ordens religiosas, saíam em procissões, com seus hábitos, suas opas, seus andores.

Outros, ao contrário, preparam-se para receber os rebeldes como heróis e salvadores, em manifestações festivas.

### A fase da capa e espada

Descobri, entre os livros de meu pai, Michel Zevaco e Alexandre Dumas, que eu trocaria depois pelos livros de Joaquim. Naquela

São Luís. Quando o navio pereceu na Baía de São Marcos a cidade surgiu do alto de suas colinas, com seus palácios, seus moradores coloniais, seus subrados seculares de bairros trabalhados, suas igrejas, seus conventos, as ruas precipitando-se das colinas para desembocar no Cais da Sagrada, na Rampa do Palácio, ou na Rampa Campus Melo, onde vão atracar os barcos, os veleiros, os cutões que fazem a navegação para os rios do interior, para Alcantara, para os portos vizinhos.

Para o menino parnaibano que deixava pela primeira vez seu vilarejo, isto era um mundo novo, uma revelação de opulência e de grandeza. Durante quatro anos vivi em São Luís, descobrindo aos poucos, com carinhos de amante, suas lendas, seus mistérios, sua beleza.

Ao fim de dois anos, os negócios de meu pai entraram em uma de suas fases de recessão. Meu irmão Hiran foi enviado para Teresina, para a casa de um primo, Clovis Castelo Branco, onde freqüentaria o externato do colégio Diocesano.

Eu permaneci no Instituto Viveros, graças à generosidade de meu tio Uelto que, por ser meu padrinho, se prontificou a pagar minha anuidade, seguindo assim a tradição nordestina de amparar o afiliado.

Estavamos em 1926. Eu tinha 11 anos. Faz agora estava inteiramente só. Quando, cinquenta anos depois, retornei a São Luís, senti-me como se fosse um personagem de Proust. Como Proust, eu desejava recapturar o tempo passado, as recordações da infância, a memória dos amigos.

epoco, porém, empolgou-me com seus heróis. Acompanhei Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan, nas estradas da França em busca das joias da Rainha Ana d'Austria. Lutei com eles contra os mosqueteiros de Richelieu.

Participei das aventuras de Hardy Passavant e de Pardaillan, heróis de Zevaco. Pardaillan para mim era o paladino, o paradigma, "l'hercheval sans peur et sans reproche", como no lema de Bayard.

Tornai-me espadachim. Adotei o código de moral dos heróis de capa e espadas, dos cavaleiros andantes, de El Cid e Lancelote. Em minha imaginação, eu era o defensor das fracos, o protetor das damas, o braço da justiça.

Esta postura juvenil influenciou minha vida por muitos anos. Muitas vezes assumi posições quixotescas, tomei partido em disputas que não me diziam respeito, inspirado nos heróis de minha infância. Até hoje, a despeito da moderção da idade, surpreendo-me às vezes de espada em punho como émulo do heróico Pardaillan.

De Michel Zevaco e Alexandre Dumas, passei para a biblioteca de Joaquim, para Alencar, Rui Pompéia, Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Fábio Queiroz. Comecei a escrever poesia. Armando Madeira Basto, hoje Diretor do Binacional Itaipu, e Vicente Araújo, falecidos prematuramente, eram nossas grandes vocações poéticas. Com eles, Euclides Miranda, Edgardo Sumiño, Prentiss Mulford, nos entregavam a filosofia e a literatura. Imitavam-nos Castro Alves, Guerra Junqueira, Casemiro de Abreu. Discutímos os filósofos gregos, que conhecíamos através dos resumos da História da Filosofia. Relembravam os temas medievais: o determinismo, o livre arbítrio, a vida pós-morte, a reencarnação, a definição de Deus.

As preocupações sociais não haviam nisso atingido, nem a consciência dos problemas de nossa geração, ainda que vivessemos o epicentro da miséria.

Politicamente, não íamos além dos tentistas. Vivíamos em um mundo romântico, liberal e literário. Os mais avançados entre nós havíam lido "Os Dez Dias que Abalaram o Mundo", de John Reed. Este era todo o nosso conteúdo intelectual com as novas forças que iriam convulsionar o mundo. Estavamo-nos desfasados de pelo me-

nos meio século. Mas fomos os fundadores das bases para nosso desenvolvimento mental.

#### A primeira influência intelectual

José Venceslau de Lima Rebello, meu tio José, foi a primeira grande influência intelectual que recebi. Não só eu, mas toda a minha geração, em Parnába, na qual ele foi o grande inspirador.

Tio José era um humanista, um generalista e um eclético. Seus interesses iam da pedagogia à política, das ciências jurídicas à literatura, da história e da geografia, à filosofia, à teologia, às ciências naturais. E de tudo ele falava com um brilho e uma paixão encantadoras. Suas aulas, suas palestras, sua conversa eram inspiradoras e contagiantes.

Era um grande "causseur". Discorria, com o mesmo talento sobre Goethe, Darwin ou Napoleão, sobre o Império Romano ou a Revolução Francesa, sobre os enciclopédistas, os iluministas, a Renascença, ou os filósofos gregos.

A biblioteca de tio José era um espelho da melhor cultura de sua época. Em suas prateleiras estavam enfileiradas as obras de Augusto Comte e os positivistas; os estudos de Haeckel e Darwin sobre a seleção natural e a sobrevivência da espécie; os filósofos e dramaturgos gregos, de Sócrates a Platão; de Esquilo a Eurípedes; os grandes escritores franceses, Flaubert, Anatole France, Victor Hugo, George Sand, Alfred Musset, Chateaubriand, Maupassant, Stendhal; os ingleses Somerset Maugham, Oscar Wilde, Bryan Bernard Shaw; os russos Tchecov, Dostoiwski, Gogol; os portugueses Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigueira, Guerra Junqueiro, Antero de Quental; os brasileiros Machado de Assis, Arthur Azevedo, Coelho Neto, Castro Alves, Gonçalves Dias, Tobias Barreto, Tavares Basto, João Ribeiro.

Depois de revestir de estantes e prateleiras todas as paredes de seu escritório, tio José construiu laboratório de estantes no meio da sala, onde se amontoavam, entre livros jurídicos, Bacon, Marx, Twain, Rousseau, Descartes, e se esparramavam livros de Goethe, Dante, Schiller, Petrarca, Shakespeare, Carnes, Milton, num transformamento de beleza e de cultura.

Lá entrava na biblioteca de tio

José como um incêndio em um templo, como Victor Hugo em Notre Dame, como Séneca na Acrópole. Presenteia naqueles livros um mundo maravilhoso que iria devendar.

Aos poucos fui tomado de contacto com a infinita galeria de autores do tio José. Primeiro fui "O Guarani", de José de Alencar. Depois "Uma Légima de Mulher" e "O Ateneu", de Raul Pompeia, e "O Corcoco", de Aluizio de Azevedo. Um dia, o próprio tio José, vendo-me hesitante ante as prateleiras, como um beduíno diante da Estrela, pôs em minhas mãos as "Memórias Postumias de Bras Cubas".

Os dias foram assim que descobri Machado de Assis e Eco de Queirós, cujos livros até hoje relevo com encantamento. Finalmente descobri os autores que revolucionaram meus pensamentos e minhas convicções e me deram explicações racionais para minhas divisações. Darwin e Haeckel, sobre as origens de homens e a evolução da espécie; Kant e Laplace sobre as origens do universo; Augusto Comte sobre a evolução da sociedade.

Darwin me fez ver que as formas animais existentes não surgiram repentinamente por decreto divino, mas gradualmente, através da evolução orgânica de formas previas. O homem e o universo desviam-se de ser fragmentos caóticos dentro de uma estrutura sistemática para ser produto de transformações lentas e ordenadas, ocorridas através de milhões de anos.

Ao mesmo tempo Kant e Laplace me transmitiam uma dimensão de eternidade da mecânica celeste, enquanto Comte me impressionava por seu humanismo pragmático, sua preocupação com as leis dos fenômenos sociais e o desenvolvimento da espécie humana. A sua famosa lei dos três estádios (teológico, metafísico e positivo) seduzia-me como a criação do mundo e da sociedade.

Meu entusiasmo por Comte, porém, se arrefeceu quando percebi que gradualmente seu pensamento se transformava de filosófico em religioso.

Fui então querer substituir o Deus cristão pelo Deus positivista. O que eu buscava era uma explicação racional para o homem e o Ceu.

#### As quatro versões de Deus

Meu irmão Maurício, general

do exército, diz com humor de solido que o Padre Roberto foi o último padre verdadeiro do Brasil. Os outros eram padres CPOR. Creio que ele quer com isto estabelecer uma equivalência entre os oficiais da reserva do exército, de formação civil, e os padres mais liberais e humanos das novas gerações, os filhos de João XXIII.

Padre Roberto era da escola antiga, daquela igreja filha do Velho Testamento, feita de trovões, raios e punhões. Tinha o fanatismo de Savanarola e não a piedade do Passeio de Assisi. Seus sermões eram ameaças de Satanás, eterno e sofrimento. Via o mundo através das lentes do pecado e do mal. Enfurecia-se ante os olhares amurosos dos jovens casais. E prendia as turmas de sua religião intolerante, ameaçando céus e terra.

A Igreja dos Evangelhos, a igreja do Cristo e Madalena, esta está representada nas memórias de minha infância por D. Graciela.

Sua dedicação, sua fé, sua bondade se refletiam em seus olhos. Olhos doces, piedosos, humildes como os olhos de um cão. Toda ela era religiosidade. Mas sua religiosidade era generosa, tolerante, boa. Não ostentava sua crença em Deus, nem sua bondade. Deus e a bondade eram apenas instrumentos que utilizava a serviço de seus pobres.

Toda de negro, desordada de si, ostentando sempre as insignias da Congregação do Sagrado Coração de Maria. D. Graciela passava seus dias batendo de porta em



porta, pelas ruas ensolaradas de Parnaíba, mendigando os ricos; ou dos menos pobres, a esmola com que iria em seguida socorrer os miseráveis e os doentes.

Ai, D. Gracinha, inexpressiva, humilde D. Gracinha, e sua a versão de Deus que guardo com carinho, com sua vinciação de perdoar, de fazer o bem, de se dar totalmente aos que precisam.

A outra versão de Deus que me ficou da infância foi-me transmitida por Alarico da Cunha. Alarico foi meu primeiro contato com a metafísica e o espiritualismo. Busto quase gordo, rosto redondo, de uma serenidade oriental, olhar imóvel de meditação, tinha a feição de um Buda capira.

Alarico era um homem de intensa vida espiritual, antes um espiritualista do que um espírita propriamente Medium. Ele bus-

cava a comunicação com os mísseis. Acreditava e cultivava os fenômenos extrasensoriais, a telepatia, a clairvoyância, a premonição. Mas acima de tudo, era um crente na realidade de um mundo espiritual, não material. Técnicamente, não tinha a posição de um iluminado, mas a de um pesquisador da sabedoria e da essência divina. Para ele, como para Spinoza, o universo era a evolução da natureza Divina - o princípio de unidade imutante no todo, a essência de todas as coisas.

Alarico preocupava-se com a origem, o destino e a significação do mundo e da vida humana, e com a relação de Deus com a alma. Cria, com Reida, que a alma do homem, como um microcosmo, resume a natureza das coisas, e anseia, por auto-abrigação, integrar-se em Deus. Com Alarico aprendi a ver a religião de uma perspectiva universal.

Finalmente, mais uma figura de minha infância ligada a minhas primeiras impressões religiosas: D. Ana Calango

D. Ana Calango morava em frente à casa de meus pais, do outro lado da rua. De nossa janela, eu liajava às vezes contemplando sua casa pequena, modesta, muito limpa... com seu diminuto quintal de chão batido, onde se erguia um imenso tamareiro, de galhos retorcidos e possantes.

Eu tinha por D. Ana Calango um misto de respeito e de medo. Uma curiosidade incontida de ver

seus despachos e suas encantadas. E ao mesmo tempo o medo da aura de bruxaria que a envolvia.

Em minha mente infantil, misturava os rumores e as versões sobre as atividades de D. Ana, e as histórias de bruxas, de feiticeiros, de almas penadas, que havia fascinado das cumbias e das mucamas.

D. Ana era um valente: dos cultos afro-brasileiros e presidia um terreiro de candomblé no bairro dos Tucuns, onde incorporava orixás para realizar seus milagres. Muitas pessoas acreditavam nos seus poderes extra-naturais, na força dos seus despachos, nos acontecimentos bons ou maus que deles resultavam.

Outras achavam que ela apenas intuita o que ia acontecer, ainda que inconscientemente, antecipando eventos que terminavam por consagrá-la.

Esta tese encontra apoio hoje em estudos que explicam a despacho como resultado de um conhecimento intuitivo, premonitório, recebido em estado hipnótico. O atabaque, dizem eles, é o sinal sinal da hipnose, anula o meio exterior e o consciente, anula os sentidos, e conduz ao estado entre a vigília e o sono, que propicia as visões intuitivas.

Estes são fenômenos que hoje são vistos mais estranheza. Alguns cientistas vêm mesmo realizando pesquisas para a correção nos impulsos elétricos deficientes observados no cérebro dos apeliticos, através das batidas do atabaque, o que justifica a afirmação de Louis Pauwels que acreditava na "passagem da imitação mágica para a tecnologia científica". Na realidade os trabalhos de Pauwels e Bergier sobre o ultraconsciente abriram perspectivas para a análise destes fenômenos, até agora catalogados como bruxaria ou magia negra e mostraram que, atraídos desses acontecimentos, podem esconder-se realidades extraordinárias.

#### A Antevéspera

Na antevéspera de minha partida para o Sul, como era eu? O que pensava? Quais eram minhas crenças e convicções?

Tento olhar para trás e reconstituir as crenças, as esperanças,

os pensamentos daquela jovem de 18 anos que me evocava de sua fotografia esvaída, sonhadora, contante. Cinquenta anos nos separam. Volto ao passado. Penso no que me aguardava naquela intrugada de uma nova existência. Fomos a safra de 32. O mundo estava mergulhado numa crise sem precedentes, imerso no abalo em que o lançara a cracete e Bolsa de Nova York. A sociedade estava dividida em correntes polêmicas irreconciliáveis. Hitler assumiu o poder. No Brasil, entre giros das agitações da Revolução de 30 e entraramos na era golpista. São Paulo encerrou, em milhão, o drama de 35. Nas ruas de nossas grandes cidades, os partidos das universidades e das faculdades, integralistas e socialistas travavam verdadeiras batalhas campais.

Nos próximos sete anos o país enfrentou a revolução comunista de 35, a tentativa de "pich" de 37, a instalação do Estado Novo e o inicio de uma segunda guerra mundial. Havia pobreza, desemprego e estagnação.

Era esse o clima em que eu disputava um lugar ao sol. Carrava para este quadro de agitação política, de recessão econômica, de um mundo dividido, com ingenuidade e o despreparo do velho provinciano. D'Artagnan chegava as portas de Paris.

**Visite em  
Campo  
Maior,  
o Museu  
do Couro e  
Monumento  
do Jenipapo**

## FATOS & NOTÍCIAS

### Resultado do I Concurso de Argumentos e Roteiros para Super-8

Os três primeiros lugares, do I Concurso Piauiense de Roteiros e Argumentos para Cinema Super-8 foram de Francisco Raulino Vitorino Orthiges, com Os Mimbros de Amarante; Dácio Inápiuno da Silva, com Pagode de Amarante, e grupo Mel de Abelha, com Da Costa e Silva, organizado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo com o apoio da Secretaria

de Educação e Prefeitura Municipal de Teresina. O valor do prêmio importa em Cr\$ 400.000,00 por filme. Os prêmios serão entregues em duas parcelas: a primeira, de 70% e a segunda em 30%. A comissão julgadora foi formada por George Henrique de Araújo Mendes, Marcos Antônio Riso, Arnaldo Albuquerque, José Medeiros Noronha e Glória Sandes Freitas.

### Novos Contos Piauienses

A SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO lança, em abril, o livro NOVOS CONTOS PIAUIENSES que reúne os contos premiados e classificados no II e III Concurso de Contos "João Pinheiro" promovido por essa secretaria, impresso pela COMEP

### A Fotografia como Linguagem

Foi realizado no museu do Piauí, o curso "A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM", ministrado pelo Profº Walda Moura Santos Leite. O curso promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, teve o apoio da FUNARTE e objetivou situar a fotografia no contexto artístico em geral, confrontando a linguagem foto-

gráfica com as demais existentes.

O curso constou de vários módulos, entre eles a história da fotografia, aulas sobre a fotografia na comunicação e as imagens fotográficas.

Após a realização do curso foi realizada uma exposição com os trabalhos dos participantes na galeria do Museu do Piauí.



Foto resultante do Curso, de Maria Neusa Martins

## FATOS & NOTÍCIAS



Grupo Avante — Cenas de jogos de Dança

### Vitalização dos Conjuntos Habitacionais de Baixa Renda

### Clube dos Diários será a Casa da Memória

O GOVERNADOR HUGO NAPOLEÃO, atendendo proposta do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Dep. JESUALDO CAVALCANTI BARROS, declarou de utilidade pública, para fins de desapropriação, mediante acordo ou judicialmente o prédio da sede do Clube dos DIÁRIOS, visando transformá-lo na CASA DA MEMÓRIA DE TERESINA. Por outro lado, segundo o Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, já tramita no Conselho de Cultura uma proposta sua no sentido de tombar o prédio, mediante sua inscrição no Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

O secretário de Cultura, Jesualdo Cavalcanti, encaminhou ao gerente do BNH, cópia do Projeto de Vitalização dos Conjuntos Habitacionais de Baixa Renda, que visa implantar em cada conjunto, um sistema de subcomitês para a elaboração de planejamento partici-

## Teatro Aberto

Com o objetivo de levar mais público ao teatro, foi lançado o Projeto Teatro Aberto, numa promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, e Fundação Cultural do Piauí executado pelo Coordenador e Diretor do Teatro 4 de Setembro, respectivamente Afonso Lima e Alda Cadah.

O projeto que vai imprimir uma nova marca na cultura do Estado, está sendo apresentado duas vezes por mês, constando de apresentação de shows musicais, peças de teatro, espetáculos de dança, folclore e literatura. O primeiro grupo a apresentar-se foi o "Avante", direção de Leonora Paiva, sob enormes aplausos.

pativo nas atividades desportivas, recreativas, artísticas e culturais geradas nos conjuntos habitacionais. O projeto será financiado pelo BNH. No inicio, o Projeto será desenvolvido em Teresina em caráter experimental, se expandindo para outros municípios piauienses.



Clube dos Diários

## FATOS & NOTÍCIAS

### Empresas Privadas incentivam a Cultura

A Fundação Cultural do Piauí há muito que tenta junto às empresas privadas, patrocínio para suas programações, reportando-se mesmo aos 5% do lucro operacional dedutível no I.R., previsto e apoiado por Lei Federal.

A Antárctica do Piauí, sensível ao apelo tem dado inteiro apoio à Feira de Arte realizada em várias praças da capital, já no seu 5º ano.

Sabemos que a empresa tem seu retorno, mas poderia trá-lo também em outro sistema de marketing. Sabemos, ainda, que a Feira funcionaria sem o apoio da empresa, mas por que não se fazer uma negociação honesta, leal e enriquecer o trabalho como vem sendo feito para o bem maior da comunidade?

A Fundação Cultural aprecia bastante a adesão de outras

empresas às suas programações num retorno justo à comunidade dos seus serviços.

A Sousa Cruz também sensível, co-patrocina o Salão de Artes Plásticas do Piauí, como o fez anteriormente.

### Casa de Odilon Nunes será restaurada

Convênio no valor de Cr\$ 31 milhões 464 mil e 190 foi assinado entre o secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, e o presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Marcos Vinícius Vilaça, com a intervenção da Secretaria de Cultura do MEC, com a finalidade de restaurar a Casa Odilon Nunes para ser o Centro Cultural de Amarante.

A Casa Odilon Nunes, tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através do SPAHN, é da última década do século passado, e foi construída por Gil Nunes, que morou nela

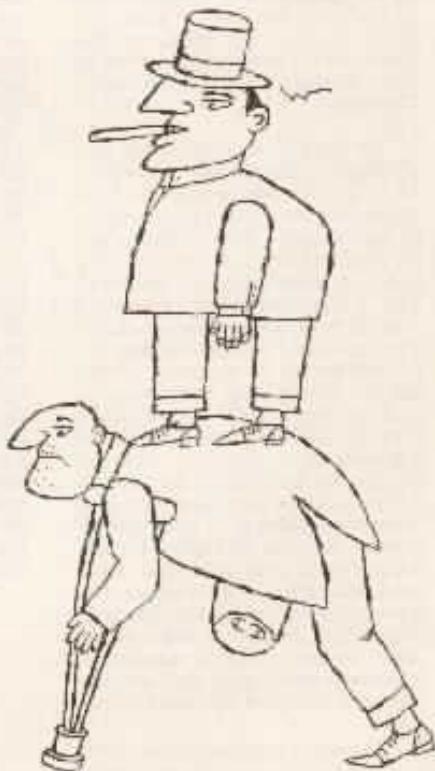
muitos anos. Em 1930 passou a ser o Ginásio Amarantino, servindo, ainda, de moradia para os seus professores. Ali, além do historiador Odilon Nunes, iniciaram-se nas letras Joca Vieira, Cunha e Silva, Eurípedes Melo, Antônio Castro e Júlio Mendes.

O secretário Jesualdo Cavalcanti assinou, também, convênio com o presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, no valor de Cr\$ 24 milhões e 933 mil, para projeto de restauração da Casa do Céone, em Oeiras, para que seja utilizada como pousada, sob administração da Rimo - Rede Integrada de Hotéis e Motéis do Piauí S.A.

### IV Concurso de Contos "João Pinheiro"

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através da Diretoria de Assuntos Culturais, lançou IV Concurso de Contos "João Pinheiro". As inscrições estão abertas até o dia 30 de junho/84, na av. Miguel Rosa, nº 3.300-sul. O objetivo do concurso é premiar os melhores contistas piauienses ou radicados no Estado.

## HUMOR Albert Piaui



# Conversa de Bar Sobre Poesia

Eduardo Maffei

Há tempos, escrevendo sobre ele, num desses repentes que saltam das máquinas qual duendes, titulei Francisco Miguel de Moura como Chico, o poeta do Piauí. Não que ele seja algum Homero que, através de metempsicoses sucessivas, houvesse nascido nesse estudo em mau estado. Mas por ser nele que faz guerrilha cultural, tentando conquistar espaço para manobras num campo minado pela indiferença cultural e pelas novelas sucedâneas dos folhetins, também alienantes. Embora a boa poesia represente a quantidade literária transformada em qualidade, os poetas são vistos com desdém num mundo no qual a simples sobrevivência transformou-se numa complicada operação. As manifestações superiores do espírito das quais a chamada civilização tanto se orgulha, especialmente a poesia, estão se tornando, à míngua de tempo, pela massa de problemas e diversionismo intencional, de acesso cada vez mais difícil. E ser poeta em tais ambientes e tempo é ser, além de guerrilheiro, idealista e teimoso. Qualidades, alias, dos guerrilheiros.

Somos o produto final das eras geológicas. Da última, a cenozóica, cujo derradeiro período foi o quaternário no qual o pliocênico, a época final. Nele, diferenciando-se do antropóide de onde proviera, pelo trabalho que desenvolveu na lógica do conhecimento, a inteligência apareceremos como seres humanos. O homem, enfim.

Vinhamos da natureza sentindo nela nossa mãe. Sem imaginar que no século XVII, um "médecin très illustre" segundo Leibniz seu parceiro de inteligência, se fardim de origem metafísico do racionalismo — para empregarmos uma expressão poética — pelo pensamento. Spinoza de nome, filósofo excepcional, afirmaria que Deus, ou a Substância, é a Natureza. Por esse tempo a abominável besta da Inquisição andava à solta e ele ateu, tentou mascarar sua convicção materialista pela qual a Natureza era a origem de todas as coisas.

Quando o homem deu-se conta que era o centro do mundo passou a indagar o sentido de tal, procura-

rando interpretá-lo e representá-lo. Foi então que a mãe natureza passou a ser cultuada totemicamente através de uma pré-filosofia bronca e incipiente, mas filosofia. A primeira representação deve ter sido uma escultura; a de um totem. E, no ocaso do pliocênico, surgiu o paleolítico em cujo fim o troglodita fez desenhos e pinturas rupestres nas paredes das cavernas que o abrigavam, criando a até hoje notável arte paleolítica. Por esse tempo, por certo, o ouvido de nossos ancestrais beberia o gorjeio dos pássaros, o coarcar dos sapos, o zumbido dos insetos, a pastoral das florestas e as declarações de amor — convite à comunhão sexual — como necessidade do espírito para a satisfação biológica. Disso tudo e talvez pela ingestão de vegetais alucinógenos que nos levaram ao mundo dos sonhos, deve ter brotado o primeiro poeta à espera da descoberta da escrita. O poete é o cogumelo sagrado — até hoje — de certas tribos mexicanas e norteamericanas. Seu principal alcaloide, a mescalina, produziu, pela ingestão, devaneios fantásticos no genial escritor Aldous Huxley. Sua colheita representa um milenar rito penoso entre os Huichol e Tarahumare no México e os Kiowa, Comanche e Apache ianques. A cerimônia de ingestão, sobretudo entre os Huichol que conservaram a pureza da tradição, é movimentada pelo canto "Penas azuis", que evoca um mito em que o cacto maravilhoso os faz desprender para o mundo poético dos sonhos, que persistem por muitos anos, mesmo após o mescal efeito. Esse ritual é sagrado. E dessa conjunção entre o existente e o sobrenatural talvez, em tempos imemoriais, tenha surgido o aedo. Que deve — na época do culto à Natureza — por certo se ter antecipado às estrofes de Guerra Junqueiro, o nunca assaz tão lembrado vale lusitano.

Já mais Deus com certeza  
Nós carregámos no hombro  
Que nessa Biblia sónya "O Natureza  
A unica libra"...

Quando a filosofia desabrochou como ciência, pensadores

notáveis como Empédocles e Parménides, transmitiram seus conhecimentos através de poemas, dos quais o *Hexagonal*, do último, continua atual e, pelo visto, será eterno, pelo menos enquanto não chegue a primavera atômica que o exterminará, juntamente com os poetas, filósofos e a humanidade que surgiu no fim do pliocênico como obra da Natureza e será destruída pelo engenho humano. Aristóteles, sem o qual o pensamento continuaria castrado até hoje, disse: numa expressão miúda, um universo de sabedoria: "A poesia é mais verdadeira que a História". Realmente, por ela, só a verdade daquilo que o espírito percebe e comunicada, enquanto a história a possui a cada momento de acordo com os interesses oficiais. Há, por isso, por amor ao homem que cultuou a natureza, por respeito aos filósofos, por respeito aos artistas e, por respeito à verdade que respeitar os poetas inclusivo Chico, o poeta do Piauí.

Para Gabriel D'Anunzio — e para Câmara Cascudo também — qualquer credo camponesa tem tanto valor quanto as lendas homéricas cantadas pelos rapados Bar Carnaúba, título do novo livro de versos de Chico, existiu no centro de Teresina, capital de um Estado que eu amo. Talvez porque a primeira grande reportagem sobre "Sete Cidades" publicada em revista de âmbito nacional O Cruzeiro (jul. 1944), tenha sido efetuada por mim. Quando, recentemente, me apontaram a esquina em que se sediava, lembrei-me, duas vezes, de Paris. Porque, em 1943, quando Paulo Emílio Salles Gomes, um dos melhores companheiros que tive, entusiasmado com a beleza das mulheres tropicais, desejava do conventinho cabare da Jerusa — os velhos, como eu, de Teresina, por certo lembrar-se do dele — ele que conhecera os "moulin", exclamou: "Teresina é melhor que Paris!" Lembra por causa da "Rotonde", bar parisiense em que se reuniram, em seu tempo, Picasso, Fugita, Ilya Ehrenburg, Rivera, Chantal, Maiaovski e Hemingway. E também Mondigliani que trocava, com Libion, o dono do botejo, postais em que pintava marinhas a troco de doses de cognac. E que ele as punha fora por nem

pensar que elas valeriam, mais tarde, fabulas. Contentou-se em participar dos comentários quando 24 horas depois do pintor falecer, sua companheira suicidou-se. A diferença é que o "Moulin Rouge" e a "Rotonde" continuam a existir. O castelo da Jerusa nem mais a memória pertence. E o bar Carnaúba está ressuscitando pelos versos de um poeta.

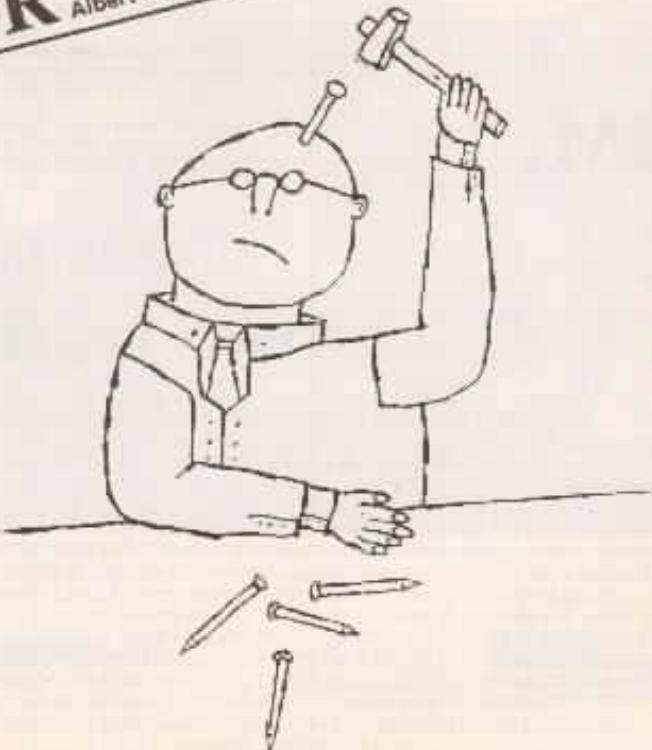
Em todas as cidades do mundo houve seu bar célebre. Foi em tavernas que Thackeray, Disraeli, George Elliot e Dickens, le na "George". Stanford, Walter Scott, que ancoraram, durante muitas horas, os barcos de suas vidas. Certa mulher, que fez história por sua enfeitiçante beleza, nascida em 1761, de família humilde, EMMA de nome, tornou-se amante de Nelson, o vencedor das batalhas de Abukir e Trafalgar que deram novos contornos aos destinos do mundo, de 1798 a 1805, do que resultou uma filha em 1801. Mais tarde tornou-se amante de Sir William Hamilton, embaixador inglês em Nápoles, de quem seria esposa, quando o pintor da feminilidade, Romney, a retratou, numa obra célebre de museu. Morreu como Lady em 1815. Foi numa taverna, em Burford Bridge, que ela e o almirante encontraram-se pela última vez na troca do adeus. Foi na "Closerie

de Lilas" que Scott Fitzgerald leu os originais de Great Gatsby para Hemingway e o "Café de Fleurs" foi ponto diário de Sartre e Simone de Beauvoir. Portanto, nada mais poético que o título de um bar num livro em homenagem aos momentos que amalgamaram amizades e despertaram ideias.

Há em geometria uma figuração chamada epura, projeção, no plano, de uma figura no espaço. O livro de Chico é uma épura de tudo aquilo que ele captou, transformando em verso para que merecesse o "tanto no simples como no profundo", em terras do Piauí, que muito amamos / es cria, criador e criatura", de Hardi Filho, o prefaciado. Há uma olência de saudade nos versos da pg. 15 "Bar Carnaúba de ontem; ainda te bebo na lembrança / liberdade curtida: — Você não caiu." Mesa não é lugar de comer e beber; é posto de observação e exéda de conversa para a qual a comida e a bebida são pretextos. E sem liberdade não há conversa livre. "Ordem e Progresso", é levantamento das coordenadas em que se situa a terra piauiense, em versos. Em "Meu outro rio" há "No verão, branco banco de areia/ na noite um só mar de lua cheia", quase um eco de Catulo. Em "Mar e cantar e morte" uma receita sublime: "Quero morrer de amor/ co-

mo os santos vivem." Se a única medida de amar é amar sem medida, essa aspiração é digna dos versos de "Saudade": "Coisa passada. E passou/ por fora e fica por dentro". Em "Canção para mamãe" é um convite à inveja de outras mães que não tiveram um filho poeta. Ignora se quando Chico frequentava o bar Carnaúba já se casara com Mécia, sua mulher desde que nasceu e, fortuitamente, por cartório e altar que juntos sagraram qualquer amor. Em "Noturno para minha mulher" há um sabor de felicidade daqueles casais que a conseguem através da tolerância motiva dos defeitos que adquirem o caráter de qualidades. Pergunta-se, depois de le-lo: — Mécia permitiu que Chico saísse sozinho às horas noturnas para o bar Carnaúba? Mesmo que fosse para fazer noturnos (ou notadas?) — "Vista de Timon é uma beleza de poesia. Versos como 'da fome que te nutre' e 'em mulheres que se vendem e se penetram', 'das famílias apodrecidas no mando' e 'Caço um jeito covarde de te amar, Teresa...', valem um vate em qualquer banco de cultura pela antítese poética de uma brutal realidade nacional, a fome, e social do comércio do sexo pelas suas honestas mercadoras que, pós-pílula, sofrem desleal concorrência. Nada poética.

## HUMOR Albert Pisul





# POETAS DE ONTEM, HOJE

## A ARANHA

ESTENDE O FIO FINO E A FINA TRAMA TECE  
A DILIGENTE ARANHA EM CONTINÚO LABOR...  
E, A TRAMAR, ASSIM, NATURALMENTE ESQUECE  
A ATORMENTADA LIDA — O SOFRIMENTO E A DOR...

E, VALE VEM E VOLVE E, EM VOLTEIOS, PARECE  
QUE UMA DANÇA EXECUTA, EM MEDIDO RIGOR,...  
POR FIM SE IMOBILIZA OU FINGE QUE ADORMECE,  
A CARÍCIA DA LUZ NO MÓRBIDO CALOR...

O CEREBRO TRABALHA — O PENSAMENTO É A TEIA  
QUE ESTREMECE, SE LIGA E PRENDE E SE ENRODEIA  
EM Torno dessa OCULTA E DILIGENTE ARANHA...

O POETA EM FIOS DE OURO, AS ARANHAS IRDE E TECE  
NO LABOR QUE O FASCINA, A PRÓPRIA MÁGOA ESQUECE  
E, APENAS A SORRIR, MOSCAS DE LUZ APANHA...

Jônatas Batista

## Traços Biográficos

Jônatas Batista nasceu em 18 de abril de 1885, em Natal (hoje Monsenhor Gil) e faleceu em 15 de abril de 1935, em São Paulo. Neto de David Caldas, seu patrono na Academia Piauiense de Letras, codreira n.º 4, sendo o primeiro ocupante. Poeta, jornalista, conferencista, teatrólogo, ator e criador de clubes teatrais (hoje, chamados grupos teatrais). Foi o nosso primeiro representante da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais),funcionário público federal graduado. Dominou por três décadas a vida teatral teresinense (até meados da década de trinta). É sem dúvida alguma, um dos mais expressivos autores de peças teatrais do Piauí. Fundou os jornais — "A Patria", "O Mensageiro", "O Arrebol", "O Operário", "Alvorada", uma das melhores revistas de arte de Teresina, "O Faúlo", soturnário enciabrado, em luta aberta com Esmaragdo de Freitas e Da Costa e Silva. Autor das peças: "Maurinha", "Teresina de Improviso", "O Bicho", "Trotos & Erutas", "Juíta — a Heroina de 1865", entre outras. Conferências, viagens, peças, deixou inéditos diversos.

---

# Purificando Água, Multiplicando Saúde.

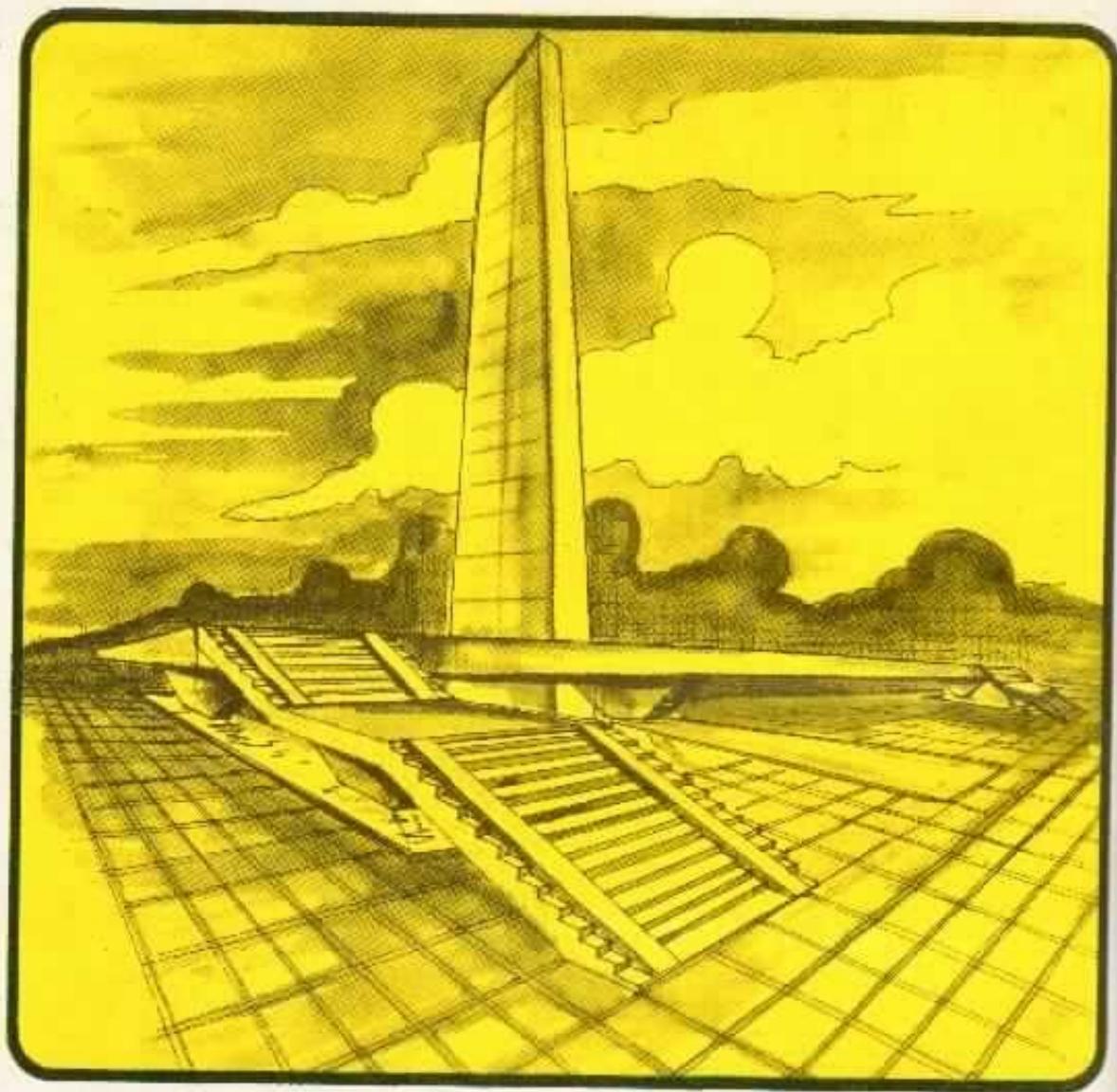


**AGESPISA**  
ÁGUAS E ESCÓTOS DO PIAUÍ S.A.



GOVERNO  
HUGO NAPOLEÃO

---



# MONUMENTO DO JENIPAPO

Campo Maior·Piauí·Brasil

Secretaria de Cultura,  
Desportos e Turismo

